



ARLETE FONSECA DE ANDRADE



CANA E CRACK: SINTOMA OU PROBLEMA?

*UM ESTUDO SOBRE OS TRABALHADORES NO CORTE DE CANA E
O CONSUMO DO CRACK*

Mestrado em Psicologia Social

PUC/SÃO PAULO

2003

ARLETE FONSECA DE ANDRADE

CANA E CRACK: SINTOMA OU PROBLEMA?
*UM ESTUDO SOBRE OS TRABALHADORES NO CORTE DE CANA E
O CONSUMO DO CRACK*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Peter Kevin Spink.

Mestrado em Psicologia Social

PUC/São Paulo

2003

Prof. Dr. Peter Kevin Spink

Prof. Dr. Odair Sass

Prof.a. Dra. Leny Sato

Dedico este trabalho aos cortadores de cana,
acreditando em um futuro melhor.

Á Alice Correia de Andrade, minha avó e meus
pais, Areno e Alzira.

**“Sem trabalho, toda vida apodrece. Mas, sob um trabalho
sem alma, a vida sufoca e morre.”**

Albert Camus

RESUMO

Neste estudo, pretende-se analisar a condição dos trabalhadores rurais, notadamente aqueles que se dedicam ao corte da cana-de-açúcar na região de Jaú/SP, intercalando a discussão entre o processo da formação histórica e cultural dessas populações e os aspectos relacionados com o uso e abuso de drogas, especificamente o crack.

A metodologia de análise fundamenta-se na *fenomenologia social*, Alfred Schütz, dando forma teórica ao que o autor denomina o mundo da vida cotidiana, onde as pessoas não teorizam a respeito de suas práticas. Um mundo real e intersubjetivo, em que as pessoas interagem umas com as outras naturalmente; ou seja, a partir do senso comum, os homens vão interagir com seus valores, cultura, crenças, etc.

Das entrevistas, tanto com os profissionais que realizaram atendimento aos cortadores de cana que estavam consumindo crack como com os próprios trabalhadores, surgiram vários questionamentos como: a droga relacionada ao trabalho; questões sociais; ruptura com os vínculos familiares e religiosos; a condição precária de sobrevivência desses trabalhadores inseridos num sistema baseado na exploração da mão-de-obra e expropriação de suas terras onde todos seus valores acabam sendo desenraizados.

Assim, a intenção será analisar pontos em comum que possam oferecer respostas às questões sobre os porquês do consumo de crack por parte dessas populações.

ABSTRACT

This study analyses the rural workers' condition bringing into focus the sugar cane cutters in the region of Jaú, State of São Paulo. The discussion goes through the process of historic and cultural formation of such population and the aspects related to the use and abuse of crack.

The methodology for analysis is based on the *social phenomenology*, with which Alfred Schütz places under a theoretical view the concept of world of the everyday life meaning that people do not theorizes their daily practices. A real and intersubjective world on which people interact on each other naturally, that is to say that people interact based on their own values, culture, beliefs, and so on, following their common sense.

The interviews made with the professionals who attended the sugar cane cutters who were crack consumers and with the workers brought up many questions such as the relationship between drugs and work; social questions; rupture of religious and familiar ties; precarious survival condition of these workers inserted in a system based on the labour exploitation and expropriation of their lands having as consequence the rootlessness of their values as a whole. In this way, the purpose of this study will be the analysing of the common reasons which lead that specific group to the consumption of crack.

AGRADECIMENTOS

A construção e finalização desta dissertação de mestrado contou com a participação e apoio de várias pessoas queridas. Sem elas, não haveria nem emoção e nem brilho no decorrer desta trajetória.

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os cortadores de cana que participaram desta pesquisa. A recepção afetuosa que tive por todos no canavial não poderia ser mais gratificante. Em especial quero agradecer a Cristiane e ao Cícero, cortadores de cana que lutam por um futuro melhor. A gentileza e grande contribuição que ofereceram foi estimulante para que eu continuasse a me interessar pelo tema.

A minha mãe, Alzira da Fonseca Andrade sempre bondosa e generosa, ensinando-me a valorizar todos os momentos de minha vida. Acalmava-me e confortava-me nos meus momentos mais difíceis, fazendo com que eu não desistisse dos meus objetivos.

Ao meu pai, Areno César de Andrade, por me ensinar na vida o significado da perseverança e do trabalho na conquista dos meus sonhos e desejos com dignidade. O amor e apoio que recebi deles foi incondicional, compreendendo assim, meus momentos de ausência. Sem isso seria quase impossível a finalização desta dissertação.

Ao Ricardo dos Santos Malafrente, grande companheiro que apoiou esta pesquisa em todos os sentidos durante esses anos de trabalho. Nos momentos em que compartilhava minhas angústias e incertezas contagiava-me de alegria com seu lindo olhar e sorriso renovando minhas forças para que eu continuasse em frente.

A minha grande e querida amiga Isabela Pennella que acompanhou-me nesta trajetória desde o início sem me abandonar um minuto sequer. Sempre disposta a me ensinar e discutir questões fundamentais no enriquecendo desta pesquisa, confortando-me em todos os momentos. O maior presente que pude receber de uma pessoa, eu recebi. Recebi a amizade de uma pessoa maravilhosa sem pedir nada em troca. A amiga Isabela agradeço pela grande contribuição e carinho que tem por mim e por esta dissertação.

Ao meu grande e querido amigo Mário Antônio de Moraes Biral, que assumiu comigo esta “filha” (a dissertação) em todos os sentidos. Biral, como o chamamos, sempre esteve presente, orientando-me nas várias leituras que fez nesta dissertação com críticas e sugestões, sem deixar o carinho de lado. Prestativo, intermediou-me nos contatos com o Prof. Dr. Igor Vassilieff do CEATOX de Botucatu e com o Presidente da FETAESP, Sr. Mauro a qual as entrevistas foram fundamentais para a presente pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Peter Kevin Spink, que aceitou esse desafio comigo. Seus ensinamentos preciosos transmitiram conhecimento e estímulo a cada dia no desenvolvimento desta dissertação.

A Prof^a. Dr.^a Maria Aparecida de Moraes Silva, que durante suas aulas na PUC/SP ensinou-nos a valorizar o homem do campo e sua cultura a cada dia. Agradeço por seus ensinamentos além de sua participação na minha qualificação.

A Prof^a. Dr.^a Carmem Junqueira, grande professora e amiga que estimulou o princípio da minha escrita neste trabalho. Sempre carinhosa e atenciosa.

Ao Prof. Dr. Odair Sass, pelas valiosas sugestões que fez em minha qualificação.

Ao Prof. Dr. Antonio da Costa Ciampa agradeço pelas primeiras discussões e contribuições referentes ao presente tema.

A Prof.^a Dr.^a Leny Sato por aceitar prontamente o convite em participar da minha banca examinadora.

A Emilene do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais por sempre me orientar e auxiliar nos trâmites administrativos da PUC/SP. Excelente profissional, além de prestativa em todos os momentos.

Agradeço a grande contribuição dos profissionais que entrevistei durante a minha pesquisa, são eles: o Prof. Dr. Igor Vassilieff, os profissionais do CEATOX de Botucatu, a Dra. Eliete, o Pastor Valter, o Sr. Francisco, Coordenador do Sindicato

Rural Patronal, o Sr. Mauro, Presidente da FETAESP e o Sr. Polaco, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mineiros do Tietê. Estas pessoas receberam-me com carinho cedendo horas de seus dias para as minhas entrevistas e indagações em relação aos aspectos do trabalho no corte de cana e esclarecimentos sobre o crack.

Ao meu querido Thor que não saiu nenhum minuto do meu lado e quando encontrava-me exausta e desanimada, distraía-me com suas brincadeiras graciosas, fazendo-me rir e relaxar todo tempo.

A minha amiga Ana Maria Augusta da Silva sempre interessada em me ajudar, ora discutindo a temática do rural, ora buscando em sua biblioteca particular livros que pudessem me auxiliar e desenvolver da melhor forma possível minha pesquisa com suas ricas sugestões. Estimulando-me para que eu seguisse em frente.

Ao André Pomorski Lorente, meu revisor de português que com toda a paciência e tranqüilidade arrumava meus erros, além de entregar os textos rapidamente para que eu pudesse acertar os detalhes finais.

A minha amiga Myrt-Thânia de Souza Cruz por compartilhar comigo as discussões referente a temática do rural enriquecendo assim minhas idéias. Agradeço também pela sua disposição e carinho que teve em esclarecer minhas dúvidas quanto aos trâmites institucionais da PUC/SP visualizando as soluções necessárias.

A minha amiga Rejane Teixeira pela amizade e carinho que sempre dedicou a mim desde que nos conhecemos no mestrado da PUC/SP estimulando assim, a presente dissertação.

Aos amigos Marize Duarte e Haluo pelas grandes contribuições sobre a temática do rural em nossos encontros no NET (Núcleo de Estudos da Terra).

Aos meus sobrinhos Luciana de Andrade Olivieri Braga e Felipe de Andrade Olivieri, pelo apoio moral, emanando energia positiva para que as minhas dúvidas e incertezas desaparecessem.

Ao SENAR/SP (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) por ter apoiado e financiado grande parte desta pesquisa, deixando-me tranqüila nesse aspecto para que eu pudesse estudar e pesquisar sem haver este tipo de preocupação.

Aos funcionários do setor da informática do SENAR/SP, em especial Andréia Medeiros Gonçalves e Fabiana Gonçalves de Lima, pela disponibilidade e carinho que tiveram comigo em todos os momentos em que as solicitei para resolver minhas crises e dúvidas nesta área.

A Délia Corredoni, Sr. Paulo Bonater e Nilson Kikutu, do departamento pessoal e de finanças do SENAR/SP pela disponibilidade, rapidez e carinho que tiveram em resolver os trâmites administrativos com a bolsa de estudos fornecida pelo SENAR/SP.

Ao pessoal da Livraria Loyola, em especial ao Antônio, por sempre me atender com carinho e pesquisar sobre os livros que necessitava para meus estudos. Mesmo quando alguns estavam esgotados, dava um jeito de conseguir, contatando seus amigos para me atender o mais rápido possível.

Ao Flávio Rocha e Daniel (CA de Letras da PUC/SP) pela grande contribuição na transcrição das entrevistas, e a Lissandra Ramos, pela revisão final dessas transcrições. Sem vocês eu estaria até agora angustiada para terminar a presente pesquisa.

A Mara Fátima Barbosa da Livraria Max Limonad, sempre prestativa e disposta seja na busca dos livros e no andamento do processo da pesquisa.

Enfim, tive muita sorte em encontrar no meu caminho, pessoas tão maravilhosas e afetuosas para me ajudar a concluir esta dissertação. Um momento tão significativo em minha vida como em suas vidas também. Assim, Não poderia deixar de mencioná-los e dizer muito obrigada.

SUMÁRIO

Apresentação	2
Introdução	8
<i>Procedimentos metodológicos</i>	10
<i>A Pesquisa de Campo</i>	23
<i>Histórias e Narrativas do Campo</i>	25
<i>Fenômeno e Relações Sociais</i>	39
Capítulo I: Cana-de-Açúcar e o Trabalho Volante	52
Capítulo II: Modernização e Pobreza	72
<i>Contradições da Modernização</i>	85
Capítulo III: Cultura e Trabalho Rural	95
Capítulo IV: A Droga	109
<i>A Cultura do Alcool</i>	115
<i>O Crack</i>	123
<i>As Diferentes Versões do Fenômeno</i>	133
<i>Perspectivas na Prevenção das Drogas</i>	160
Considerações Finais	164
Anexos	168
Bibliografia	173

APRESENTAÇÃO

“Meu avô (minha avó) é a minha narrativa”

Nélida Piñon

Antes de iniciar a discussão deste estudo: “*Cana e Crack: Sintoma ou Problema – um estudo sobre os trabalhadores volantes no corte de cana e o consumo de crack*”, algumas considerações, de cunho pessoal e profissional, são necessárias para entender a escolha desta pesquisa.

Primeiramente, quero pontuar a questão pessoal, que tem grande relevância para a referida escolha.

Apesar de não ter nascido no rural, este tema sempre permeou minha vida e, de certa forma, minha origem, por meio das memórias de minha avó sobre sua vida em um sítio no interior do estado de Espírito Santo, e de meu pai, que nasceu e viveu grande parte de sua infância no mesmo ambiente. Essas memórias diziam sobre o cotidiano no campo em relação ao trabalho na plantação e na colheita, criação dos animais, a caça e a pesca, as festas típicas que freqüentavam, a culinária regional, que minha avó, já morando em São Paulo, continuava a fazer, como canjiquinha, quibebe (abóbora refogada), cozido de legumes com carne, etc. Mas, por ser criança, o que mais gostava de ouvir era sobre as histórias fantásticas, como os animais selvagens (a onça e o jacaré), que vinham da mata até o sítio à procura de comida, as lendas de assombração, chamadas por ela de “coisa ruim”, que em seu linguajar seriam elementos malignos que vinham perturbar a paz de espírito das pessoas; enfim, histórias cheias de significados transmitidas de geração em geração. Hoje acredito que, pelo fato de minha avó e meu pai serem excelentes narradores, além do aspecto do exercício da memória, uma forma de reviver suas lembranças e transmitir esses conhecimentos por meio da oralidade, me transformei em uma grande admiradora dessas histórias.

Depois, durante alguns anos fiz diversas viagens de lazer ao interior de São Paulo e, durante o percurso dessas viagens, admirava as plantações de cana-de-açúcar, ficando ao mesmo tempo encantada e intrigada com a imensidão dessa cultura e com a grande importância que possuía na vida dos trabalhadores e produtores rurais.

Quando visitava as propriedades rurais, sítios e chácaras, lá estava a cana-de-açúcar. Diversas ruas recortavam o seu interior, formando um grande labirinto, e não conseguia descobrir o começo e o fim dessas ruas; era um mar verde, de cana verde. Além disso, as queimadas realizadas no canavial ao entardecer, com a finalidade de facilitar o trabalho dos cortadores de cana, eram hipnóticas.

As cores azul e avermelhado contrastando com o anoitecer eram um espetáculo. Apesar do aspecto antiecológico, era muito bonito de se ver. Esse período foi na

década de 80, nos municípios de Piracicaba, Tietê e cidades vizinhas, onde a plantação da cana-de-açúcar foi e é até hoje a principal atividade agrícola.

Em relação ao aspecto profissional, logo depois deste período fui trabalhar como estagiária no Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU, na USP. O objetivo do CERU é estudar, a partir do referencial sociológico, os diversos segmentos, transformações e movimentos sociais ocorridos tanto no espaço rural como no urbano. Ali tive contato com diversos professores e pesquisadores que estudavam o rural. Foi uma experiência enriquecedora, pois já encontrava-me interessada por temas que abordavam esse aspecto.

Logo após, trabalhei durante anos na Secretaria de Estado da Cultura, e, para a minha satisfação, no Departamento de Atividades Regionais da Cultura - DARC, onde fiz muitas viagens ao interior do Estado de São Paulo, levando atividades e eventos culturais à população local.

Atualmente trabalho em uma instituição (SENAR/SP) de educação profissional, interligada com atividades de promoção social, para pequenos e médios produtores, trabalhadores rurais e seus familiares.

Em relação ao tema das drogas, também houve grande relevância trabalhando no Instituto de Medicina Social e Criminologia – IMESC, uma autarquia da Secretaria da Justiça. Nessa instituição fiz parte de uma equipe multidisciplinar que estudava a relação do uso de drogas entre dependentes químicos e a repercussão familiar e social na vida dessas pessoas.

Em 1997, já trabalhando na instituição em que me encontro atualmente, assistindo ao noticiário da noite na TV, acompanhei uma série de reportagens sobre o consumo de crack entre os cortadores de cana. Fiquei surpresa, pois o contexto que associamos ao crack é de violência, marginalidade, consumo de outras drogas e ser muito comum nos grandes centros urbanos. Falei do assunto no meu local de trabalho e da preocupação frente a essa questão. Sugeri desenvolvermos um programa de prevenção ao uso indevido de drogas no campo, e obtive a autorização para pesquisar e elaborá-lo.

A partir desse ponto, participei de diversos cursos em relação ao tema, fiz pesquisas, entrei em contato com outras instituições e com os colegas do IMESC e, finalmente, elaborei o programa, consultando e buscando sempre a validação das diversas pessoas

e instituições envolvidas com a questão, como o CEBRID, IMESC, CONEN, COMEN e SENAD.¹

A elaboração do programa até sua validação teve duração de um ano. Entretanto, por questões financeiras, até hoje não pôde ser implantado. Mesmo assim, insisti em estudar esse fenômeno, que, além de ser um tema importante e preocupante, foi pouco pesquisado, até por ser um fenômeno recente.

Dessa forma, cheguei ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da PUC/SP, em 1999, com o objetivo de contribuir com as diversas comunidades rurais que enfrentam esse problema.

Como a área rural do estado de São Paulo é imensa, e diversas regiões vêm sofrendo com essa questão, foi necessário delimitar o período e a região, pois seria impossível fazer um levantamento em todo o estado.

Sendo assim, a região estudada nesta pesquisa é Jaú, onde localizam-se os municípios de Igarapé do Tietê, cidade em que foi realizada a reportagem televisiva sobre os cortadores de cana-de-açúcar consumindo crack, Campos Canavial e Rios Dourados², cidades vizinhas, onde a presente pesquisa concentrou-se na parte de entrevistas aos cortadores de cana e na vivência no canavial.

O EDR de Jaú³ é um dos mais importantes na plantação e produção de cana-de-açúcar.

Desse modo, encontro-me envolvida nesta pesquisa desde outubro de 1997, mantendo contato com essa nova realidade rural, de trabalhadores rurais volantes, expropriados historicamente do processo social e de trabalho, vivendo a marginalização em todos os sentidos.

Tudo lhes foi tirado. Suas terras, sua dignidade, sua sobrevivência, sua cultura, seu trabalho e, agora, seu corpo. Corpo marcado por décadas de luta e exclusão social, e, atualmente, pelas drogas.

¹ CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, IMESC – Instituto de Medicina Social e Criminologia, CONEN – Conselho Nacional de Entorpecentes, COMEN – Conselho Municipal de Entorpecentes, SENAD – Secretaria Nacional Antidrogas.

² Foram atribuídos nomes fictícios aos municípios estudados em virtude da preservação de suas identidades.

³ De acordo com o Instituto de Economia Agrícola, as regiões do estado de São Paulo estão divididas por EDR (Escritório de Divisão Regional). Esta divisão foi criada para facilitar o trabalho dos pesquisadores que analisam os dados relativos às culturas predominantes nas regiões, sua produção em quantidade, número e tamanho das propriedades, mercado de trabalho, etc., pois o estado de São Paulo é muito rico e diversificado na área agrícola e seria impossível aprofundar os estudos no meio rural sem estas divisões.

Os EDRs que mais se destacam no estado de São Paulo em plantio e produção da cana-de-açúcar são: Ribeirão Preto, Orlândia, Jaú, Jaboticabal, Limeira, Piracicaba, Araraquara e Barretos. Nessas regiões, a cana-de-açúcar chega a ser praticamente uma monocultura, com grande número de usinas e larga utilização de mão-de-obra. As outras regiões do estado também produzem cana-de-açúcar, mas não tão significativamente como as já mencionadas.

O trabalho no corte de cana possui duplo aspecto. Ao mesmo tempo que mantém a sobrevivência de várias pessoas e famílias no meio rural, é aviltante ao ser humano no sentido físico, intelectual e social. Enfim, fascinante e aviltante são as palavras que melhor definem o trabalho com a cana-de-açúcar.

O presente estudo apresenta, além da parte introdutória, em que constam os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e o referencial metodológico baseado na fenomenologia de Alfred Shutz⁴, estará dividido em quatro capítulos.

O primeiro capítulo abordará o processo histórico do setor canavieiro e suas implicações nos aspectos sociais, econômicos e ambientais e as transformações geradas no cotidiano dos trabalhadores rurais relacionados à cultura da cana-de-açúcar.

O segundo, intitulado *Modernização e Pobreza*, abordará as contradições existentes entre os grandes investimentos financeiros e tecnológicos apoiados pelo Estado, com o objetivo de beneficiar a economia brasileira na produção de açúcar e álcool, mantendo a posição no ranking internacional como um dos primeiros países exportadores destes produtos industrializados, e a crescente pobreza e exclusão social de trabalhadores e pequenos produtores rurais, deixados de lado desse processo em nome da modernização tecnológica.

O capítulo seguinte aborda a cultura caipira e a transformação dessa população em trabalhadores volantes, “bóias-frias”, perdendo não só suas terras, mas também a cultura, modo de vida, etc.

O último capítulo abordará o contexto da droga, iniciando com seu significado nas diversas culturas e o aspecto farmacológico. Em seguida, o texto abordará a cultura do álcool e o consumo elevado de aguardente, que é proveniente da cana-de-açúcar, hábito já inserido na cultura caipira, além do surgimento de outras drogas como o crack, por exemplo. Quais os aspectos psicossociais que levam esses trabalhadores e seus familiares a consumirem? Será que a lógica é a mesma do espaço urbano? E, finalizando, algumas alternativas de prevenção ao uso de drogas.

⁴ Shutz, A., Fenomenologia e Relações Sociais. Ed. Zahar, 1979.

INTRODUÇÃO

“Eu acho que é Deus que manda alguma pessoa pra vê o que que tá acontecendo aqui na, na nossa região. Não é só aqui não, em todos lugar, em todos os lugar. Você só vê reclamação, choro, desavença, briga, fome. Cê não fala, ninguém fala assim...”

Sra. Clara: mulher, mãe, trabalhadora e lutadora. Ainda tem sonhos e acredita na felicidade.



A disposição em que se encontram as luvas e o facão não foi uma montagem. A cortadora de cana colocou-os no chão naturalmente na pausa do almoço. Eu estava presente nesse grupo e éramos quatro mulheres. Eu sentada no garrafão de água, oferecido por elas, comendo meu lanche, e elas ao meu lado, comendo a comida de suas marmitas. De repente, observei a presente imagem e imediatamente fotografei. Estes instrumentos têm uma representação muito grande no cotidiano desses trabalhadores.

(Foto: Rios Dourados, agosto de 2001, Arlete Fonseca de Andrade)

Pretende-se, com este estudo, analisar a condição dos trabalhadores rurais volantes que se dedicam ao corte de cana no estado de São Paulo, com o objetivo de enriquecer a discussão sobre o entendimento do processo de trabalho desses indivíduos e a relação com o contexto da droga, neste caso, o consumo de crack.

Para tanto, faz-se necessário refletirmos primeiramente sobre o processo histórico do advento da cultura da cana-de-açúcar no estado de São Paulo e o surgimento da categoria de trabalho volante no meio rural, como também sobre as mudanças que surgiram na agricultura paulista.

São diversas as questões e contradições que irão permear este estudo, mas uma delas considero a mais representativa: trata-se da modernização e pobreza que envolvem os aspectos históricos e sociais da mão-de-obra na cultura da cana-de-açúcar. A modernização refere-se a toda tecnologia empenhada durante décadas na agroindústria canavieira; a pobreza, aos trabalhadores rurais submetidos a uma ordem de exploração da força de trabalho e de suas terras, que vem desde o Brasil colonial, contribuindo na construção desse império e no não-reconhecimento de sua importância nesse processo.

Notou-se, no decorrer da pesquisa, que o tema, por sua complexidade, possui caráter multidisciplinar, podendo ser lido pelo viés da geografia, sociologia, economia, história, psicologia social, política, economia e antropologia. Essas disciplinas traçam uma análise do meio rural, principalmente tratando-se de trabalhadores volantes de uma região delimitada, e uma específica cultura agrícola, no caso, a cana-de-açúcar. Mas o eixo principal deste trabalho será desenvolvido pela ótica da psicologia social, devido ao contexto do consumo de drogas por parte dos trabalhadores; abordará, portanto, os aspectos psicossociais inseridos nesse fenômeno.

Procedimentos Metodológicos

O desenvolvimento desta pesquisa passou por diversas fases. Inicialmente, procurou-se reunir todos os dados referentes ao cotidiano dos trabalhadores rurais que se dedicam ao corte de cana para aproximar o entendimento em relação aos vários aspectos que levam ao consumo de drogas, especificamente o crack.

A partir da reportagem televisiva (*Jornal Nacional – Rede Globo*) sobre os cortadores de cana consumindo crack no município de Igarapu do Tietê, transmitida em outubro de 1997, iniciou-se a busca de dados como: levantamento de reportagens de jornal, bibliografias sobre o assunto e contato com pessoas que pudessem nortear esclarecimentos sobre esse novo contexto no campo.

Foram encontradas reportagens de jornal sobre o assunto (*Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano – “Explode Consumo de Drogas nos Canaviais”*: 09/06/97, *Jornal Todo Dia, Caderno Cidades – “Uso de Droga por Cortadores de Cana Preocupa”*: 31/07/02, *Cosmo On Line, Cosmo Especial – “Cresce Consumo de Crack entre Cortadores de Cana”*: 09/05/02 e *Cosmo On Line, Redação WEB Especiais – “Tráfico Internacional Retoma “Rota Caipira”*”): 5/11/02)⁵, descrevendo os fatos ocorridos em Igarapu do Tietê e o crescente consumo em outros municípios. Após esse levantamento (reportagens e bibliografia), constatou-se a escassez do assunto. Então, iniciou-se o contato com profissionais e pessoas ligadas direta ou indiretamente à questão, levando em consideração as orientações previstas na **Resolução n. 196 de 10/10/1996**⁶, do Conselho Nacional de Saúde, em relação às pesquisas envolvendo seres humanos, preservando, assim, suas identidades.

Sobre esse aspecto, as informações e esclarecimentos do Orientador em relação ao modo de entrar em contato e até em se comportar diante dos entrevistados foram fundamentais para a direção da pesquisa, transmitindo segurança nas minhas colocações e observações.

⁵ Estas matérias descrevem o crescente número de cortadores de cana consumindo crack, além da “Rota Caipira”, nome dado à estratégia da distribuição de drogas no interior paulista. Os canaviais agora integram a “Rota Caipira” por terem várias ruas de terra no meio do canavial, feitas pelos donos das terras plantadas e pelos usineiros, para o acesso das colheitadeiras e transporte das canas colhidas.

Anexas, encontram-se as matérias na íntegra.

⁶ Por a pesquisa se tratar de um tema delicado e de certa forma perigoso, não será revelado o nome dos pesquisados, bem como o nome dos municípios. Este procedimento está respeitando as “Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos” – Conselho Nacional de Saúde, de acordo com a Resolução n. 196/96, em não causar “possibilidades de danos e riscos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente”. Parágrafo II – 8.

Matéria: Folha de São Paulo

Junho 1997

Edição 24.904 Segunda, 09/06/97 Tiragem 518/464

COTIDIANO

Explode consumo de droga nos canaviais

WAGNER OLIVEIRA

da Agência Folha, em Botucatu

Adolescentes que trabalham nos canaviais da região de Botucatu (225 km de SP) estão adotando o consumo de crack como forma de aumentar a produtividade e, assim, ganhar mais.

"O consumo da droga entre os jovens vem crescendo em ritmo acentuado", disse o médico Igor Vassilieff, especializado em toxicologia e diretor do Ceatox (Centro de Assistência Toxicológica).

O centro, ligado ao departamento de Biomédicas da Unesp de Botucatu, realiza anualmente uma pesquisa com jovens cortadores de cana nas fazendas da região.

Em 96, o centro registrou 42 usuários. Em 95, haviam sido registrados 14 casos e, em 90, apenas dois. Os usuários são submetidos a tratamento de desintoxicação, oferecido pelo próprio centro.

"Quem trabalha na roça procura o crack para trabalhar mais, pois a droga produz um efeito antifadiga. Na cidade, o uso da droga é por influência de amigos, por diversão", afirma Vassilieff.

"Mas, depois, o jovem do campo tem de abandonar logo o serviço na lavoura, pois os efeitos da droga acabam debilitando-o."

Os jovens que passam pelo Ceatox são submetidos a uma bateria de exames para se saber o grau de toxinas existente no organismo do usuário.

Eles recebem acompanhamento médico, psicológico e, quando necessitam, são encaminhados a entidades que oferecem atividades para recuperar viciados, como terapias ocupacionais e espirituais. O Ceatox atende jovens de cerca de 20 cidades na região de Botucatu.

Na maior parte dessas cidades, a cana-de-açúcar é uma das principais atividades econômicas.

Em Igarapu, uma das cidades em que o Ceatox prestou serviço a jovens ligados ao corte de cana, 90% da população está envolvida com a atividade canavieira.

O promotor da Infância e Juventude da cidade, Luiz Guilherme Gomes dos Reis Sampaio Garcia, disse que o consumo de drogas entre os jovens carentes é um dos grandes problemas da cidade.

"Nós sabemos que a droga está no campo e na cidade e que é um trabalho difícil combatê-la", afirmou. Ele disse que o baixo preço do crack facilita o uso da droga entre os jovens mais pobres, também entre filhos de lavradores. Na cidade, uma pedra da droga é vendida por cerca de R\$ 5.

Desconhecimento

O presidente da Unica (União da Agroindústria Canavieira de São Paulo), Sérgio Ometo, disse desconhecer o problema do crack especificamente nos canaviais.

"Hoje, todos nós sabemos, a droga está em todo lugar", afirmou. A Unica representa 122 usinas no Estado e foi criada recentemente para fortalecer o setor.

Matéria: Jornal Dia

REGIÃO

Uso de droga por cortadores de cana preocupa

Claudete Campos – Região

O uso de entorpecentes por cortadores de cana de Americana, Santa Bárbara d'Oeste, Nova Odessa, Paulínia e Sumaré, tem preocupado os proprietários de plantações nos municípios, em especial com a queda da produção e com a possibilidade de acidentes dos viciados. O delegado seccional de Americana, José Roberto Daher, determinou investigações à Dise (Delegacia de Investigações Sobre Entorpecentes) de Americana. O delegado Marco Antonio Pozeti determinou levantamento sobre o assunto para tentar descobrir a origem do problema. O presidente da Cooperativa de Plantadores de Cana de Santa Bárbara, Jurandir Tunussi, que ainda atende Americana, Nova Odessa, Sumaré e Paulínia, além de Monte Mor, disse que ficou surpreso com o consumo de drogas pelos trabalhadores rurais, por serem pessoas simples. "É preocupante, nunca ia imaginar que acontecia um negócio desses no meio do campo", explicou Tunussi.

Sindicato

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Capivari e Região, incluindo Santa Bárbara, Antonio José Bon, confirmou que os proprietários rurais se preocupam com o assunto porque o uso de drogas pode afetar a produção e provocar acidentes no trabalho. Houve caso de agressões nos alojamentos devido o uso de drogas. Segundo Bon, o problema vem ocorrendo há dez anos e afeta todos os municípios. A dificuldade é encontrar vagas nas clínicas de recuperação.

O delegado interino da Dise reconhece que também ficou surpreso com a revelação. Normalmente, a polícia e as repartições que cuidam da segurança tentam traçar o perfil do usuário, visando verificar as causas do consumo. Pozeti explicou que usuário sob efeito do crack, a droga mais consumida por pessoas de menor poder aquisitivo, não tem condições de trabalhar.

Matéria: Cosmo On Line

Cresce consumo de crack entre cortadores de cana

Fábio Gallacci/Agência Anhangüera

As mãos ásperas que empenham o facão afiado para mais um dia de colheita pesada são as mesmas que acendem um cachimbo que pode levar à morte. Vítimas freqüentes do consumo de bebidas alcoólicas e do cigarro, muitos cortadores de cana-de-açúcar que atuam nas cidades da Região de Americana (SP) - a 50 km de Campinas - encontraram um caminho sem volta para aliviar a rotina sofrida nos canaviais: o crack. Mais barata que uma garrafa de pinga, a droga que é o refugio da cocaína em forma de pedra vem se popularizando entre os trabalhadores rurais, que não têm qualquer alternativa de lazer, incentivo ou perspectiva de futuro.

A compra em pequenas quantidades é garantida nos centros urbanos, mas o local do consumo não é uma esquina qualquer de cidade grande, mas o próprio emaranhado verde onde passam horas a fio. Os mesmos milhares de metros quadrados de cana que lhes garantem o ganha-pão em cada safra, também servem como o esconderijo perfeito para a viagem alucinada em busca de um perigoso prazer.

"Na cidade, você tem um cinema, uma pizza para distrair a cabeça. No campo, a gente tem a solidão, o tédio e o trabalho pesado. Aqui sim é o lugar perfeito para a entrada das drogas", define R., de 40 anos, que costumava ser consumidor frequente de crack nos canaviais de Santa Bárbara d' Oeste e hoje luta para se manter longe do vício. "O traficante do cortador de cana é ele próprio, que pega quase tudo o que ganha em uma semana de trabalho para ir atrás da pedra. O interessante é que conheci a droga com pescadores aqui da Região", conta.

De acordo com R., não é raro encontrar parcerias organizadas entre os colegas de canavial para que o consumo da droga seja mais constante. "Cada dia da semana, um do grupo recebe o seu vate. Esse dinheiro garante a compra da pedra para todos aproveitarem. É aquela velha história: hoje eu garanto o seu lado e amanhã você garante o meu", descreve.

O consumo do crack também é feito sem despertar suspeitas à distância. O tradicional uso do cachimbo é facilmente substituído pela droga sendo colocada dentro de um cigarro comum. "Basta esmagar a pedra e enfiar tudo no lugar do fumo. Também já consumi maconha enrolada em palha de cana para despistar o cheiro", descreve R., nos mínimos detalhes.

O trabalhador rural M.V., de 24, que trabalhou no plantio do milho e da cana na Região de Campinas, acelerava o trabalho para fazer sua realidade sumir em meio à fumaça. "Ganhava R\$ 10,00 por dia trabalhado e gastava R\$ 5,00

numa 'paranga' (porção) de maconha. Também usava o crack para esquecer dos problemas em casa; meu ambiente familiar não era bom", diz o ex-viciado que busca apoio para reconquistar a dignidade. "Quero voltar a estudar. Parei na 8ª série". M.V. costumava comprar um baseado pronto por R\$ 1,00. Para se ter uma idéia, cada balaio de milho que colhia lhe rendia R\$ 0,25. Quatro balaiois garantiam alguns minutos de "barato".

Maconha no volante

Além do drama de se entregar ao vício, os trabalhadores rurais que estão ligados às drogas também expõe a vida de outros durante o trabalho. "Não sei como nunca machuquei nenhum colega meu. Cansei de dirigir um trator completamente drogado. Além do crack, costumava varar a terra para o plantio de cana e batata com um baseado na boca. O patrão me pegou várias vezes, mas como não atrapalhava o serviço, ele deixava numa boa. Algumas vezes, até trazia pinga pra gente beber nos intervalos", afirma o tratorista A.I.R., de 31, que hoje busca recuperação no Sanatório Espírita de Assistência e Recuperação de Americana (Seara).

"Já cheguei a ficar cinco horas dentro de um canavial fumando maconha e 50 gramas de crack, improvisando um cachimbo em uma latinha de cerveja. Dois cortadores e um motorista desses treminhões estavam comigo", lembra R., mencionando o profissional que tem nas mãos a responsabilidade de transportar toneladas de cana em caminhões gigantescos pelas mal cuidadas estradas da Região do plantio da cana-de-açúcar.

Matéria: Cosmo On Line – Redação WEB Especiais

Tráfico internacional retoma ‘Rota Caipira’

Rogério Verzignasse, do Correio Popular

O tráfico internacional de drogas está retomando a famosa “Rota Caipira”, nome dado à estratégia utilizada por esses grupos para distribuir entorpecentes em todo o Interior do Estado de São Paulo. Agora, os canaviais paulistas passaram a integrar o esquema. Os entorpecentes, fornecidos principalmente pelo Paraguai, são transportados de avião e helicóptero para o Interior de São Paulo. As aeronaves pousam para descarregar os pacotes nos chamados carreadores, estradas estreitas abertas pelos usineiros para a operação das colheitadeiras nos canaviais. Só neste ano, 70% das 82 toneladas de maconha e cocaína apreendidas no Estado do Mato Grosso do Sul tinham como destino o Interior paulista. Por mês, circulam pela Rota Caipira cerca de 5 toneladas de drogas.

A inovação na metodologia desafia os organismos policiais. As aeronaves, pequenas, pousam com tranqüilidade nos carreadores. Há casos em que homens, a serviço do tráfico, alargam as estradinhas, derrubando a cana-de-açúcar com jeeps, caminhonetes ou tratores. Depois do pouso, os pilotos nem se preocupam em desligar os motores. Em poucos minutos, as drogas importadas são colocadas em veículos e transportadas para os centros consumidores.

Em outras situações, nem o pouso é necessário. Voando baixo, as aeronaves despejam os pacotes com entorpecentes sem pousar, em trechos previamente determinados dos canaviais.

Diante deste cenário dramático, a Polícia Federal, organismo encarregado de coibir o tráfico internacional no Brasil, fica de mãos atadas. “Antes, o tráfico aéreo era mais raro e se utilizava basicamente de 300 pistas não homologadas pela Aeronáutica. Sabíamos, pelo menos, onde as drogas podiam ser receptadas. Hoje, neste mar de canaviais cortados por carreadores na nossa região, é impossível determinar as rotas”, fala o delegado Edson Bocamino, da Polícia Federal de Ribeirão Preto, município a pouco mais de 200 quilômetros de Campinas.

Nova rota

A nova Rota Caipira se utiliza basicamente dos 54,7 mil quilômetros quadrados do território paulista, localizados entre os rios Tietê, Paraná (na divisa com o Mato Grosso do Sul) e Grande (na divisa com Minas Gerais).

São as regiões de São José do Rio Preto, Araraquara e Ribeirão Preto, onde estão instaladas delegacias da Polícia Federal.

Mas os traficantes descobriram, usando os carreadores, uma estratégia para escapar da repressão policial dos importantes centros urbanos. No começo do mês, por exemplo, um avião foi abatido no ar quando se preparava para lançar pacotes de maconha em uma fazenda entre as cidades de Morro Agudo e São Joaquim da Barra, a 55 quilômetros de Ribeirão Preto. A Polícia Federal conseguiu apreender 678 quilos de maconha e vários veículos que esperavam pela droga no chão: um Palio, uma Saveiro e duas motocicletas. Um traficante morreu e outros cinco foram presos. Neste mês, também ocorreram apreensões em Araraquara, Araçatuba e Barretos.

Foram apreensões importantes, mas o delegado reconhece: é impossível imaginar quantas toneladas são despejadas no Interior a cada mês. É uma guerra que, infelizmente, a sociedade está perdendo.

A primeira entrevista foi com o Prof. Dr. da UNESP de Botucatu, Igor Vassilief,⁷ que desenvolve pesquisas no CEATOX (Centro de Atendimento Toxicológico), sobre informações das diversas substâncias tóxicas ingeridas pela população. Existem vários CEATOXs e Centros de Controle de Intoxicação (CCI) em nosso país, e todos estão interligados ao SINITOX (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas), que, por sua vez, está vinculado à FIOCRUZ (Fundação Osvaldo Cruz).

O SINITOX tem por objetivo fazer levantamentos estatísticos anuais dos casos de intoxicação e envenenamento existentes em todo o Brasil, obtendo esses dados através dos CCIs e CEATOXs espalhados por todas as regiões do país.

O CEATOX, além de exames, faz atendimento hospitalar em relação à desintoxicação de diversas substâncias e orientação psicológica. Alguns casos, em relação aos cortadores de cana, foram encaminhados ao CEATOX para exames, atendimento hospitalar e, caso fosse necessário, providências para internação.

A entrevista com o Prof. Igor realizou-se em duas etapas: uma no CEATOX, em Botucatu, e outra em São Paulo, quando veio para proferir uma conferência.

Depois dessa entrevista, o Prof. Igor colocou à disposição o arquivo dos prontuários de atendimento, além de me apresentar a psicóloga com quem trabalha, e que também fez o atendimento a esses trabalhadores da cana.

Os arquivos onde encontravam-se os prontuários das pessoas atendidas no CEATOX – UNESP/Botucatu não estavam organizados em relação ao tipo de droga consumida ou perfil da população, e sim por ano. Nessa etapa da pesquisa, fiz 3 viagens ao município de Botucatu, consultando cada prontuário, pois havia milhares. Desta forma, selecionei alguns anos, principalmente o de 1997, ano da reportagem televisiva realizada no município de Igarçu do Tietê. Abaixo, descreverei o perfil de algumas pessoas atendidas no CEATOX que considerei relevante para esta pesquisa.

⁷ Neste caso cito o nome do Prof. e o nome da Universidade em que faz pesquisa em função de ter autorizado sua imagem não somente na televisão, mas também na reportagem do jornal sobre este caso e a mim, na presente pesquisa.

SEXO: M/F	IDADE	MUNICÍPIO	DROGA	ANO	OCUPAÇÃO
M	18 anos	Igaraçu do Tietê	Cocaína, Maconha e Crack	27/08/96	Trabalhador Rural/Autônomo
M	21 anos	Igaraçu do Tietê	Crack e outras	?	Cortador de Cana/Autônomo
M	39 anos	Itatinga	Maconha e Crack	05/11/97	Trabalhador Rural/Autônomo
M	24 anos	Avaré	Cocaína e Crack	?	Trabalhador Rural/Autônomo
M	15 anos	Igaraçu do Tietê	Crack	19/11/96	Cortador de Cana/Autônomo
M	16 anos	Igaraçu do Tietê	Crack	27/05/97	Cortador de Cana/Autônomo
M	17 anos	Igaraçu do Tietê	Crack	09/09/97	Cortador de Cana/Autônomo
M	16 anos	Igaraçu do Tietê	Crack	08/01/98	Cortador de Cana/Autônomo
M	17 anos	Igaraçu do Tietê	Crack	30/09/97	Cortador de Cana/Autônomo
M	23 anos	São Manoel	Crack	11/11/97	Trabalhador Rural/Autônomo

Fonte: Prontuários do CEATOX – UNESP/BOTUCATU

Além dos arquivos dos prontuários, o CEATOX forneceu uma listagem do número total de pessoas atendidas por consumo de drogas ilícitas, discriminando o ano e as áreas (rural e urbana) como demonstra a tabela a seguir:

Ano	Rural	Urbana
1994	90	160
1995	85	168
1996	75	266
1997	84	263
1998	72	266
1999	94	214
Total	500	1.337

Fonte: CEATOX – UNESP/BOTUCATU

Criou-se a partir daí uma rede de informações baseada na confiança e credibilidade em relação à pesquisa. Fiz diversas viagens a Botucatu, pesquisando e anotando as informações que constavam nos prontuários, além da entrevista realizada com a psicóloga Dra. Eliete.

A partir dessa entrevista, foi-me indicado o Pastor da Igreja Assembléia de Deus, o qual, na época, era Presidente do “Desafio Jovem”, instituição ligada ao Governo do Estado (Assistência Social), direcionada a jovens transgressores com prisão assistida. Para encerrar a primeira etapa de entrevistas com esses profissionais, entrevistei o Presidente da FETAESP (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo) e o Coordenador do Sindicato Rural Patronal de São Manuel sobre esta questão.

Além de traçar uma linha condutora na pesquisa, o objetivo de entrevistar diversas pessoas e profissionais envolvidos foi ouvir as diferentes vozes e versões sobre o presente fenômeno.

Por meio desta rede de informações, obtive contato com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Campos Canavial, para entrevistar cortadores de cana que trabalham tanto para as usinas locais como para os fornecedores.

Os cortadores entrevistados nesta pesquisa são o que chamamos de informantes-chaves, conhecem e convivem na cidade e no trabalho com aqueles que são consumidores de crack e outras drogas; alguns deles já estão dependência química.

Sendo assim, acredito ser relevante para a pesquisa relatar o perfil dos cortadores de cana entrevistados e que chamamos anteriormente de informantes-chaves.

Sexo	Idade	Grau de Escolaridade	Estado Civil
F	22 anos	Colegial Completo	Solteira
F	30 anos	?	Separada
F	46 anos	2a. Série Primária – Primário Incompleto	Casada
M	21 anos	Colegial Completo	Amigado
M	20 anos	4a. Série Primária – Primário Completo	Solteiro
M	?	Ginásio Incompleto	Solteiro
F	48 anos	Primário Incompleto	Separada
M	53 anos	Primário Incompleto	Amigado

Viajei em diversas ocasiões para os municípios de Campos Canavial e Rios Dourados, permanecendo durante todos os dias no canavial, interagindo nesse espaço, o pesquisador e o pesquisado, compartilhando com eles o cotidiano do trabalho, vivências e emoções, gravando entrevistas em relação às histórias de vida, centralizando as perguntas no ambiente familiar, trabalho, expectativas de futuro, sonhos, e, principalmente, sobre a droga e suas concepções.

Além das entrevistas, registrei todos os momentos, impressões da viagem, convívio no canavial, conversa com outros cortadores que não entrevistei etc., na forma de diário de campo, com o objetivo de aprofundar todos os sentidos que circulavam e inseri-los na pesquisa.

Os vídeos sobre o trabalho e a vida cotidiana dos cortadores de cana também foram fundamentais para entender o processo histórico e social que essas pessoas vêm passando e sofrendo, sob condições subhumanas de existência. Destaco os vídeos sobre a greve de Guariba, realizada em 1984⁸. Essa greve foi uma das mais importantes da categoria, ficando conhecida em todo o estado de São Paulo, e também em outros estados do país. Apesar da tamanha violência que acarretou até na morte de um trabalhador, conseguiram os direitos trabalhistas que exigiam.

*As Andorinhas: Nem Cá e Nem Lá*⁹ aborda o aspecto da migração das populações rurais do Vale do Jequitinhonha para a região de Ribeirão Preto e os sentidos que envolvem deixar o “lugar” em busca de trabalho para manter suas famílias.

⁸ Realização: UFRJ, UFSCar, FERAESP. Imagens de Arquivo: TV Cultura, TV Manchete e CEDIC.

⁹ Projeto de Pesquisa da Prof.a. Maria Aparecida de Moraes Silva. Realização: CEDIC e UNESP – Araraquara.

Os vídeos *Brasil Caipira*¹⁰ e *Casa Grande e Senzala*¹¹ também dizem respeito às raízes do Brasil, tradições e significado do modo de ser caipira. E, finalizando, o vídeo sobre a reportagem dos cortadores de cana consumindo crack.¹² Esses vídeos enriqueceram a pesquisa, trazendo como elementos as imagens sobre a vida, o trabalho, a fome, a violência, a busca pelo direito adquirido e o medo da seca, do não-retorno, do não trabalho. São imagens reais que tratam não apenas da dor, mas da felicidade e orgulho de ser um trabalhador rural.

A Pesquisa de Campo

Para muitos pesquisadores, a pesquisa propriamente dita se restringe ao levantamento de dados e à discussão da produção bibliográfica; porém, esse esforço de criar conhecimento não fornece o chamado trabalho de campo. Dessa forma, a dinâmica que ocorre entre pesquisador e pesquisados é fundamental para a geração de idéias, a análise da produção de sentidos da comunidade estudada, a possibilidade de criação de questionamentos e a interação entre as diferentes realidades presentes. É necessário articular os pressupostos teóricos-metodológicos com a vivência, uma vez que a experiência adquirida no trabalho de campo fornece ao pesquisador novas descobertas antes não imaginadas.

Seguindo esse procedimento, foram realizadas diversas viagens aos municípios citados para que tal construção social fosse possível. Nas pesquisas realizadas no canavial, buscou-se inicialmente adotar uma postura livre de “pré-conceitos” e despretenhosa, deixando os trabalhadores à vontade para que pudessem relatar, por meio de suas narrativas, suas histórias de vida, até a chegada do tema em questão.

Nas entrevistas, utilizou-se a técnica de gravação, mediante a autorização de cada entrevistado. Foi adotado o modelo de entrevistas semi-estruturadas, que consiste no relato de fatos da vida do pesquisado e no questionamento, por parte do pesquisador, por meio de perguntas bem definidas, que no caso versavam sobre o consumo de

¹⁰ Realização TV Cultura.

¹¹ Realização GNT. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Baseado na obra “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre.

¹² Reportagem e Pesquisa da Rede Globo. Exibido em outubro de 97 no Jornal Nacional.

crack por cortadores de cana, encontrando o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual dos entrevistados.

A pesquisa centrou-se na observação participante, que consiste no contato direto do pesquisador com o fenômeno em questão. A técnica de observação participante permite obter informações sobre a realidade estudada em seus próprios contextos, estabelecendo uma relação face a face entre o pesquisador/observador com os pesquisados/observados. Nesse processo é possível modificar e ser modificado, ou seja, existe uma grande interação entre duas realidades que podem ser opostas, transmitindo e conhecendo diferentes modos de vida e contextos sociais.

Um exemplo dessa experiência ocorreu no primeiro dia da pesquisa, quando apresentei-me a um grupo de cortadoras de cana, esclarecendo o propósito da minha inclusão no canavial. Além da grande receptividade, uma delas me propôs passar por um teste, que descreverei conforme consta no diário de campo selecionado para compor a presente pesquisa.

“O teste era beber água do garrafão, mas sem copo. Aceitei e percebi a oportunidade de conquistar a confiança delas, uma vez que todos estavam curiosos e me observando. Então bebi a água sem me molhar e ela ficou surpresa, gostando da minha atitude. Logo em seguida perguntou se eu queria cortar cana; imediatamente, disse que sim. Emprestou-me suas luvas e peguei o facão, mas não cortei a cana como deveria. Então me ensinou e da segunda vez acertei no corte. O curioso é que, depois, elas queriam me fotografar cortando cana. Ensinei o mecanismo da máquina e me fotografaram. Percebi, nesse momento, que tinha sido aceita no grupo, pois muitos cortadores estavam observando mesmo sem parar de trabalhar.

Essa forma de ser aceita no grupo foi muito interessante, porque, até então, quase ninguém sabia ou entendia o meu papel naquele lugar. A partir do momento em que comecei a compartilhar as situações vividas em seus cotidianos, entenderam que eu realmente queria aprender junto com eles, e não à distância, sobre o modo de vida de um trabalhador rural”.

Conforme a descrição acima, a forma de observação participante foi *plena*, sem o distanciamento de apenas mera figuração naquele cenário, contribuindo com minhas experiências naquele “*mundo*”. Era preciso estar aberta à aprendizagem com as experiências daqueles trabalhadores para compor a minha vida cotidiana, registrar todos os momentos que antecederam às entrevistas, como também os momentos de intervalo entre uma entrevista e outra no canavial, para poder captar os sentidos dessa realidade e adentrar-me nesse universo com códigos e significados próprios.

Seguindo essa postura, descrevo a seguir o **diário de campo** elaborado durante a permanência nos canaviais dessas cidades, com o objetivo de registrar e enriquecer a presente pesquisa.

Histórias e Narrativas do Campo

Uma introdução ao mundo da cana-de-açúcar e ao mundo rural é útil para ambientar o trabalho, especialmente àqueles com pouco contato com essa realidade, já que muita de nossa psicologia social é urbana. Falar sobre o mundo rural, especialmente o cotidiano do trabalho na cultura da cana, é menos comum.

As diversas visitas¹³ às pessoas envolvidas com a questão do trabalho no corte de cana e o uso do crack serão a fonte das entrevistas relatadas posteriormente.

Em agosto de 2001 viajei para os municípios de Campos Canavial e Rios Dourados,¹⁴ pertencentes à região de Jaú, no interior paulista, localizado a 360 km da capital.

Durante todo o percurso da viagem procurei observar se havia canaviais e cortadores de cana nas proximidades da estrada, para entender melhor o cotidiano da vida e do trabalho dessas pessoas. Entretanto, até Botucatu a paisagem não demonstrava nenhuma alteração: não avistei canaviais nem trabalhadores. Nas diversas vezes em que viajei a este município, em função da pesquisa, nunca cheguei a observá-los.

Seguindo viagem, nas proximidades de Igarapu do Tietê tudo mudou repentinamente.

¹³ Descrevo este diário de campo em particular porque foi o mais significativo na pesquisa.

¹⁴ Os nomes dos municípios em que foi realizada a pesquisa serão denominados Campos Canavial e Rios Dourados, por uma questão de respeito e segurança àqueles que relataram suas experiências, histórias de vida e assuntos referentes à droga. Os nomes dos cortadores de cana entrevistados, o Presidente do Sindicato e o turmeiro também são fictícios.

A movimentação na estrada era intensa. Eram muitos treminhões¹⁵ indo e voltando cheios de cana, ônibus de trabalhadores chegando na cidade, anunciando o fim de mais um dia de trabalho. Avistei canaviais imensos nos dois lados da estrada, a usina trabalhando a todo vapor e muitas queimadas. O azul escuro do céu, próximo do anoitecer, mudou em meio à fumaça e ao contraste do fogo nos canaviais. O cheiro impregnado no ar era uma mistura de álcool, bagaço de cana e mato queimado. Todos os meus sentidos mudaram de repente, pois estava vendo e sentindo exatamente o que procurava.

O ônibus passou pelas cidades de Igarçu do Tietê, onde foi realizada a reportagem televisiva com os cortadores de cana consumindo crack, e Barra Bonita, onde está localizada a Usina da Barra, considerada a maior da América Latina.

Percebi que Igarçu do Tietê é uma cidade carente de recursos públicos básicos e, como tantas outras próximas, tem o aspecto de cidade-dormitório, que acolhe pessoas para trabalhar na cana-de-açúcar.

Todas as cidades vizinhas, como Dois Córregos, Mineiros do Tietê, Lençóis Paulista, Barra Bonita, Macatuba, entre outras, sobrevivem em função do trabalho na cana. Notei o duplo aspecto desta questão: não só as pessoas dependem da cana, mas a cana depende delas também; existe uma troca, mas esta troca é desigual, injusta e competitiva.

Há um poder aparente e significativo quando se observa todos os fatores que envolvem a agroindústria canavieira. O espaço físico e social está legitimado pela mobilização de toda a população em relação às atividades exercidas pelo trabalho.

Em Barra Bonita, peguei um ônibus intermunicipal para Campos Canavial, onde o Presidente dos Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sr. Roberto, me aguardava. A maioria dos passageiros eram trabalhadores rurais. Fiquei atenta às suas conversas, e o assunto era o trabalho exercido no final do dia, a usina, a produção, e os afazeres do dia seguinte. Quando cheguei na rodoviária de Campos Canavial, percebi que as pessoas me olhavam de forma diferente, pois a cidade é pequena (com uma população em torno de 20.000 habitantes) e a maioria se conhece. As diferenças no comportamento, como o andar, o olhar, vestimentas, etc. não me deixaram passar despercebida.

¹⁵ Caminhões que carregam as canas cortadas para as usinas.

Após minha instalação, fui ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, onde me receberam muito bem. O Sr. Roberto mostrou-me as dependências: consultório dentário, barbeiro, salas de reunião e um escritório onde um advogado presta auxílio jurídico aos trabalhadores.

Conversamos um pouco sobre a minha pesquisa e os lugares nos quais passaria o dia com os cortadores de cana.

Durante a noite caminhei pela cidade para conhecê-la melhor, mas não havia pessoas circulando nas ruas. O relógio marcava 20h e estava tudo deserto.

Como acontece em outros municípios, Campos Canavial não tem fábricas, indústrias ou empresas e o comércio é muito fraco. A maioria da população exerce suas ocupações na agroindústria canavieira, única fonte de sobrevivência de centenas de famílias, e, por isso, acordam muito cedo. O trabalho na cana parece ser a exploração da miséria e não apenas do trabalho. Tudo gira em torno dela, é a monocultura que impera em diversos municípios. É a exploração da condição humana já por natureza miserável.

No dia seguinte, as 8h da manhã, fomos para um canavial localizado no município de Rios Dourados, onde havia uma turma de cortadores de cana que prestam serviços para a Usina do município, de propriedade da Usina X. Cada turma possuía 86 cortadores, todos com registro em carteira.

Ao chegarmos, fui apresentada ao turmeiro, Sr. Onofre, e ao motorista do caminhão. Apesar de ter obtido autorização para realizar a pesquisa por parte dos responsáveis da Usina X, o Sr. Roberto esclareceu ao turmeiro a minha permanência durante todo o dia no canavial.

Fui bem recebida por aqueles que logo avistei e procurei ser receptiva e humilde com todos, conforme as sugestões de meu orientador. O Sr. Onofre acompanhou-me em um trecho do canavial para me ambientar e demonstrar aos cortadores de cana o propósito da minha “inclusão” em seu espaço. Depois de algum tempo, comecei a andar sozinha pelo canavial e a me apresentar aos cortadores de cana que encontrava, esclarecendo a minha presença.

Passado algum tempo, notei que alguns cortadores de cana já estavam almoçando, pois começam a trabalhar entre 6h e 6h30, e das 8h às 8h30 fazem uma pausa para comer uma parte da marmita. Mais tarde, entre as 12h e 13h, param novamente para comer o restante.

Seguindo o meu percurso, encontrei um grupo de três mulheres, me apresentei e conversamos um pouco. Eram muito alegres e aproveitei para me incluir em seu grupo. Uma delas, Vitória, era muito comunicativa e falou que, já que eu estava ali, deveria passar por um teste: beber água do garrafão, mas sem copo. Aceitei e percebi a oportunidade de conquistar a confiança delas, uma vez que todos estavam curiosos e me observando. Então bebi a água sem me molhar e ela ficou surpresa, gostando da minha atitude. Logo em seguida, perguntou se eu queria cortar cana imediatamente, disse que sim. Emprestou-me suas luvas e peguei o facão, mas não cortei a cana como deveria. Então me ensinou e da segunda vez acertei no corte. O curioso é que, depois, elas queriam me fotografar cortando cana. Ensinei o mecanismo da máquina e me fotografaram. Percebi, nesse momento, que tinha sido aceita no grupo, pois muitos cortadores estavam observando mesmo sem parar de trabalhar.

Essa forma de ser aceita no grupo foi muito interessante, porque, até então, quase ninguém sabia ou entendia o meu papel naquele lugar. A partir do momento em que comecei a compartilhar as situações vividas em seus cotidianos, entenderam que eu realmente queria aprender junto com eles, e não à distância, sobre o modo de vida de um trabalhador rural.

Perguntei a elas se podia fotografá-las e entrevistá-las, e disseram que não havia nenhum problema, mas, para fotografar, queriam tirar os jalecos e se arrumar. Eu disse que a forma interessante para a fotografia era exatamente como estavam, no ambiente de trabalho, assim como elas me fotografaram trabalhando. Entenderam o propósito e aceitaram.

Despedi-me dizendo que voltaria mais tarde para conversar, que queria conhecer mais trabalhadores, e também o próprio canavial. Indicaram algumas pessoas e me convidaram para almoçar na volta.

Continuei andando pelo canavial, conversando e explicando aos outros o que estava fazendo ali. Muitos, a princípio, acharam que eu era da usina, fiscalização, etc., mas depois a maioria entendeu e aceitou ser fotografada e entrevistada, com exceção de um casal.

Mesmo com a receptividade, havia um receio no ar, porque pessoas já haviam ido ao canavial para investigar, fiscalizar. Numa conversa com um cortador de cana, soube também que pessoas lá foram com o objetivo de degradar seu trabalho e o modo de vida do homem do campo.

Todos os cortadores com que conversei eram registrados em carteira do período de maio a novembro, época da safra da cana. Depois, seriam demitidos e, se atingissem suas metas, readmitidos para a próxima safra. Esse tipo de contrato temporário garantia os seguintes direitos trabalhistas: 13 salário, férias e FGTS proporcional ao período de trabalho. Não recebem os 40% de multa por demissão sem justa causa, aviso prévio e salário desemprego, pois existe uma cláusula no contrato que isenta todas as usinas e fornecedores do pagamento desses direitos.

A Usina X fornece, aos cortadores, jalecos estampados com o símbolo da usina e o facão, além dos seguintes equipamentos de proteção (EPI): botas com biqueira de ferro, para proteger os dedos na hora de cortar a cana, óculos, para proteger os olhos da palha e da fuligem, luvas, para não cortarem as mãos, e caneleira. Oferece também ônibus especial para transportar os cortadores de cana e distribuem soro nos dias muito quentes, para não haver desidratação. Assim mesmo, o trabalho é completamente insalubre em vários sentidos, principalmente em se tratando de higiene e alimentação. Não há cabines para higiene pessoal (necessidades fisiológicas), lugar para lavar as mãos e tendas para as refeições. Pior: no canavial não existe nenhuma árvore ou sombra para se proteger do sol na hora das refeições. Alguns sentem câibras em função dos movimentos repetitivos feitos durante o dia para cortar a cana.

Apesar da fiscalização nas usinas e nos fornecedores, nem todos seguem a lei como a Usina X, principalmente quanto ao registro em carteira e doação dos equipamentos de trabalho e proteção.

Após uma boa caminhada pelo canavial, entrevistei Beatriz, outra cortadora de cana, que no começo ficou intimidada, mas, no decorrer da entrevista, sentiu-se mais à vontade. Procurei, em todo momento, ser informal, para não influenciar as respostas. Quando perguntei sobre direitos trabalhistas e drogas, percebi que se fechou um pouco, e foi muito objetiva: *“todos são registrados e nunca ouvi falar sobre drogas”*. Dessa forma, não insisti nas perguntas que tratavam desses assuntos. Ao término da entrevista, uma frase me marcou: *“Nossa vida não tem novidade. É a mais comum do mundo”*. Verifiquei, no decorrer dos dias, que a vida desses trabalhadores tem relação direta com o trabalho; não existem outros acontecimentos, com exceção dos aspectos familiares. Trabalham para sobreviver, sem o aspecto surpresa ou novidade em suas vidas. Acordam muito cedo, preparam suas marmitas e vão trabalhar, voltam no final da tarde para suas casas, cumprem seus afazeres domésticos, pagam suas contas. A

grande maioria paga aluguel em suas moradias na periferia da cidade. No dia seguinte, tudo recomeça. Não há grandes sonhos ou esperanças.

Entrevistei, em seguida, outra cortadora, chamada Patrícia. A entrevista foi rápida e percebi que, nas mesmas questões que abordei com Beatriz, a reação foi semelhante. No almoço, Vitória havia improvisado uma cabaninha com a palha da cana. A princípio achei que fosse para todas nós, mas era para mim. Tinha levado um lanche de pão com queijo e presunto e três frutas. Vitória, antes de iniciarmos o almoço, disse que o pessoal estava enciumado porque eu havia conversado mais tempo com elas, e que iriam almoçar também em nossa companhia, ao que respondeu: “*A gente convidou primeiro, e mulher se entende melhor*”. Achei muito simpático da parte dela, pois justificou por mim aos outros trabalhadores o fato de ter aceitado o convite para almoçar, e também o motivo do tempo das conversas.

Quando iniciamos o almoço, elas, sentadas no garrafão de água, ficaram me olhando, sem abrir suas marmitas. Então perguntei: “*Vocês não vão comer?*” Disseram que sim, mas continuavam me olhando. Ofereci meu lanche e disse que não tinha como trazer comida, pois estava hospedada no hotel. Percebi seus olhos observando o lanche, mas não aceitaram. Começaram a abrir suas marmitas, com vergonha. Tentei não demonstrar curiosidade no conteúdo, mas vi de relance que havia arroz, feijão e verdura. O olhar da Patrícia no meu lanche era impressionante, parecia que nunca havia comido pão com queijo e presunto, e acredito que nunca tenha comido mesmo. Ofereci as frutas, e a única que aceitou um pedaço de banana foi Vitória. Parei de comer ao pensar em como se alimentam mal, não só no trabalho mas também em suas casas.

Depois entrevistei Vitória, que demonstrou ser a mais comunicativa; mas na hora de gravar se acanhou um pouco, assim como todos. Disse-me que estava terminando o colegial à noite e que precisava trabalhar para ajudar a sustentar sua família.

A maioria dos familiares dos cortadores de cana também são cortadores, pois não há outra atividade na região.

Em relação à droga, confirmou que havia ouvido comentários e que conhecia alguns cortadores de cana que estavam usando drogas, mas não eram seus amigos.

Depois da entrevista, as pessoas com quem já havia conversado disseram-me que eu estava com expressão de exausta, e realmente era verdade, pois fatores como sol, solo irregular, pontas de canas cortadas, fumaça do fogo da palha queimada, poeira, má alimentação etc., levam a um grande desgaste físico. Fiquei imaginando que, além dos

fenômenos naturais enfrentados no canavial, trabalhar cortando cana ainda agrava a saúde do ser humano.

Disseram-me ser pior nos dias de chuva e frio, pois têm de continuar trabalhando mesmo com suas roupas molhadas. Só param se a chuva estiver forte, protegendo-se no caminhão. Além disso, no frio, mesmo com as luvas, as mãos e o corpo todo doem, e as câibras são fortes, devido ao esforço físico.

A palavra privacidade não existe no local de trabalho. Vi duas cortadoras indo em direção ao meio do canavial para fazer suas necessidades fisiológicas.

Em relação ao controle de trabalho, os turmeiros passam várias vezes entre os cortadores. O ponteiro (aquele que vai medindo os metros cortados de cana) também está sempre presente marcando a produção.

No final da tarde, fui entrevistar um cortador chamado César, jovem e muito simpático. Apesar de sorrir o tempo todo, seu olhar demonstrava tristeza e cansaço, como o de todos com quem conversei. Falamos sobre sua vida particular e o trabalho. Quando perguntei se ele sabia do consumo de drogas entre os cortadores de cana, disse-me sem hesitar que havia sim.

Perguntei sobre seus sonhos e desejos. Contou que tinha o colegial completo e queria fazer faculdade de Educação Física, mas que não tinha condições. Assim como ele, seus familiares também trabalham no corte de cana.

Às 15h30, todos já estavam caminhando até o ônibus para ir embora. Ainda me perguntaram: “*Você vai no caminhão com a gente, né?*” Torci para que o Presidente do Sindicato não viesse, mas já havia combinado o retorno com ele, pois eu estava em outro município. Fiquei parada na porta do ônibus vendo todos entrarem, e então o Sr. Roberto chegou.

Todos que entrevistei disseram-me que gostariam de mudar de vida, mas a sobrevivência ultrapassa seus sonhos. Necessitam do trabalho para comer e ter um lugar onde morar. Já seus filhos não trabalham cortando cana, pois foram unânimes em desejar outro tipo de vida para si.

Moram na periferia da cidade, mas antigamente moravam nas colônias das fazendas, que, hoje, praticamente inexistem, visto que todas viraram imensos canaviais.

No dia seguinte, durante a viagem a outro canavial, o Sr. Roberto disse-me que eu iria perceber diferenças em relação à turma anterior, pois estes cortadores prestavam serviço ao fornecedor que vende suas canas cortadas para a Usina X.

Quando chegamos, o Sr. Roberto foi procurar o turmeiro. Nesse meio tempo ele me apresentou a um cortador de cana. Cumprimentei-o e esclareci o objetivo da minha presença no canavial.

Logo percebi várias diferenças em relação à outra turma. A cana era bem maior e tinha mais palha, apesar de esta ter sido queimada, como acontece em outros lugares para facilitar o trabalho no corte.

Fui apresentada ao turmeiro pelo Sr. Roberto e o procedimento foi o mesmo do dia anterior, em relação à receptividade. Foi informado que o “*dono*” da cana (o fornecedor) sabia da minha presença e que eu estava fazendo uma pesquisa com os cortadores de cana para o mestrado na PUC/SP.

O turmeiro me apresentou a alguns cortadores, explicando a eles a minha pesquisa. O primeiro que eu entrevistei foi um mineiro da região do Vale do Jequitinhonha. Assim como ele, havia vários migrantes da mesma região de sua procedência, além de alagoanos, baianos, e cortadores da própria cidade de Campos Canavial.

Cláudio era jovem, tímido e de poucas palavras. Parecia assustado, mas no decorrer da entrevista foi sentindo-se mais a vontade e confiante. Havia chegado à cidade em junho para trabalhar na safra da cana. Como a região do Vale do Jequitinhonha é considerada a mais pobre do Brasil, em períodos de safra está sempre à procura de trabalho. Perguntei se sabia sobre o uso de drogas entre os cortadores de cana e disse que sim. No final da entrevista perguntei se podia fotografá-lo, ao que consentiu. De repente ouço uma voz feminina me chamando. “*Moça, ô moça. Vem tirar fotografia da gente também*”. Olhei na direção da voz e observei duas mulheres do outro lado da estrada. Estavam em um nível muito acima do meu, um tipo de barranco. Quando cheguei, uma delas me perguntou: “*Você é da televisão?*” Disse que não, e expliquei meu propósito. Uma tinha 46 anos, e a outra 43. Ficamos conversando um tempo e depois perguntei se podia fazer a entrevista sobre a vida do trabalhador rural. Disse que tudo bem, e que contaria tudo; já a outra cortadora, mais calada, distanciou-se de nós continuando seu trabalho.

Falamos sobre sua vida, origem, dificuldades, trabalho e a questão das drogas no campo. Então ela disse que já tinha ouvido comentários em outras turmas, mas não conhecia ninguém. Quando eu estava terminando a entrevista, ela me disse baixinho: “*Olha o patrão, o patrão vem vindo. O patrão.*” Desliguei o gravador, e ele veio em minha direção para conversar. Era o filho do fornecedor. Apresentamo-nos e expliquei o que eu estava fazendo. Ele disse que já sabia por meio do Sr. Roberto. Pedi

autorização para continuar as entrevistas, ao que consentiu. No final, salientou: “*É duro este trabalho, né?*” Eu confirmei sua afirmação e ele foi embora.

Clara e Maria, as cortadoras, voltaram para perguntar sobre “o patrão”, e eu disse que conversamos a respeito da minha pesquisa. Perguntei se podia fotografá-las, e me disseram que sim. Clara, muito vaidosa, queria se arrumar e fez pose para a foto.

Informei a elas que iria ficar o dia inteiro no canavial e que nos encontraríamos mais tarde.

Encontrei o turmeiro, que, aliás, havia sido cortador de cana durante 14 anos. Ele me levou para conversar com um alagoano chamado Ulisses, que queria falar comigo. Aproximei-me e me apresentei. Ele foi muito gentil. Parecia estar desesperado, pois logo foi relatando que ele e mais 29 alagoanos estavam passando necessidades em todos os sentidos. Percebi que estava tremendo e perguntei o motivo. Respondeu que era fome e que seu irmão e os outros também estavam na mesma situação. Fiquei sem palavras, mas segurei minhas emoções para não interferir no andamento da entrevista e nem no seu relato, pois havia muita coisa a ser contada.

Era como se fosse um grito de desabafo no meio de tanta gente que não o ouvia. Um grito em silêncio. Disse que iria entrevistá-lo. Ele descreveu em que condições chegou em Campos Canavial com mais 29 alagoanos, e como estava vivendo. Chegaram no começo de julho por intermédio de um homem, Raimundo, que lá em Alagoas os recrutou para trabalhar em São Paulo na safra de cana, dizendo que iriam ganhar mais dinheiro. Entretanto, terão de pagar as passagens de ida e volta.

Outros 70 alagoanos encontravam-se espalhados pela região, mas ele não sabia onde exatamente. Achava que estavam desempregados, pois não eram acostumados a cortar a meta diária estipulada pelos fornecedores.

De seu grupo de 30, 24 foram alojados em um sítio à beira de um rio, sem nenhuma condição de moradia; passaram muito frio e sofreram com os borrachudos durante a noite. Depois os levaram ao salão de uma igreja desativada da religião Testemunha de Jeová, também sem condições de moradia. Existe apenas um banheiro para 24 homens e vários beliches, mas nem todos dormem em colchões, que por sinal são péssimos. Ele mesmo, com seu irmão, dorme no chão.

Nesse salão havia dois fogões precários, em que prepararam suas marmitas, compostas de um pouco de arroz e um pedaço pequeno e da pior qualidade de carne. Perguntei se podia fotografar sua marmita, e disse que sim. Emagreceu vários quilos em função da fome.



Ulisses (nome fictício) é um trabalhador rural que migrou do estado de Alagoas em busca de trabalho no corte de cana no município de Campos Canavial/SP. Ele é um dos muitos que migraram e encontravam-se em condições precárias em relação à moradia, trabalho e principalmente a alimentação. Quando o entrevistei, disse-me que muitos estavam passando fome, inclusive ele. Pedi permissão para fotografar a comida que estava em sua marmita. Havia apenas um pouco de arroz e um pedaço de carne de péssima qualidade. Procurei não mostrar seu rosto inteiro para preservar sua identidade. Este trabalhador foi muito significativo para mim, por isso o batizei de Ulisses, aquele que não desistiu de sua batalha e de seu retorno ao lar, apesar de enfrentar todos os tipos de obstáculos.

Foto: (Campos Canavial/SP, agosto de 2001. Arlete Fonseca de Andrade)

O fornecedor para o qual trabalham não havia cedido todos os equipamentos necessários, cabendo a eles a compra da comida, do facão e das botas. Para efetuá-la, foram orientados a abrir uma conta na mercearia próxima ao alojamento.

Todos os migrantes, com exceção dos cortadores de Campos Canavial, trabalham sem luvas. Clara havia me falado que o fornecedor munia os cortadores de Campos Canavial de botas, luvas, caneleiras e óculos; porém, se os perdessem, quebrassem ou estragassem, deveriam repor com seu próprio dinheiro.

Em relação ao registro em carteira, os trabalhadores de Campos Canavial que estavam a mais tempo eram registrados nos moldes preestabelecidos, ou seja, pelo período da safra. Aos migrantes foi dito que iriam ser registrados, no entanto não haviam obtido retorno.

Como ainda não haviam recebido nenhum dinheiro, já se achavam endividados em função da compra de comida e equipamentos. Quando recebessem, todo o dinheiro seria para pagar suas despesas.

Ulisses me disse que tinha somente duas peças de roupas, uma para trabalhar e outra para poder andar na cidade; entretanto, por sua própria definição, eram trapos.

Em Alagoas, todos trabalham no corte de cana também, mas lá o período da safra é o inverso daqui, em função das condições climáticas da região.

Quando terminei a entrevista com Ulisses, fui até o ônibus, peguei as frutas que tinha para o almoço e entreguei a ele para repartir com seu irmão.

Nesse intervalo, o turmeiro apareceu e falou que outro alagoano queria conversar comigo. Então me dirigi a ele. Sr. Perseu, um senhor de 53 anos, falava muito bem. Confirmou tudo que estava ocorrendo e disse que haviam sido “*vendidos como gado*” e enganados. Comecei a entrevista e logo chegou um outro alagoano, que se sentou quietinho. Então decidi manter uma conversa mais aberta, aproveitando a oportunidade de haver mais de um trabalhador. Mas, de repente, eles foram chegando quietinhos e se sentando. No final haviam 5 alagoanos. Acabei entrevistando todos ao mesmo tempo.

No final da conversa disse para eles procurarem o Sr. Roberto, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e descrever a situação em que se encontravam.

Todos com que conversei, alagoanos e mineiros, eram e sempre haviam sido trabalhadores rurais.

Na entrevista, perguntei ao Sr. Perseu sobre drogas. Disse-me que nunca havia ouvido comentários a respeito, mas já tinha visto cortador de cana trabalhar de uma forma muito rápida e diferente, pensando: *“Olha como aquele cara corta cana. Parece que tá com o demônio.”* *“Aí fico desconfiado se ele usou alguma coisa”*, dizia.

Também não quiseram almoçar na minha frente, por vergonha acredito. Então fui para o caminhão pegar meu lanche. Clara e Maria e outros cortadores que não conhecia já sabiam o que eles estavam passando e me perguntaram sobre sua condição. Confirmei a estória e ficaram com um olhar que parecia uma mistura de tristeza e solidariedade em relação à situação deles.

Alguns foram embora; ficaram apenas 4 cortadores de cana, que até então não tinha visto. Apresentei-me a eles. Um era da Bahia e os outros 3 de Campos Canavial. Apenas dois deles foram receptivos comigo, o baiano e 1 de Campos Canavial. Os outros não me encaravam e mantinham a expressão do rosto fechada. Eram jovens e seu comportamento me deixou intrigada. De repente, ouvimos barulho de fogos de artifício, e um deles disse: *“Eh...chegou a droga”*. Fiz um ar de surpresa e disse que em São Paulo acontecia o mesmo, perguntando em seguida se lá era assim também. Ele me deu uma risadinha e mudamos de assunto. Todos voltaram ao trabalho em direção a uma outra parte do canavial, pois onde estávamos era descampado. Fiquei sozinha naquele espaço imenso e aberto, e não vi mais os cortadores, pois cortavam de trás para frente.

Resolvi andar por esse espaço e, de repente, vejo os dois cortadores que achei estranhos sentados sozinhos e bem juntos fumando algo. Eles não me viram e continuei andando devagar para me aproximar. Quando notaram minha presença, levantaram rapidamente e foram se juntar ao grupo.

Fui ao encontro do grupo e fiquei conversando com eles, inclusive com o turmeiro e Ulisses, que estava perto dos dois trabalhadores que estranhei.

Percebi que o turmeiro queria que eu soubesse o que os migrantes estavam passando, de uma forma muito sutil, apresentando-me a eles.

Nesse instante o Sr. Roberto chegou, e conversamos mais um pouco. Sinalizei para Ulisses que ele era o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores, de quem havia falado. Despedi-me daqueles com quem conversei e dos outros também. De Ulisses senti vontade de me despedir com um beijo. Realizei minha vontade, desejando boa sorte.

O Sr. Roberto me levou de volta à cidade às 15h. Os cortadores de cana trabalhariam até 16h – 16h30, mais horas, portanto, que o pessoal da Usina X.

Decidi falar sobre os migrantes com o Sr. Roberto, e descrevi as condições em que eles se encontravam. Resolvi fazer isso porque senti ser uma obrigação da minha parte dizer o que estava acontecendo. Ele, muito prudente, disse que não estava sabendo, e que iria até o local em que os alagoanos estavam morando para averiguar e tentar resolver a situação sem prejudicar ou fazer alardes, para não haver nenhum tipo de represália; e que, se houvesse irregularidades em relação ao fornecedor, teria de fazer denúncias.

Combinamos continuar mantendo o contato, mesmo depois que eu viesse para São Paulo. Chegando na cidade, revelei as fotos e cedi uma cópia ao Sr. Roberto, que me convidou para tomar uma cervejinha e encerrar o dia com um bate papo. Entramos no bar e, logo em seguida, uma moça também. Era Vitória, a quem convidamos para ficar conosco. Foi ótimo, pois ela me deu o *feedback* dos comentários de sua turma. Disse que adoraram minha presença, queriam que eu fosse com eles no caminhão e que voltasse no canavial no dia seguinte. Também disse que sentiram minha falta e alguns pensaram que eu fosse do Pavilhão 2 do Carandiru. Outros ficaram chateados porque eu não os havia entrevistado. Expliquei ser humanamente impossível falar com 174 trabalhadores num pequeno espaço de tempo. Mas disse que voltaria.

Depois de algum tempo, já em São Paulo, telefonei ao Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais para saber como estava a condição de vida daqueles trabalhadores alagoanos. Ele havia verificado todos os fatos relatados, constatando serem verdadeiros. Dessa forma, entrou em contato com o fornecedor para regularizar a situação e a decisão foi encaminhá-los de volta a Alagoas. Fiquei mais tranqüila em saber da notícia, pois a vontade deles, demonstrada durante as entrevistas, era de retornar para casa ao lado da família, ao invés de permanecer no trabalho na condição de “*escravos*”.

Passado alguns meses da viagem realizada aos municípios de Campos Canavial e Rios Dourados, precisamente em janeiro de 2002, Vitória me telefonou dizendo que gostaria de ser entrevistada novamente sobre a questão das drogas consumidas pelos cortadores de cana, pois, na época, havia ficado insegura em revelar o que sabia. Desse modo, retornei ao município de Campos Canavial em fevereiro de 2002 para encontrá-la. Nessa entrevista, contou-me sobre os casos que sabia de amigos e vizinhos que consumiam drogas, especialmente o crack, e também sobre o tráfico que

alguns deles praticavam. Disse que, na época da pesquisa e das entrevistas no canavial, havia alguns que consumiam drogas, mas havia ficado com medo de falar e sofrer algum tipo de ameaça ou represália. Procurei não fazer interrupções durante a entrevista para que Vitória pudesse relatar os fatos de forma sequencial.

Depois dessa ocasião, continuei mantendo contato com Vitória e o Presidente do Sindicato.

Quando iniciou-se a colheita de cana no ano de 2002, Vitória me telefonou dizendo que estava nervosa, pois não havia sido chamada e precisava do salário para manter a família. Ela e outras cortadoras estavam sendo intimidadas pelos turmeiros por não aceitarem sair com eles. Disse a ela que isso configurava assédio sexual e que deveria informar o fato à assistente social da usina. Coloquei-me a disposição para conversar com os dirigentes para atestar sua boa integridade pessoal e profissional. Entrei em contato com o Presidente do Sindicato para falar sobre o que estava acontecendo com ela e outras cortadoras e solicitar sua ajuda para resolver o problema. Vitória foi à usina e falou com a assistente social, como havia lhe orientado. Logo depois, telefonou-me dizendo que tudo estava resolvido em relação ao trabalho, pois a assistente social não estava sabendo desse tipo de procedimento por parte de alguns turmeiros, e que eles seriam punidos, mantendo o sigilo das informações.

Após esses acontecimentos, Vitória voltou a trabalhar. Entretanto, logo depois, foi convidada a integrar a Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos Canavial, sendo ela a única mulher da equipe. Tive nesse momento o prazer de experimentar a vitória, tanto por ela, por seu talento e inteligência, como por mim, por ter conseguido mudar um pouco a realidade de sua vida e a daqueles homens que migraram de Alagoas em busca de trabalho e sobrevivência, e que estavam sujeitos à exploração e maus tratos.

Fenômeno e Relações Sociais

A partir dos dados apresentados, o **senso comum** poderia nos levar a crer que estes trabalhadores estão cada vez mais envolvidos no consumo de drogas porque não há perspectivas profissionais, assistência da rede pública para atender suas necessidades básicas e o fato de o trabalho que exercem ser exaustivo, sendo difícil suportar o dia-a-dia nesses locais.

Claro que estes fatores são de grande relevância para o estudo em questão, mas existem outros por trás do aparente. Para tanto, objetiva-se desenvolver a análise das entrevistas gravadas e transcritas, reunindo depoimentos que permitam conhecer:

- O cotidiano do trabalhador;
- O significado que atribui ao trabalho;
- A sua história de vida;
- A expectativa de vida em relação ao trabalho, profissão e família;
- Os sonhos/desejos que possui;
- As diferentes versões que circulam em relação ao crack;
- Os porquês da droga.

O referencial metodológico de análise será baseado na fenomenologia social, que são formas de conhecimento prático socialmente construído. Essa construção é estabelecida entre o social-psicológico, sofrendo influências da sociedade, por meio de valores, conceitos, idéias construídas entre diferentes grupos sociais que explicam a realidade da vida cotidiana e, ao mesmo tempo, a influência da realidade psíquica, subjetiva e particular.

O estudo dos fatos sociais a partir da fenomenologia social, da etnometodologia, do interacionismo simbólico e do construtivismo tem suas raízes na ruptura dos modelos tradicionais da pesquisa sociológica construída na visão durkheimiana de ignorar o senso comum, apesar de tais correntes não estarem desvinculadas das ciências sociais. Nas ciências humanas, Alfred Schütz é o representante mais significativo do pensamento fenomenológico, sendo considerada esta corrente como a sociologia da vida cotidiana. Apesar de suas elaborações terem influências do pensamento

weberiano, é na filosofia de Edmund Husserl que Schütz recebe a maior influência em relação à fundamentação metodológica.

*“O argumento de Husserl é o mesmo de Dilthey e Weber, isto é, os atos sociais envolvem uma propriedade que não está presente nos outros setores do universo abarcados pelas ciências naturais: o significado.”*¹⁶

Dessa forma, a fenomenologia social contribuirá nas questões que surgirão no decorrer da pesquisa em relação à vida cotidiana desses trabalhadores e suas relações sociais, como também o entendimento do referido fenômeno estudado, pois o mundo para ele está relacionado com a vida cotidiana, o mundo da vida, ou como ele mesmo diz: “o mundo da rotina”, no qual as pessoas não teorizam sobre suas práticas. Um mundo real e intersubjetivo, em que as pessoas interagem umas com as outras naturalmente; ou seja, a partir do senso comum, os homens vão interagir com seus valores, cultura, crenças etc.

A fenomenologia social apresenta, em relação à pesquisa, as seguintes características:

- a) *“Uma crítica radical ao objetivismo da ciência, na medida em que propõe a subjetividade como fundante do sentido;*
- b) *Uma demonstração da subjetividade como sendo constitutiva do ser social e inerente ao âmbito da autocompreensão objetiva;*
- c) *A proposta da descrição fenomenológica como tarefa principal da sociologia.”*¹⁷

Alfred Schütz traz para o pensamento da fenomenologia social o mundo da *vida cotidiana*, no qual o homem situa-se em meio a suas angústias e preocupações em intersubjetividade com os semelhantes do grupo em que vive no tempo presente, ou seja, a relação face a face.

Referente à presente pesquisa, buscou-se exatamente essa relação: conhecer o cotidiano dos cortadores de cana a partir da pesquisa de campo, buscando ouvir suas histórias de vida no tempo passado, presente e perspectivas de futuro. Parte desta centrou-se na questão da vida cotidiana, como: que horas começam suas trajetórias de

¹⁶ Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1992, pg. 55.

¹⁷ Idem, pg. 55.

trabalho, como é o dia no canavial, os intervalos para almoço e o lanche, o retorno para casa, etc., além da questão da droga, tão presente em suas vidas.

O medo de perder o lugar em que moram, de ser ameaçados por saberem de casos que dizem respeito à questão da droga e, dessa forma, prejudicar suas vidas e de seus familiares, de perder o trabalho e não conseguirem sobreviver, etc.

Sobre o conhecimento, Schütz o divide em três categorias:

- a) *“A do vivido e experimentado no cotidiano;*
- b) *da epistemologia que investiga esse mundo vivido;*
- c) *do método sociológico para a investigação.”*¹⁸

Num primeiro momento, o mundo social apresenta-se aos indivíduos como o mundo da cotidianidade, tal como é experimentado pelo homem, *“atitude natural”* e aceito da forma que é. Nesse sentido, *“o homem não questiona a estrutura significativa do mundo, mas age e vive nela.”*

Esse mundo cotidiano apresenta-se por meio de tipificações construídas pelos próprios atores sociais, de acordo com suas histórias e relevâncias. Segundo Schütz, essas tipificações possuem em si o *“universal e o estável, o específico e o mutável.”*¹⁹ Nesse ponto observa-se uma das diferenças do pensamento de Schütz em relação a Weber. Enquanto para Weber o *tipo-ideal* *“é uma construção analítica criada pelo cientista, para Schütz o ator social, não apenas o cientista, tipifica o mundo para compreendê-lo e comunicar-se com seus semelhantes.”*²⁰

O ponto inicial para a fenomenologia social são os *“construtos de primeira ordem,”*²¹ usados por toda a sociedade, isto é, o **senso comum**, mesmo que se tenha idéias vagas, limitadas e/ou fragmentadas e com emoção. Schütz não tem interesse em comparar ou questionar se o **senso comum** é superior ou inferior à construção científica, pois o propósito de um cientista/pesquisador social é descobrir e revelar os *“significados subjetivos implícitos”* que circundam o universo dos atores sociais estudados.

¹⁸ Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1992, pg. 55.

¹⁹ Idem, pg. 56.

²⁰ Idem, pg. 56.

²¹ Idem, pg. 56.

“O cientista social cria um saber diferente a partir do conhecimento de “primeira ordem”, por meio da elaboração de modelos do ator social, de “tipos ideais” para explicar os significados da realidade social e para descrever os procedimentos dos significados.”²²

De acordo com Schütz, a partir do mundo da vida cotidiana o cientista construirá modelos distintos do **senso comum**. São construídos:

- a) *“Pela consistência lógica, isto é, pela possibilidade de descrever o vivido, buscando trazê-lo para a ordem das significações;*
- b) *Pela possibilidade de interpretação; e*
- c) *Pela adequação à realidade.”²³*

E o modelo científico para compreensão do mundo social tem os seguintes princípios:

- a) *“A intersubjetividade: estamos sempre em relação uns com os outros;*
- b) *A compreensão: para atingir, penetrar o mundo do vivido, a ciência tem que apreender as coisas sociais como significativas;*
- c) *A racionalidade e a internacionalidade: o mundo social é constituído sempre por ações e interações que obedecem usos, costumes e regras ou que conhecem meios, fins e resultados.”²⁴*

²² Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1992, pg. 56.

²³ Idem, pg. 56.

²⁴ Idem, pg. 56.

Sobre a compreensão empírica da realidade, Schütz elabora alguns conceitos em relação ao ato social, como o de *situação*. Este conceito diz respeito ao lugar que a pessoa ocupa na sociedade, o papel que desempenha e suas posições ético-religiosas, intelectuais, políticas, etc. A esse respeito, diz que o homem está biograficamente situado no mundo da vida, agindo de acordo com esse papel social que desempenha.

Outro conceito que Schütz elabora é o *estoque de conhecimento* dos atores sociais, que seriam as referências com as quais interpreta-se o mundo e estabelece-se as ações. Outros conceitos com que Schütz trabalha são os *termos de relevância e estrutura de relevâncias*, que significam a importância dos objetos e os contextos que estes possuem para os sujeitos, relacionados com sua história de vida e bagagem de conhecimento que possuem.

Esses conceitos desenvolvidos por Schütz são de grande importância para a pesquisa empírica, passando do contexto individual para o grupal e comunitário, que o autor denomina *reciprocidade*,²⁵ seja de comunicação, sentido de comunidade, de objetivos e de interpretação intersubjetiva, visto que, segundo ele, a maior parte de nosso conhecimento vem de nossos pais, familiares, professores, grupo comunitário, etc. Recebemos formas de classificar e tipificar, criando o nosso universo e colocando-nos na vida prática em relação com o mundo.

Outro elemento fundamental para a fenomenologia social é a linguagem, pois para o autor “*a vida humana é essencialmente diferente e só pode ser compreendida através do mergulho na linguagem significativa da interação social.*”²⁶

A linguagem, práticas, coisas e acontecimentos são inseparáveis. “*E a linguagem é essencial para que a realidade seja do jeito que é, isto é, a realidade é a própria vida cotidiana nos indivíduos onde eles se comunicam, concordam, discordam, justificam-se, negam ou criam.*”²⁷

Para Schütz, a linguagem cotidiana ocupa todo um universo rico e inexplorado da essência social.

Nesse sentido, a intercomunicação e a linguagem são fundamentais, uma vez que:

²⁵ Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1992, pg. 57.

²⁶ Idem, pg. 58.

²⁷ Idem, pg. 58.

“A linguagem cotidiana esconde todo um tesouro de tipos e características pré-constituídos de essência social que abrigam conteúdos inexplorados.”²⁸

A fenomenologia social diz que só há conhecimento subjetivo, e não objetivo ou neutro, pois é *“o homem que imprime leis ao real, e o ato de conhecimento reúne o observador e o observado, ambos possuidores de significados atribuídos pelo próprio homem.”²⁹*

A partir da *“tese geral da reciprocidade das perspectivas”* formulada por Schütz, marca-se o *“caráter social da estrutura do mundo da vida de cada um,”³⁰* baseado na idéia de que cada indivíduo tem sua experiência particular e subjetiva, sua visão de mundo é diferente do outro em relação ao mesmo fato; mas, em contrapartida, todos, de certa forma, fizeram ou fazem parte daquela ação, porque há duas idealizações usadas pelas pessoas: a possibilidade de troca em relação aos pontos de vista e a *“conformidade do sistema de pertinência”*. Por exemplo: todas as pessoas que foram a uma partida de futebol supõem que foram assistir pelas mesmas razões, apesar das diferenças em relação ao modo de vida, ao ponto de vista, etc., mas o que as une é a mesma razão, a intenção, a situação, ou seja, suas experiências.

Portanto, neste estudo, as experiências darão um significado ao trabalho do cortador de cana e ao consumo de drogas, no caso, o crack, tomando como referência o trabalho, a vida familiar e afetiva e as perspectivas futuras, apesar de as experiências vividas serem diferenciadas umas das outras. Mas o que as une é a mesma condição, a mesma situação, o mesmo problema.

A análise das narrativas dos entrevistados procurará identificar sentidos nos discursos que caracterizam sentimentos de atividade/inatividade; liberdade/dependência; sofrimento/conforto; trabalho/não-trabalho; capacidade/incapacidade; ter direitos/não ter direitos; ser cidadão/ser marginal.

²⁸ Coulon, A. Etnometodologia. Ed. Vozes, 1987, pg. 11.

²⁹ Mynaió, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1992, pg. 58 e 59.

³⁰ Coulon, A. Etnometodologia. Ed. Vozes, 1987, pg. 13.

Os casos de cada indivíduo trazem uma vida cheia de significados, pois o aspecto qualitativo é fundamental para as ciências humanas. Trabalhar a realidade viva do grupo é uma forma de elaborar os dados. Com isso, passamos da impressão para a hipótese do trabalho em questão.

O aspecto da vida social (localização) é uma forma de analisar o problema social. Na pesquisa de campo é importante determinar as “*unidades mínimas de vida econômica e social em que as relações encontram um primeiro ponto de referência.*”³¹

O estudo do grupo em questão visto da perspectiva histórica quanto aos problemas caracterizam a situação da vida rural em São Paulo.

As correntes teóricas, como a fenomenologia social – Schütz, a etnometodologia – Park e Garfinkel, o construtivismo - Berger, Luckman e Goffman, e o interacionismo simbólico - Mead, como já foi mencionado, têm suas semelhanças ao romper com os moldes tradicionais de pesquisa das ciências humanas, que consistiam em ignorar o senso comum e suas representações sociais, além da contribuição e influência que a fenomenologia social possibilitou servindo de base a essas correntes posteriores. Sendo assim, o presente estudo não terá a pretensão de analisar a questão dos cortadores de cana consumirem crack a partir da ótica de cada corrente, e sim requerer suas contribuições para enriquecer o entendimento do referido fenômeno.

O berço da etnometodologia foi a Universidade de Chicago, e Robert Park seu arquiteto principal. As idéias de Park foram teoricamente desenvolvidas por Harold Garfinkel na década de 30. Garfinkel, em sua célebre obra intitulada “*Studies in Ethnomethodology*”, tem como fontes principais dois autores: Talcott Parsons, sociologia americana, e **Alfred Schütz**, que funda a fenomenologia social.

A partir da fenomenologia, Garfinkel desenvolve sua teoria em relação à etnometodologia, dizendo que, mais que uma teoria, ela é uma perspectiva de pesquisa que trabalha com uma abordagem qualitativa do social, organizando-se segundo a idéia de que todos nós somos pesquisadores sociais em estado prático, ou, de acordo com a formulação de Alfred Schütz, “*o real já se acha descrito pelas pessoas.*”³²

³¹ Candido, A., Os Parceiros do Rio Bonito. Ed. Duas Cidades, 1987, pg. 20.

³² Coulon, A., Etnometodologia. Ed. Vozes, 1987, pg. 7.

Garfinkel postula que:

*“O fato social não é um objeto estável, mas o produto da contínua atividade dos homens, que aplicam seus conhecimentos, processos, regras de comportamento, em suma, uma metodologia leiga cuja análise constitui a verdadeira tarefa do sociólogo.”*³³

Dessa forma, a etnometodologia abarca o estudo das atividades cotidianas, sejam elas *“triviais ou eruditas”*³⁴, partindo da pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar suas ações cotidianas.

Diferentemente dos sociólogos tradicionais, que consideram os aspectos do saber do senso comum uma *“categoria residual”*, a etnometodologia trabalhará na contra-mão desse conceito, analisando as crenças e os comportamentos desse senso comum como base constituinte de *“todo comportamento socialmente organizado.”*³⁵

Na Inglaterra, os dois representantes da etnometodologia foram Harrison e Madge (1937), que tentaram aplicar os procedimentos metodológicos para compreender melhor o dia-a-dia do homem comum em uma sociedade complexa. Apesar do espírito inovador, Harrison foi criticado dentro e fora do âmbito científico por sua falta de rigor metodológico.³⁶

Assim, os movimentos etnometodológicos decaíram nos Estados Unidos e, na Inglaterra, sua influência acabou sendo pequena. Porém, a partir da década de 50, a tradição etnometodológica tem sido retomada com vigor e é evidente a sua grande contribuição para as ciências humanas.³⁷

Esta breve introdução em relação à etnometodologia justifica-se por ter semelhança com a fenomenologia social na sua formulação do *senso comum* e do *mundo cotidiano*, que Schütz elaborou com maestria em sua obra ***Fenomenologia e Relações Sociais***.

³³ Coulon, A., Etnometodologia. Ed. Vozes, 1987, pg. 24.

³⁴ Idem, pg. 30.

³⁵ Idem, pg. 30.

³⁶ Mynaio, M. C. de Souza. O Desafio do Conhecimento. Ed. Hucitec – Abrasco, 1999, pg. 52 e 53.

³⁷ Idem, pg. 55.

A contribuição do construtivismo, que tem afinidades com o marxismo, vai aparecer tanto na fenomenologia social como na etnometodologia, nas idéias de *Peter Berger e Thomas Luckman*³⁸ ouvintes das palestras ministradas por Schütz, que trabalham com a relação indivíduo–sociedade. A esse respeito, os autores vêem a sociedade como uma realidade objetiva e subjetiva ao mesmo tempo, e o indivíduo, neste contexto, exterioriza seu próprio ser no mundo social interiorizando esse mesmo mundo como realidade objetiva.

Esse processo dialético é composto de: exteriorização, objetivação e interiorização, interligados um ao outro. Para que isso ocorra, é necessário compartilhar e participar do mundo do outro; só depois desse processo de interiorização é que o indivíduo torna-se um ser social. Assumir o mundo do outro é torná-lo o seu próprio.

Esse processo de socialização do indivíduo no mundo objetivo está dividido em duas etapas: socialização primária e secundária.

A socialização primária ocorre na infância e em uma estrutura social objetiva, proporcionando um aprendizado cognitivo. É uma relação dialética entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade objetivamente apropriada.

O indivíduo só se apropria da sua identidade em certo mundo e, simultaneamente, esse mundo passa a ser apropriado por ele mediante suas atribuições, permitindo-o localizar-se. É no processo de socialização primária que surge o *outro generalizado*, e o elemento mais importante é a linguagem. Ao término da socialização primária, o indivíduo torna-se efetivamente um ser social (integra a sociedade), porque possui uma personalidade e um mundo próprio. A socialização secundária é uma continuidade da primária, responsável pela identificação na comunicação entre os seres humanos, por isso a linguagem é tão importante.

*“Nas sociedades conhecidas há sempre alguma distribuição social do conhecimento, tanto o universal como o conhecimento especial que está relacionado ao conhecimento de funções específicas resultantes da divisão social do trabalho; assim a socialização secundária passa a ser importante para a aquisição desses novos conhecimentos.”*³⁹

³⁸ Berger, P. & Luckmann, T. A Construção Social da Realidade. Ed. Vozes, 1966.

³⁹ Vários Autores. Intencionismo Simbólico e Teoria dos Papéis. Ed. EDUC, pg. 179.

Em relação ao trabalho dos cortadores de cana, podemos verificar que não possuem conhecimentos universais nem específicos sobre o seu trabalho. Desempenham suas funções mecanicamente, visando garantir apenas sua sobrevivência. O resultado desse processo é a alienação, pois não se apropriam de outros mundos.

Berger e Luckman salientam que a realidade subjetiva tem uma relação socialmente definida com a realidade objetiva. O papel da conservação da realidade subjetiva é muito importante para a confirmação da identidade. Esse processo é dialético, uma vez que há relação recíproca entre os diferentes fatores.

O fator mais importante na conservação da realidade é o diálogo, porque tem como função manter, modificar e reconstruir constantemente a realidade subjetiva do sujeito.

“A realidade é interiorizada tanto na socialização primária como na secundária por processos sociais, sua manutenção depende desse processo, embora com características diferentes.”⁴⁰

Vale ressaltar nesse processo que, se o indivíduo interage simultaneamente o seu próprio ser com o mundo social, e um dos aspectos do mundo atual é a grande importância que se dá a bens materiais, bem como à conquista de poder consumi-los, poderíamos dizer que os cortadores de cana estão interagindo e interiorizando os valores atribuídos de uma sociedade de consumo, e a droga é um deles.

O desenvolvimento da identidade do indivíduo é determinado pelas condições históricas, sociais e materiais dadas, incluídas na condição do indivíduo na dimensão temporal: passado, presente e futuro.

Os trabalhadores rurais, em geral, possuem um referencial histórico e social não apenas em relação à luta pela posse da terra para realizarem seus trabalhos, como também são caricaturados como seres desprezíveis tanto no aspecto cultural como no social, não obedecendo aos padrões estabelecidos e determinados pelo modo de vida das cidades.

⁴⁰Vários Autores. *Intercionismo Simbólico e Teoria de Papéis*. Ed. EDUC, pg. 181.

A não-metamorfose ocorre na impossibilidade de articular personagens novos ou velhos, e pode ser reconhecida como a morte biológica ou simbólica.

O trabalho é onde se dá a emancipação do sujeito, onde ele pode realizar uma atividade criativa e livre, satisfazendo suas necessidades básicas e atingindo uma ascensão social. A impossibilidade de emancipação acaba por gerar a alienação do sujeito, tornando-se escravo de seu trabalho, como de si mesmo, não reconhecendo-o como fator importante na relação social.

Em relação aos trabalhadores rurais, especificamente os cortadores de cana, podemos dizer que a morte simbólica está relacionada a sua baixa auto-estima, não constituindo um personagem. Sendo assim, a droga (crack) poderia estar contribuindo não só para a morte simbólica, mas também para a morte física desses indivíduos.

Uma outra característica da identidade é sua temporalidade: passado, presente e futuro⁴¹. Na mesmice da identidade há a exclusão da temporalidade, tornando-se abstrata, perdendo sua capacidade de transformação⁴². O tempo dos cortadores de cana está completamente ligado às suas atividades profissionais, faz-se apenas para o trabalho. Muitos preferem adotar o silêncio e o esquecimento como forma de resistência em função dos traumas vividos⁴³. Outros já não conhecem o contexto histórico de lutas travadas entre camponeses e latifundiários para a obtenção da terra, pois esta representava para os trabalhadores o fim de sua escravidão, por meio dela se completavam e se realizavam.

O estigma é outro ponto fundamental, incorporado à cultura do homem do campo desde sua descrição literal, como pessoas sem bom trato, grosseiros e sem educação; além desse fator, atualmente esse estigma é agravado pelo fato de muitos serem dependentes de drogas.

Erving Goffman diz que o conceito de estigma está ligado a pessoas portadoras de características físicas, morais ou grupais determinadas, promovendo o descrédito das pessoas “normais”. A esse respeito diz:

⁴¹ Ciampa, A. C., A Estória do Severino e a História de Severina. Ed. Cortez, 1998, pg. 198.

⁴² Idem, pg. 198.

⁴³ Pollak, M. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992, pg.203.

“Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversa, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia, porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos de estigma.”⁴⁴

O indivíduo estigmatizado sente-se completamente inseguro frente aos “normais”, que, no caso, representam um tipo de sociedade perfeita. Almeja um modelo que todos gostariam de ser tanto no aspecto moral como social. Essa insegurança dos estigmatizados é relacionada à possibilidade de os “normais” identificá-los com determinado tipo de caráter e ao modo como serão recebidos pela sociedade.

Estigma, para os gregos, eram sinais corporais feitos para evidenciar o que a pessoa fez de mau em relação ao status moral.

Na era cristã, o estigma possui duas concepções diferenciadas: uma em relação à graça de Deus, e a outra às marcas de distúrbio.

Atualmente, a concepção de estigma é similar ao significado dos gregos, embora esteja mais ligada à desgraça do que à marca corporal. A este respeito, o autor diz:

“O termo estigma será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso.”⁴⁵

Os tipos de estigma que Goffman exemplifica são: as abominações do corpo, as culpas de caráter e, finalmente, os estigmas tribais de raça, nação e religião.

No caso dos cortadores de cana, o tipo de estigma que mais se aproxima é o de caráter, duplamente caracterizado. Primeiro em relação ao tipo de trabalho que exercem: são trabalhadores volantes, não possuem emprego fixo, sendo a grande

⁴⁴ Goffman, E. Estigma. Ed. Guanabara, 1988, pg. 23.

⁴⁵ Idem, pg. 23.

maioria autônomos, não atingindo um status social conquistado. O outro aspecto diz respeito à dependência química: no caso, alguns são usuários de crack. A este tipo de estigma, Goffman diz que:

“são percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidades, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político-radical.”⁴⁶

O ser estigmatizado acaba não desenvolvendo uma relação social cotidiana. Desse modo, afasta de si os “normais”, destruindo os outros atributos que ele possui ou conquistou.

⁴⁶ Goffman, E. Estigma. Ed. Guanabara, 1988, pg. 14.

Capítulo I: Cana-de-Açúcar e o Trabalho Volante

“Pela minha idade, eu acho que eu não tenho mais sonho não. Não dá pra ter mais sonho não. Quer dizer, que a esperança é a última que morre, né? Mas de qualquer maneira, eu acho tão difícil, tanto tempo da minha mocidade, tanto que eu trabalhei, tanto que eu batalhei até hoje e nada arrumei, já dá até pra eu me desinganá de sonho.”

Sr. Perseu: apesar de dizer que não tem mais sonhos, acredita na esperança de um dia melhor e que ela não morrerá.

Apesar de este estudo estar direcionado ao trabalho no corte de cana e suas diversas implicações, faz-se necessário refletirmos primeiramente sobre a importância do trabalho na vida humana, assim como o processo histórico e as mudanças ocorridas durante os diferentes períodos.

A origem da palavra trabalho tem um significado não muito propício aos seres humanos. Vem do latim *tripalium*, e era um instrumento aplicado aos escravos que não cumpriam suas obrigações, daí seu significado, castigo. Na Idade Média, o sentido do trabalho não muda muito; *travail*, em francês, referia-se a um aparelho para conter os animais durante a cirurgia.⁴⁷

A partir da idéia inicial, “*sofrer*”, passou-se à idéia de esforçar-se, lutar, e, por fim, trabalhar.⁴⁸

Na concepção moderna, o trabalho tem um outro significado: é reconhecido como fator social, determinante da humanização do homem, distinguindo-o dos animais.

Assim, o trabalho não só liga o homem à natureza mas os homens entre si, pois a atividade individual está ligada a um sentido mais amplo que é a sociedade.

O trabalho, na atualidade, está associado à expressão de liberdade e, por meio dele, o homem modifica a natureza e inventa a técnica, criando uma nova realidade.

Nesse sentido, o trabalho possui um aspecto mágico em função de sua duplicidade: de um lado, aparece como valor de uso, atendendo às necessidades dos seres humanos, e, de outro, como valor de troca, criador de mercadoria.

O trabalho como *valor de uso* insere, no seu contexto, significado humano à natureza, atendendo às suas necessidades. Já o trabalho como *valor de troca* homogeniza produtos distintos, ignorando suas especificidades, transformando-os em mercadorias.⁴⁹

Com o desenvolvimento do capitalismo, a produção vira mercadoria e surge uma divisão do trabalho diferenciada, integrando a divisão social do trabalho que irá se destacar por seus resultados, ou seja, produtores artesanais antes independentes do

⁴⁷ Spink, K. P., Psicologia e Saúde: Repensando Práticas. Ed. Hucitec, pg. 91.

⁴⁸ Alexis Leontiev apresenta a diferença entre as categorias trabalho e atividade. Trabalho inicialmente tem a conotação de sofrimento e posteriormente a idéia de esforçar-se, lutar, pugnar e por fim trabalhar, exercer um ofício. “A palavra trabalho é encontrada como sinônimo de atividade, ocupação, ofício, profissão, tarefa, distinguindo-se de lazer, aparecendo como resultado de uma determinada ação. A atividade diz respeito a exercer uma ação. “A palavra atividade aparece como sinônimo de ação, profissão, trabalho, buscar alguma coisa etc.” Mas etimologicamente a palavra trabalho aparece vinculada a um produto, enquanto a palavra atividade não. Sendo assim, a atividade pode ser aplicada para os homens e animais, e o trabalho restringe-se somente aos homens. Indivíduo, Trabalho e sofrimento, pg. 86 e 87, Vários autores. Ed. Vozes. 1998.

⁴⁹ Marx, K., Engels, F., A Ideologia Alemã. Ed. Martins Fontes.

processo de produção sob o controle do capital passam a dividir tarefas, resultando na divisão do trabalho.

A sociedade capitalista, ao mesmo tempo que liberta o trabalhador da “*servidão*”, o torna totalmente alienado em relação ao controle sobre o processo de realização de seu trabalho. O trabalhador acaba não tendo a visão desse processo, perdendo completamente o controle dos produtos confeccionados por ele, bem como de sua distribuição no mercado. Ocorre a alienação no campo social, político e, principalmente, na consciência, à medida que suas idéias aparecem fragmentadas do mundo real.

É interessante, e ao mesmo tempo contraditório, notar que todas essas mudanças foram a base para a formação de uma sociedade racionalizada, que tornou-se complexa com o desenvolvimento do capitalismo e seu caráter dominador.

Nessa transição, as idéias, pensamentos, sentimentos e relações sociais acabaram sofrendo com o impacto da industrialização.

Sobre esse processo de transformação do trabalho no mundo moderno, vários pensadores de diferentes vertentes manifestaram suas concepções, como Comte, que analisou essas mudanças como uma forma de a sociedade ordenar-se e progredir, rumo a um estágio avançado.⁵⁰

Marx também percebeu as contradições do avanço do capitalismo, e, de certa forma, enxergou-o com otimismo inicial, porque acreditava que as contradições levariam à superação desse sistema por meio de revoluções. Havia um vislumbamento dessas transformações no século XIX na racionalização do mundo, como uma forma de a humanidade emancipar-se.

Mas o século XX não correspondeu a essas expectativas. A divisão do trabalho, a exploração dos trabalhadores e o domínio da técnica não levaram ao projeto de emancipação da sociedade.

Após uma sucessão de derrotas nas reivindicações dos sindicatos dos trabalhadores, dos partidos de esquerda, principalmente na Europa, ascensão dos partidos de massa, como o nazismo e o fascismo, e uma série de guerras, como a Ia. e IIa. Guerras Mundiais, as ciências humanas precisaram repensar todo esse cenário histórico para gerar as possíveis análises e explicações diante dos fatos.

⁵⁰ Comte, A., Os Pensadores. Ed. Abril.

Esse mundo, resultante de diversas transformações e reivindicações, é marcado pelo progresso científico, urbanização acelerada, divisão do trabalho, racionalização e democratização.

O pensamento positivista acreditava que o desenvolvimento das sociedades estava preso a uma linha evolutiva, ou seja, só quando houvesse progresso haveria ordem, e isso só seria possível quando a prática fosse subordinada à teoria.

Para Marx, a transformação de objetos em valor de uso cumpre o seu papel frente às necessidades humanas tanto do ponto de vista econômico como pelo aspecto psicossocial.

Em relação ao desenvolvimento do capitalismo, Marx tem uma visão crítica, denunciando a miséria, a opressão, a exploração e o trabalho desumano nas fábricas, o que contribuía para o acúmulo do capital e aumento da miséria.

Vale ressaltar que o desenvolvimento do progresso científico e da técnica constituirão o princípio da negação dessa sociedade desumana, levando à organização de uma sociedade em que os indivíduos seriam livres, auto-afirmando-se num trabalho criador.

Em sua obra, aponta a exploração humana na sociedade capitalista apenas nas relações de produção, restrito às fábricas. Porém, a opressão do trabalho não se restringe apenas às fábricas, por realizarem trabalhos em série; ela é disseminada nos diversos setores de trabalho da sociedade.

Com todo esse cenário de mudanças e transições históricas no decorrer do século XIX e meados do século XX, vide a opressão do trabalho, o aumento da miséria, as revoluções, a ruptura dos laços sociais e a não-emancipação do homem seja por meio do trabalho seja pelo conhecimento científico, caberia dizer que, hoje, eles são acontecimentos do passado, ou do início do avanço do capitalismo. Mas a realidade mostra-nos que a sociedade, em relação às formas de trabalho, não avançaram muito ao que os homens tanto desejaram, isto é, um trabalho mais livre e criativo, com o qual se obtivesse prazer e não a exploração da mão-de-obra.

A partir das idéias do pensamento histórico apresentadas em relação ao trabalho e à evolução da sociedade capitalista, perguntaríamos: o que esses aspectos têm de relevante ao se pensar o trabalho dos cortadores de cana na atualidade?

A intenção é mostrar que muitos segmentos de trabalho, bem como suas categorias, não atingiram o estágio, tão almejado pela sociedade, de emancipação, transformação da servidão em liberdade e em criatividade, atendendo todas as necessidades e desejos dos seres humanos. Em algumas categorias o trabalho obedece sua concepção inicial de um castigo àqueles que não cumprissem suas obrigações.

Mesmo com o passar dos tempos, a estrutura de trabalho no campo, especificamente em relação à categoria dos cortadores de cana, continua baseado na servidão, em que os trabalhadores se submetem a essa ordem por uma questão de sobrevivência, apesar da evolução tecnológica investida em muitos setores, principalmente no que diz respeito à industrialização da matéria-prima, no caso a cana-de-açúcar.

Seu trabalho transformou-se em mera mercadoria. Não tendo nenhum acesso ao controle de sua produção e não reconhecendo seu trabalho dentro da macroestrutura que envolve todo o complexo da agroindústria canavieira, estão, portanto, excluídos do processo de produção.

Enfim, ocorre uma ruptura entre o produto e o produtor: o trabalhador produz o que não consome, consome o que não produz. Esse processo chama-se **alienação** e implica em ser e não ser ao mesmo tempo. O homem é o que é pelo trabalho; o trabalho é nosso modo de ser. Mas, ao mesmo tempo que nos realizamos por ele, também nos perdemos quando deixamos de tê-lo no sentido de vislumbrar a possibilidade de estarmos livres e donos do produto que fabricamos, participando e conhecendo todos os seus mecanismos e não sujeitos apenas ao processo mecânico, perdendo o acesso ao produto final.

As palavras de um cortador entrevistado na pesquisa define bem essa dimensão da alienação do trabalho:

“Bom..., o serviço da gente, que a gente trabalha aqui no corte de cana, acho que, se os homens lá do governo, sei lá, pegasse, ponesse na cabeça, poxa, vamos dar uma valorização, pros cortadores de cana, porque o açúcar que eles fornecem hoje pelas empresas é tudo nós que faz esse açúcar, açúcar, álcool, é somos nós, somos nós que corta né, é dela que sai a mercadoria. Acho que se eles ponesse na cabeça, ajudasse a gente, a gente trabalharia assim, um pouco mais animado, assim, se pagasse um pouco mais. Porque pagar, não tão pagando...”

Não pretende-se aqui fazer uma historiografia sobre a cultura da cana-de-açúcar e a força de trabalho rural, mesmo porque muitos estudos já foram desenvolvidos sobre estas questões no Brasil. É necessário, entretanto, apresentar alguns aspectos históricos para entendermos os conflitos, contradições, modernização, exploração da mão-de-obra e o surgimento de uma nova categoria de trabalhadores rurais, os volantes, e a inserção da temática do crack em seu cotidiano.

A história da agroindústria canavieira é muito complexa, uma vez que suas implicações sociais, econômicas, geográficas e antropológicas, desde o Brasil colonial, atraíram o olhar de vários estudiosos, que aprofundaram suas pesquisas nos diversos segmentos desse setor econômico que emprega centenas de milhares de trabalhadores rurais baseado num sistema arcaico até os dias de hoje, e, por outro lado, investe em pesquisas e inovações tecnológicas envolvidas no rendimento da produção e em maquinarias sofisticadas.

Esse importante setor da economia brasileira sempre esteve presente no desenvolvimento histórico do Brasil, influenciando todos os setores da sociedade, pois marcou o processo de formação e colonização do país, iniciado no século XVI. A cana-de-açúcar tem sua origem no oriente e foi trazida pelos portugueses, expandindo-se pelas ilhas tropicais do Atlântico a partir do século XV. Nesse período, os portugueses, interessados em inserir essa nova cultura agrícola no mercado europeu, apropriaram-se de terras indígenas, destruindo matas para a construção de engenhos de açúcar. Assim sendo, começaram a escravizar índios e africanos para a plantação e colheita da cana-de-açúcar, ficando o sistema de moagem nos engenhos movidos a carro de bois. A partir do início do século XIX, começam a surgir os primeiros engenhos a vapor, predominantes no litoral e zona da mata do Estado de Pernambuco até o Recôncavo da Baía de Todos os Santos, em função da facilidade de escoamento do produto para os portos.⁵¹

No final do século XIX, começam a surgir as dificuldades em exportar o açúcar devido ao alto custo de produção, bem como a má-qualidade do produto (açúcar não refinado e de coloração marrom), levando o governo imperial a financiar a

⁵¹ Andrade, M. C. de, Modernização e Pobreza. Ed. UNESP, 1994, pg. 19.

implantação de engenhos centrais por meio de concessão de exploração a empresas nacionais e estrangeiras. Esses engenhos eram mais modernos, e possuíam equipamentos mais adequados à fabricação do açúcar branco.⁵²

Vale dizer que o primeiro engenho central foi construído em Quissamã (RJ) e começou a funcionar em 1877⁵³. Hoje, foi transformado em usina, localizando-se no município de Muriaé (RJ).

Após a instalação do primeiro engenho central, vários outros surgiram até 1889. Com a República, ocorre a transformação desses engenhos em modernas fábricas, denominadas usinas. A diferença entre engenho e usina é que o primeiro não podia possuir terras para cultivar a cana, sendo obrigado a comprar de fornecedores, e não podia utilizar mão-de-obra escrava. Isso porque os engenhos eram considerados atividades industriais e não agrícolas. A usina já podia possuir terras plantadas, moendo, desse modo, sua própria cana. Esse foi o fator que fez com que os engenhos fossem desaparecendo frente às dificuldades de competir com as usinas, e o capital estrangeiro investido nos engenhos começou a desviar para atividades mais rentosas, como o transporte e os comerciantes de importação e exportação, chamados “*comissários do açúcar*”, etc.⁵⁴

Assim surgia o *período usineiro*, com numerosas fábricas de pequeno e médio porte dotadas de estradas de ferro particulares e destilarias de álcool. Os engenhos, com esse avanço, começam a desaparecer, permanecendo apenas alguns para abastecer o mercado regional. Inicia-se um novo período na história econômica e social do Brasil. Esse estudo, denominado “*ciclo do açúcar e da civilização*”, que deu origem à produção comercial em grande escala, está baseado, segundo Gilberto Freyre, “*no latifúndio, na monocultura e na escravidão*.”⁵⁵

Essa transição dos engenhos centrais para as usinas e destilarias é explicada pelo fato de os engenhos pertencerem ao período manufatureiro e as usinas, ao período industrial capitalista.⁵⁶

Nota-se que o período usineiro, desde o governo imperial, sempre recebeu garantias, incentivos fiscais e empréstimos bancários a juros muito baixos. A partir da década de

⁵² Andrade, M. C. de, *Modernização e Pobreza*. Ed. UNESP, 1994, pg. 19.

⁵³ Marchiori, M. E. P. et al., *Quissamã*, 1987, p. 19; Viana, S. B. R., *O Engenho Central de Quissamã*, 1981.

⁵⁴ Andrade, M. C. de, *Modernização e Pobreza*. Ed. UNESP, 1994, pg. 20.

⁵⁵ Freyre, G., *Casa Grande e Senzala*. Ed. Record,

⁵⁶ Santiago, T. A., *Manufatura e o Engenho de Açúcar no Brasil Colonial*. Ed. Vozes, 1980, pg. 195-205.

70, intensificam-se os investimentos em tecnologia para acelerar a produção de açúcar e expandir a produção de álcool.

Especificamente no estado de São Paulo, onde concentra-se esse estudo, no período colonial, foram implantados 3 engenhos centrais: Piracicaba (1882), Lorena (1884) e Porto Feliz (1887). A produção de açúcar nesse período era tão grande que o porto de Santos chegou a ser chamado, no início do século XIX, de porto do açúcar, por Araújo Filho.⁵⁷

Isso provocou o crescimento da população paulista, com a imigração de áreas distantes do país e também de outros países, voltada para a força de trabalho, provocando um crescimento da acumulação capitalista.⁵⁸

A cana ganhou expressão em São Paulo inicialmente no Alto do Vale do Tietê – áreas próximas a Campinas, Capivari, Sorocaba e Porto Feliz.

A partir da década de 40, inicia-se a expansão da cultura da cana em São Paulo,⁵⁹ tornando-se, na década seguinte, o estado de maior produção de açúcar do país, a ponto de desaparecer a importação de máquinas para as usinas no processamento do açúcar e álcool vindas da Europa e EUA, as quais passaram a ser fabricadas em São Paulo pelos grupos Dedini (Piracicaba)⁶⁰ e Zanini (Sertãozinho), que atenderam, na metalurgia, o mercado de São Paulo e outros estados do Brasil. O grupo Dedini tinha ligações estreitas com o grupo Ometto, dono de mais de 20 usinas em São Paulo.⁶¹

As relações entre trabalhador rural e o processo de apropriação da terra também existem desde o período de colonização do Brasil, em que inicialmente o trabalho rural era escravo, do cultivo da cana até sua transformação em açúcar e aguardente. A doutrina que esses trabalhadores em condição escrava receberam era baseada na submissão aos seus patrões, garantida pelo castigo e evangelização. Além da violenta condição em que essas pessoas encontravam-se, sem liberdade e obrigadas a trabalhar, caso contrário eram espancadas, viam-se obrigadas a abdicar de sua cultura e religião.

⁵⁷ Araújo Filho, J. R., Santos, O Porto do Café, 1969, pg. 50-55.

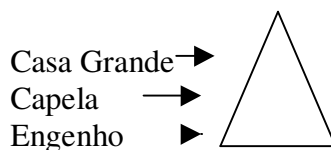
⁵⁸ Andrade, M. C. de, Modernização e Pobreza. Ed. UNESP, 1994, pg. 56.

⁵⁹ Idem, pg. 59.

⁶⁰ Negri, B., Um Estudo de Caso da Indústria Nacional de Equipamentos. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1977.

⁶¹ Andrade, M. C. de, Modernização e Pobreza. Ed. UNESP, 1994, pg. 60.

Gilberto Freyre esquematizou a relação de submissão da estrutura de uma sociedade patriarcal formada nesses moldes de acordo com o desenho abaixo:⁶²



Após a abolição da escravatura, passou-se a usar a mão-de-obra livre junto com a escrava.⁶³ Os proprietários de terras, produtores tradicionais de cana, ofereciam um sítio para lavoura de subsistência e usavam mão-de-obra familiar na plantação e industrialização da cana-de-açúcar, não havendo remuneração em dinheiro nem garantias trabalhistas. Esse sistema generalizou-se em todos os engenhos e, para os grandes produtores, era o meio mais prático e econômico de livrar-se de suas obrigações. Outro sistema utilizado e também generalizado foi o de sujeição, em que o trabalhador recebia um pedaço de terra do proprietário e tinha de trabalhar 4 dias com remuneração inferior à estipulada pelo mercado, e, nas épocas de safra, todos da família eram recrutados a trabalhar, sendo pagos por tarefa realizada, para produzirem mais.⁶⁴

Com a implantação das usinas e maior demanda de produção de cana, os canaviais estenderam-se e muitos moradores foram desalojados de seus sítios para as cidades e vilas da região. Passaram a ser contratados por empreiteiros, que comandavam e deslocavam os grupos até o canavial. Inicia-se então o processo de proletarização.⁶⁵

“Com a expansão dos canaviais e a adoção mais acentuada das relações capitalistas de produção, o trabalhador se viu num dilema: ou se proletarizar, tornando-se um trabalhador rural comum, parceiro ou arrendatário, ou, finalmente, para uma pequena camada, sitiante, podendo vir a ser fornecedor.”⁶⁶

⁶² Freyre, G., Casa Grande e Senzala. Ed. Record, 2000.

⁶³ Após a abolição muitos não foram libertos, continuando na condição de escravos.

⁶⁴ Andrade, M. C. de, Modernização e Pobreza. Ed. UNESP, 1994, pg. 202.

⁶⁵ Andrade Neto, J. C. X. de, O Estado e a Agroindústria Canavieira no Nordeste Orienta. Tese de Doutorado. USP, 1990.

⁶⁶ Ianni, O., A Classe Operária vai ao Campo. Cadernos CEBRAP, Ed. Brasiliense, 1976.

Nesse processo de proletarização, pequenas lavouras vão desaparecendo das regiões em que as terras eram melhores e mais acessíveis, formando, a partir dessa concepção, grandes latifúndios de cana.⁶⁷

À medida que a renda aumenta, dispensa-se a mão-de-obra, estimulando a concentração da propriedade de terra e da renda.

É nesse cenário que surge a categoria de trabalhador volante, no início da década de 50, quando a agricultura começa a ter um crescimento significativo, e os reflexos desse processo vão avançar a partir da década de 60, permanecendo até os dias atuais.

Em 1951, no governo Vargas, foi criada a *Comissão Nacional de Política Agrária*, com o objetivo de estudar e propor ao Presidente formas de organizar e desenvolver a agricultura. Dentre as prioridades, estavam a melhoria da condição da mão-de-obra agrícola, com uma legislação que os protegesse, e o acesso à terra. Mas todas as tentativas de aprovar a lei da reforma agrária foram derrubadas. Somente em 1954 é que foi aprovado um projeto de lei dispendo a criação de um *Serviço Social Rural*, financiado pelos próprios trabalhadores por meio da cobrança de uma taxa. O objetivo desse serviço era melhorar as condições de vida dos trabalhadores e de seus familiares, em relação à saúde, moradia, educação, treinamentos, associações, etc.⁶⁸

Mas a questão é que esse serviço serviu apenas de pretexto para impedir a regulamentação das leis trabalhistas em relação ao trabalho rural.

O que foi impossível de se realizar na década de 50 surge em 1963, no governo João Goulart, com o *Estatuto do Trabalhador Rural* (lei 4.214 – 02/03/63), o qual garantia ao trabalhador rural os mesmos direitos do trabalhador urbano. Os empregadores, para fugir dessa determinação, começam a usar o serviço do “turmeiro” ou “gato” para se isentar de suas responsabilidades.⁶⁹

O “turmeiro” encarregava-se de contratar mão-de-obra por conta própria, afastando a possibilidade de responsabilizar os verdadeiros empregadores de seus deveres. Isso porque, até 1963, a contratação era informal; com o Estatuto, deveria ser por escrito, o que obrigava os empregadores a arcar com contrato em carteira de trabalho, garantindo todos os direitos de seus trabalhadores, como FGTS, 13 salário, férias, etc.

⁶⁷ Andrade, M. C. de, *Modernização e Pobreza*. Ed. UNESP, 1994, pg. 205.

⁶⁸ Baptistella, C. da S. L., Francisco, V. L. dos S., Vicente, M. C. M., *O Trabalho Volante: uma análise do emprego num período de transição no campo paulista – Informações Econômicas*, 2000.

A criação do ETR contribuiu de forma negativa nas relações de trabalho, pois muitos trabalhadores não foram enquadrados nessa regulamentação e aqueles que tinham trabalho permanente foram demitidos para posteriormente serem contratados como volantes.

O relato de um cortador de cana, migrante do estado de Alagoas, exemplifica essa situação na contratação dos trabalhadores pelo “gato”, que perdura até os dias de hoje:

*Sr. Perseu: Era registrado, tudo certinho, tudo tranqüilo. Agora aqui eu estranhei por que a gente veio pra puxá pra ... pela usina né. Quando chegô aqui a gente foi vendido pro **gato**, que nem um animal.*

Arlete: Vocês foram vendidos, vendidos pro gato?

Sr. Perseu: Foi. É eu considero vendido, porque chega aqui, haviam, a gente veio em 40, ficô 28, 24 aqui não foi?

Arlete: Vinte e quatro alagoanos.

*Sr. Perseu: Foi. Vinte e quatro alagoanos que ficô. Ficô 6 lá pro bando de Rios Dourados, já pro outro gato, quer dizer, outro gato ficou com os seis né? Aí adespois, com o decorrer do tempo, conversa mais conversa eu soube que o cara que transportô a gente de lá pra cá, veio iludindo, dizendo que era pra registrar pela usina, chega aqui, o pessoal, **vende por cabeça, cem reais cada um**, aí deu pra eu entender, porque se fosse, registrar pela usina mesmo, a gente tava tudo num canto, registrado pela usina, a gente tava tudo num canto. O pessoal que veio estava tudo num canto. (os 40 alagoanos).*

Arlete: Claro.

*Sr. Perseu: Mas já dividiu, um pra um canto, outro pra outro, outro pra outro, quer dizer que, **um gato falou assim, eu preciso de dez, outro falou eu preciso de cinco né, outro, eu quero 24**, (risos).*

Dessa forma, o contingente de mão-de-obra informal começa a crescer a partir de meados dos anos 60, em função da intensificação da cultura da cana-de-açúcar, que tem como base o crescimento do Programa Pró-Álcool, que atraiu a atenção do governo e de estudiosos.

⁶⁹ Baptistella, C. da S. L., Francisco, V. L. dos S., Vicente, M. C. M., O Trabalho Volante: uma análise do emprego num período de transição no campo paulista – Informações Econômicas, 2000.

Com esse processo de expulsão das terras, surge nos anos 60 as ligas camponesas, formadas pelo Partido Comunista Brasileiro. Esse período da história brasileira é marcado por muita violência, com lutas e mortes, em nome da reforma agrária e da regularização das relações de trabalho e melhoria de salários. Para conter a grave situação de conflito entre donos de latifúndio e pequenos produtores e trabalhadores rurais expulsos pelo avanço do capital, o Estado achava que promulgando o ETR os ânimos nesse conflito seriam amenizados. Entretanto, alguns governadores rebelaram-se contra o presente Estatuto, pois estavam comprometidos com os donos de latifúndio.

“Nos anos 60 e 70, auge da ditadura, procedeu-se em todas as áreas canavieiras do país, um intenso processo de desruralização dos trabalhadores do campo, e os grandes proprietários acabam promovendo uma política de expulsão de pequenos proprietários e trabalhadores de suas terras, forçando-os a morar nas periferias das cidades e vilas próximas às suas propriedades.”⁷⁰

A rápida aceleração industrial no início do século XX, com a constituição de grandes centros urbanos e periferias das cidades e o fluxo migratório voltado para o desenvolvimento industrial e agrícola, gerou o empobrecimento da classe trabalhadora, expropriação e expulsão dos camponeses de suas terras e subordinação do trabalho em prol do capital.

⁷⁰ Andrade, M. C. de, Modernização e Pobreza. Ed. UNESP, 1994, pg. 210 e 211.

Grande parte das terras era de sitiantes, que se viram obrigados a arrendá-las para as usinas diante das grandes dificuldades de adquirir crédito bancário, baixa produtividade nas colheitas, condições climáticas que, muitas vezes, prejudicavam as plantações e o despreparo administrativo dos pequenos proprietários rurais, resultado do processo histórico da agricultura brasileira, baseada em protecionismo do governo e grande poder político dos produtores. Essa realidade é alterada com as transformações no processo produtivo e avanço do capital ficando sujeitos às fragilidades dessas mudanças. Assim, o sitiante cede suas terras e vai para a cidade em busca de subempregos, ou acaba se tornando um empregado assalariado da própria usina.

A transformação do agricultor em trabalhador assalariado é dada pela conjuntura econômica, e essa mudança afeta radicalmente o cotidiano desses trabalhadores, alterando os valores culturais, necessidades, padrões de comportamento, condições e projetos de vida, modos de percepção de si próprio e do mundo.

Não podemos resumir o homem apenas como um organismo que interage com seu meio físico. Ele transcende a esfera biológica, pois é no processo histórico que adquire a verdadeira condição humana, interagindo na sociedade.⁷¹

Os trabalhadores volantes possuem uma característica peculiar na agricultura: o trabalho descontínuo e sazonal. Isso significa que são contratados em alguns meses do ano para plantação ou colheita de determinadas culturas. Na cultura da cana-de-açúcar, é muito freqüente a contratação de mão-de-obra volante; no início do primeiro semestre, o plantio, e no segundo, a colheita. Nos outros meses esses trabalhadores migram para conseguir trabalho em outras culturas ou fazem “bicos” nas periferias das cidades.

O trabalhador volante possui uma caracterização singular:

“a caracterização singular do trabalhador volante é que, apesar de ser um assalariado rural, tem seu custo de reprodução ao nível do setor urbano.”⁷²

⁷¹ Sass, O., Fragmentos Sobre a Vida na Roça – Estudo Psicossocial com Pequenos Proprietários Rurais. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1982.

⁷² Silva, J. G., O “bóia-fria” entre aspas e com os pingos nos *in* A Mão-de-Obra Volante na Agricultura. Ed. Polis, 1982.

Essa definição de trabalhador volante deve-se ao processo de proletarização, que deu origem a essa modalidade de trabalhador rural. Ele interioriza e personifica a união entre o trabalhador rural e o urbano, fazendo com que reproduza sua mão-de-obra entre o setor agrícola e industrial.

Há vários tipos de trabalhadores volantes no estado de São Paulo, com três formas diferentes:

1. *“bóia-fria permanente: trabalhador volante, durante o ano inteiro, cuja renda depende exclusivamente do trabalho assalariado. Esse trabalhador é em verdade efetivo da unidade agrícola, estando inclusive protegido pelos direitos trabalhistas;*
2. *bóia-fria eventual ou esporádico: empregado apenas na época da safra, presta serviço a diversos proprietários agrícolas em períodos descontínuos, pelo que não se pode afirmar a existência de qualquer vínculo empregatício;*
3. *bóia-fria temporário: alterna sazonalmente empregos rurais e urbanos e permanece na zona rural somente por ocasião dos picos agrícolas.”*⁷³

Onde o emprego é melhor distribuído existe um número maior de trabalhadores bóias-frias, chamados de turmas fixas ou trabalhador volante permanente. Esse tipo de trabalhador tem sua ocupação apenas no meio rural e é assalariado, dependendo exclusivamente dessa fonte de renda.

Há outras formas de venda da força de trabalho: trabalho *assalariado por produção*, em períodos de grande produção agrícola, e *assalariado por tempo de serviço*, durante a entressafra.

O trabalho em muitas usinas é organizado de acordo com a rotina do plantio e colheita da cana-de-açúcar, divididos durante o ano entre a safra e a entressafra.

⁷³ Silva, J. G., O “bóia-fria” entre aspas e com os pingos nos is *in* A Mão-de-Obra Volante na Agricultura. Ed. Polis, 1982.

Apesar de a cultura da cana estar crescendo e suas áreas de plantio aumentando, o número de trabalhadores vem diminuindo, em virtude do investimento na mecanização. Por outro lado, investe-se na seleção de trabalhadores volantes, de acordo com a produção individual.

Essa seleção é feita em função do número de toneladas de cana que um trabalhador corta por dia. Um trabalhador do gênero masculino, entre 18 e 30 anos, sem nenhum problema físico, corta, por dia, mais de 10 toneladas de cana. Esse tipo de trabalhador interessa muito à usina.

Os trabalhadores volantes também vivem um processo de proletarização advindo da penetração do capitalismo no campo. A separação entre produtor, propriedade e meios de produção gera um processo de transformações que não ficam apenas no âmbito econômico, mas modificam valores culturais, sociais e políticos, afetando o modo de compreensão de suas vidas. Rompida a relação com a terra, esses trabalhadores passam de produtores a consumidores, e suas necessidades básicas tornam-se regidas pelos valores desenvolvidos na vida urbana. Por fim, esses volantes não conseguem perceber que miséria, sofrimento e exploração não são condições dadas e sim resultado de todo um processo histórico que permeia a relação assalariada.

A lógica que prevalece na estrutura do trabalho volante é desvinculada do local e da família. Desenraizados da construção social pela própria lógica do trabalho, não possuem lugar definido; portanto, não criam vínculos sociais. Caminham de acordo com o trabalho. A única relação que permeia suas vidas é a relação com o trabalho. A lógica do capital faz com que sejam espremidos e excluídos, construindo suas vidas nas periferias das cidades e entrando na lógica de consumo das áreas urbanas. Com isso, seus valores são descaracterizados e assumem outros aspectos não adquiridos conforme sua origem.

O binômio campo–cidade levanta a hipótese de que a passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade urbana não se dá em função do desenvolvimento tecnológico, e nem é a causa da urbanização acelerada que vem ocorrendo nas comunidades rurais. Esse fato deve-se ao desenvolvimento do capital, que cria mecanismos de separação e promove a dominação do campo pela cidade.⁷⁴

Os pequenos proprietários vivem a transição para um processo de proletarização, visto que o capital articula formas de reproduzir-se no campo, corrompendo o sistema de

⁷⁴ Sass, O., Fragmentos Sobre a Vida na Roça – Estudo Psicossocial com Pequenos Proprietários Rurais. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1982.

economia familiar, transformando-os em simples mercadorias, baseado no excedente da terra ou da produtividade.

Esse deslocamento do homem do campo para a cidade, que se dá a partir do período pré-industrial para o industrial, acaba alterando os códigos sociais e familiares. O que era predominantemente rural passa a ser hegemonicamente urbano⁷⁵. Entretanto, apesar da migração ter conseqüências de rupturas na estrutura social, em razão da inclusão de estruturas sociais mais complexas, não pode ser concebida como um processo de desestruturação familiar, e sim uma nova organização nas relações primárias.⁷⁶

Essa reorganização pode durar um longo período e adotar lógicas que não pertencem à sua origem, havendo transformações no sentido do esquecimento, em razão da estabelecida.

Os migrantes, quando estabelecidos na cidade, são obrigados a se integrar ao novo mercado de trabalho, empregando-se nos serviços temporários que a cidade exige, como consertos de encanamento de água, esgoto, eletricidade, pintura, etc., sobrevivendo do trabalho informal, assim como ocorre nas usinas e fornecedores. Tanto no campo como na cidade esses trabalhadores estão sujeitos à força do poder econômico, sem terra para exercer suas funções e sem a qualificação profissional exigida no espaço urbano.

A crescente migração também repercutiu negativamente nas cidades, visto que estas incharam sem nenhum planejamento urbano, o que contribuiu para a queda da qualidade de vida e perda da garantia de seus empregos.

Esse novo sistema de relações de trabalho provocou grande impacto principalmente nas cidades pequenas, que passaram a ter um crescimento anormal sem entrosamento entre a população que migrou em busca de trabalho e a dos trabalhadores rurais do local, em função de suas diferenças de costumes, cultura, etc.⁷⁷

Os usineiros têm interesse na força de trabalho dos migrantes, porque estes dedicam-se mais ao trabalho, não têm ligações locais nem acesso às entidades que os representam. Os usineiros procuram segregá-los do contato de outros trabalhadores, alojando-os em grandes galpões comunitários em suas propriedades ou colocando-os

⁷⁵ Lobo, E. C., Lia, A. S. M., Questão Habitacional e O Movimento Operário, in Barbosa, F. C., Mercado de Trabalho de Migrantes Nordestinos: os empregados de edifício no Rio de Janeiro.

⁷⁶ Durham, E. R., A Caminho da Cidade: Ed. Perspectiva, 1973.

⁷⁷ Andrade, M. C. de, Modernização e Pobreza. Ed. UNESP, 1994, pg. 212.

em grupos nas casas da periferia das cidades.⁷⁸ Por outro lado, os trabalhadores locais reagem aos migrantes pelo fato de estes não se integrarem à luta por melhores condições de trabalho e de salário. Esses migrantes muitas vezes já possuem um pedaço de terra em seu lugar de origem, que os trabalhadores locais não têm. Estes possuem apenas a força de trabalho, mas não perdem a esperança de um dia reconquistar o lugar perdido.⁷⁹

O ato de migrar à procura de trabalho, seja ele no campo ou na cidade, em virtude de expulsão, pressupõe o abandono do espaço social de origem, o que gera sérias implicações em relação à adaptação ao novo meio, inclusive de moradia.

O lugar (moradia) para essas populações não se limita a um teto que dê proteção e conforto (espaço público e privado). Possui uma importância no aspecto psíquico, uma vez que o lugar está associado ao desejo de transformação, subsistência e sociabilidade. Por seu histórico de luta, conflito e expulsão das terras em que eram donos de seu trabalho, temem ser expulsos da mesma forma como ocorreu em seu lugar de origem. Desse modo, sujeitam-se a morar em lugares inadequados, muitas vezes em troca de trabalho, recebendo por isso pagamentos bem inferiores, submetendo-se à subordinação de regras de controle moral e disciplinar de seus empregadores.

Enfim, os costumes e práticas usadas no campo, em função das necessidades capitalistas, acabam reproduzindo-se na cidade, mas num sentido mais traumático, pois o vislumbamento de retorno à terra, a seus mecanismos de trabalho e reprodução social e cultural acaba distanciando-se cada vez mais do homem do campo.

Em relação à luta pelos direitos trabalhistas, várias greves ocorreram em diferentes localidades rurais no país. No final da década de 70 (1979), surge a primeira greve organizada dentro da legalidade, em Pernambuco, congregando toda a classe trabalhadora dos canaviais. A partir de então, iniciam-se, na década seguinte, várias greves com o objetivo de humanizar as relações de trabalho e diminuir as medidas prejudiciais aos seus interesses.⁸⁰

Muitas dessas greves foram realizadas em diversos municípios do Nordeste e nos estados de Minas Gerais e São Paulo; entretanto, a intervenção governamental sempre reagiu às greves com violência.

⁷⁸ Andrade, M. C. de, *Modernização e Pobreza*. Ed. UNESP, 1994, pg. 213.

⁷⁹ Idem, pg. 213.

⁸⁰ Idem, pg. 214 e 215.

Um exemplo disso ocorreu no município de Guariba/SP em 1984, onde os cortadores de cana do município insatisfeitos com a exploração que estavam sofrendo com baixos salários e aumento do custo de vida, viram-se impossibilitados de sobreviver e manter suas famílias. Dessa forma, organizaram-se e decidiram entrar em greve. Esta greve ficou conhecida em todos os municípios do estado de São Paulo e vários estados do Brasil em função da grande violência por parte das autoridades públicas (Prefeitura, Polícia Militar e Governo do Estado) e pela conquista de suas reivindicações: cortar 5 ruas de cana ao invés de 7 e aumento no preço da tonelada da cana cortada. Mas o sucesso dessa greve teve um sabor amargo, pois muitas pessoas apanharam, entre homens e mulheres, velhos e crianças, cortadores de cana ou não, familiares e vizinhos. Outros literalmente foram espancados por policiais militares, além do assassinato de um cortador de cana, *Amaral Vaz Melone* conforme as imagens de arquivo da TV Manchete, TV Cultura e CEDIC.

Apesar das greves e dos acordos, a situação na área canavieira ainda é tensa. O trabalho escravo e semi-escravo ainda é utilizado, conforme denúncias da Pastoral da Terra⁸¹ e comunicação apresentada à *APIPSA*⁸² em 92.⁸³

No estado de Mato Grosso é muito frequente o uso de mão-de-obra indígena (homens, mulheres e crianças). Recebem remuneração inferior à legalizada⁸⁴ com a conivência das organizações que os representam.

Trabalhadores nordestinos e dos estados do Pará, Maranhão, Mato Grosso e Minas Gerais ainda sofrem, sendo retidos a força nos canaviais. Quando esses trabalhadores percebem a exploração nos baixos salários e descontos de aluguel, alimentos, multas por infração, manifestam a vontade de voltar ao lugar de origem. Porém, o retorno é dificultado pelos empresários, que colocam milícias armadas para impedi-los.⁸⁵⁸⁶

A fiscalização dos trabalhadores no canavial é muito rigorosa. Eles são punidos com demissão, em casos mais graves, e com o “gancho”, suspensão por 3 ou 4 dias de trabalho.⁸⁷

⁸¹ Comissão Pastoral da Terra. *Conflitos no Campo*, pg. 78.

⁸² Barrozo, J. C., *O trabalho escravo nas agroindústrias de Mato Grosso in Encontro Nacional da APIPSA*, 1992.

⁸³ Andrade, M. C. de, *Modernização e Pobreza*. Ed. UNESP, 1994, pg. 216.

⁸⁴ Proposta, n. 55, p. 10 e 11. Rio de Janeiro, FASE, 1992.

⁸⁵ Andrade, M. C. de, *Modernização e Pobreza*. Ed. UNESP, 1994, pg. 217.

⁸⁶ Cito outros estados, principalmente os da região Nordeste, devido ao grande número de migrantes que se dirigem ao estado de São Paulo, a fim de trabalhar na colheita da cana, representando, no total, a grande maioria de trabalhadores dedicados a essa cultura, além de muitos terem fixado moradia nas cidades do interior do estado.

⁸⁷ Barban, V. A., *O Trabalhador Rural na Agroindústria Canavieira Empresarial no Estado de SP.*, Dissertação de Mestrado – USP, pg. 47.

Tendo em vista as questões levantadas, acredito ser importante descrever o dia de trabalho no corte de cana, para termos a dimensão da realidade diária desses trabalhadores migrantes das diversas regiões do Brasil, como também dos locais em que hoje moram nas periferias da cidade.

O dia de trabalho no corte de cana inicia-se entre 4h30 e 5h00. Nesse horário, os trabalhadores preparam seu almoço, que, na maioria das vezes, é composto de arroz, feijão, alguma verdura e ovo. Também levam, às vezes, uma garrafa térmica com café e um garrafão de água.

Entre 5h30 e 6h00, o caminhão ou ônibus passa em um local determinado para apanhá-los em direção ao trabalho.

Comem uma parte da comida por volta de 9h30, e, a partir das 11h00, comem o restante e tomam café.

Trabalham até as 16h30, aproximadamente. Meia hora depois, o transporte chega para levá-los ao local determinado para todos retornarem às suas casas.

Muitos moram longe do local de trabalho, chegando a uma distância de até 50 km dos campos de corte da cana-de-açúcar.

Esses trabalhadores, em sua maioria, colhem uma média de 12 toneladas de cana/dia, entre homens e mulheres.

O trabalho na colheita da cana-de-açúcar é realizado de segunda a sábado, durante 7 meses no ano (maio a novembro), em função da produção nas usinas de açúcar e álcool.

A maioria desses trabalhadores não são registrados; portanto, não possuem assistência médica e social.

Capítulo II: Modernização e Pobreza

“Aí a gente se depara pelo meio desse mundo sofrendo, tem viagem que a gente se dá bem, ganha bem, é bem recebido onde chega, claro que não é que a gente não tamo sendo bem recebido. Só que tem um detalhe que não agrada, que a gente aqui tamo...sofrendo.”

“Fomos vendido que nem escravo.”

Sr. Perseu: cortador de cana que migrou de Alagoas em busca de uma vida e um futuro melhor.



A foto acima mostra o processo de mecanização nos canaviais no estado de São Paulo. A colheitadeira retira a cana do solo e joga no caminhão ao lado. Neste canavial, não há mais cortadores de cana, apenas as máquinas em seu lugar. Para sobreviver, esses trabalhadores são obrigados a migrar para outras regiões do estado onde a colheita ainda é manual.

A grande maioria não recebeu qualificação profissional, sendo excluídos do novo sistema de trabalho.

Foto: Pirassununga /SP, agosto de 2002. Arlete Fonseca de Andrade

O processo de modernização na lavoura canavieira concentra em si um conjunto constituído por vários decretos, leis, programas, estatutos, investimentos tecnológicos em maquinarias e pesquisas científicas sobre insumos e adubos químicos. Esse processo teve como principal aliado o Estado, por meio de sucessivas intervenções com o objetivo de intensificar a produção canavieira.

Historicamente, os investimentos governamentais neste setor econômico tiveram início no período colonial, desde a instalação dos engenhos centrais e sua modernização até a transformação destes em usinas.

O interesse do Estado em investir na lavoura canavieira tem como fundamentos a geração de lucros rentáveis tanto para a União como para os donos dos grandes latifúndios, a competição no mercado internacional por meio da exportação dos produtos industrializados como o açúcar e álcool e o controle das políticas aplicadas aos grupos de usineiros.

Na verdade, o Estado sempre desenvolveu ações voltadas ao fomento da produção de açúcar e álcool. Esse íntimo relacionamento entre o Estado e o que viria a ser o Complexo Agro-industrial (CAI) da cana-de-açúcar pode ser verificado desde o período colonial.

O objetivo deste capítulo é fazer um apanhado histórico do século XX, a partir da década de 30, salientando pontos importantes e esclarecendo alguns decretos e leis que justificam porque esse setor econômico é o mais importante do país.

Descrever e interpretar todos seus decretos, leis e estatutos seria uma tarefa desnecessária, pois a bibliografia que trata desse assunto é muito rica e correríamos o risco de nos afastar do objetivo central desta pesquisa, transformando-a em mais uma descrição teórica sobre a modernização da agroindústria canavieira. Desse modo, pretende-se trabalhar alguns pontos importantes e necessários para entender as complexidades que envolvem esse setor da economia brasileira.

O capítulo anterior abordou o processo histórico da agroindústria canavieira, que tem suas raízes na instalação dos engenhos centrais, representando o início da industrialização.

O surgimento das usinas no final do século XIX revolucionou o modo de produção, comparado aos antigos engenhos de açúcar. Essa passagem dos engenhos para as usinas expressa a transição do período manufatureiro para a grande indústria.

Um dos fatores importantes na passagem para a etapa da modernização foi o desenvolvimento tecnológico aplicado à construção de máquinas, deixando de lado o trabalho humano e artesanal na fabricação de produtos como o açúcar e o álcool.

Nessa etapa, as habilidades dos trabalhadores acabaram ficando num nível secundário, em consequência da ciência, tecnologia e trabalho em massa apropriados como força produtiva.

A esse respeito *Marx* diz:

*“Enquanto sistema organizado de máquinas de trabalho que só recebem seu movimento de um autômato central, por meio da maquinaria de transição, a indústria maquinizada reveste sua figura mais desenvolvida. A máquina individual é substituída por um monstro mecânico, cujo corpo enche fábricas inteiras e cuja força demoníaca, oculta a princípio pelo movimento quase solenemente compassado de seus membros gigantescos, irrompe na dança loucamente fabril e vertiginosa de seus inúmeros órgãos de trabalho.”*⁸⁸

A modernização da agricultura brasileira é um fenômeno que iniciou-se a partir do pós-guerra, quando começou-se a utilizar equipamentos mecânicos e produtos da indústria química. Mas é nos anos 60 que ocorre um grande salto desse setor econômico no país, podendo-se falar em uma *“industrialização da agricultura.”*⁸⁹

A sustentação do processo de modernização e decorrente industrialização dos produtos *“in natura”* foram baseadas no Estado, validadas pelas políticas de financiamento a juros subsidiados e intensificadas com a criação do *Sistema Nacional de Crédito Rural* (1967).

⁸⁸ Marx, K. , O Capital. Crítica da Economia Política t1. Ed. Civilização Brasileira, pg. 464.

⁸⁹ Ramos, P., Agroindústria Canavieira e Propriedade Fundiária no Brasil. Ed. Hucitec, 1999.

A produção no setor industrial canavieiro caracterizou-se pelos elevados investimentos em capital fixo. Iamamoto afirma:

“Este é um ramo de produção que, em função de suas particularidades industriais e agrícolas, requer elevada disponibilidade de capitais: capitais fixos imobilizados em máquinas e equipamentos, capital circulante para acionar e renovar o processo produtivo, além de capital alocados na compra de terras, transfigurados em renda capitalizada.”⁹⁰

As usinas representam, na história da agroindústria canavieira, uma etapa antecipada da industrialização da agricultura.

As palavras de Otávio Ianni refletem bem essa questão:

“A usina é uma fábrica fora do lugar, da cidade, no campo. Parece inserida no processo de reprodução do capital agrário. Na usina, o capital agrário e industrial aparecem conjugados, subsumidos um ao outro. De longe, vista no campo, a usina parece engolida pelo canavial; a fábrica pela planta; a indústria pela agricultura. Mas o que ocorre é o inverso, reverso. Na agroindústria canavieira, o capital industrial instalado no campo confere ao capital agrário as suas cores e matizes. Na usina, a cana-de-açúcar é industrializada, transformada em açúcares e álcoois, seguindo as exigências e a lógica da produção industrial. Aí comandam os processos físicos e químicos, mas sobressai a máquina e o andamento maquinizado. Na usina, a força de trabalho e a divisão social do trabalho organizam-se produtivamente, segundo os movimentos e os andamentos do capital industrial. Pouco a pouco as exigências da usina se estabelecem e se impõem nos canaviais, sobre os fazendeiros, os plantadores de cana e os operários rurais. É verdade que a cana-

⁹⁰ Iamamoto, M. V., Trabalho e Indivíduo Social. Ed. Cortez, 2001, pg. 114.

de-açúcar se faz segundo o andamento da natureza, nas suas estações. Mas esse andamento pode acelerar-se algum pouco e aperfeiçoar-se, segundo determinações provenientes da usina. É nesse movimento que se aplicam e propagam o fertilizante, o defensivo, o trator, a queima das folhas, a intensidade do corte, a velocidade do transporte, a intensificação da força de trabalho. Ao desenvolver-se no campo, a usina incute no verde dos canaviais uma vibração e uma aspereza que nada tem a ver com a doçura da cana-de-açúcar.”⁹¹

Esse trecho escrito por Ianni sobre as usinas de cana-de-açúcar e álcool exemplificam bem as transformações e contradições existentes nesse setor econômico. Para que o açúcar chegue à mesa dos consumidores, com a finalidade de adoçar ou transformar sabores amargos em algo prazeroso, ou até o álcool, na locomoção das pessoas em seus automóveis, exige-se um dissabor daqueles que participam desse processo, explorador da força de trabalho em nome do capital industrial e fundamentado na propriedade fundiária, pois:

“As relações de propriedade articulam-se com as relações de trabalho como meio de subordinar o trabalho. As diversas formas de organização do trabalho – e de participação em seus frutos – condicionadas pela distribuição dos meios de produção, expressam formas diferentes de relação com o usineiro, capitalista e proprietário territorial, articulando sujeitos sociais distintos.”⁹²

De fato, a *propriedade fundiária* tem ligações históricas e estreitas com o regime capitalista de produção. Entretanto, o capital cria e recria formas históricas específicas de propriedade que melhor lhe convêm, baseado na exploração capitalista, subordinando a agricultura ao capital.

⁹¹ in Yamamoto, M. V., Trabalho e Indivíduo Social. Ed. Cortez, 2001, pg. 116.

⁹² Idem, pg. 116.

Essa breve introdução sobre a passagem para uma etapa moderna de propriedade da terra contribui para refletir sobre as relações sociais que formam historicamente as complexas relações entre *capital industrial e renda capitalizada*⁹³ no setor canavieiro.

A agroindústria canavieira de São Paulo tem ligações com as mudanças realizadas tanto na economia paulista como na nacional, e, também, na expansão e crise do café. Este episódio tem um papel fundamental no desenvolvimento de um novo capital financeiro e comercial acumulado e desviado para a produção e comercialização do açúcar.

*“Os capitais acumulados a partir do café representaram uma das fontes da formação da burguesia industrial do açúcar.”*⁹⁴

A partir da década de 30, a intervenção do Estado tem papel decisivo no desenvolvimento da agroindústria canavieira, criando órgãos como o IAA (Instituto do Açúcar e Alcool, Decreto n. 22.789 de 01/06/33).

“A partir desse momento a ação do Estado foi-se intensificando, ao ponto de chegar a abranger inteiramente o setor açucareiro. A intervenção se faz presente desde a produção da matéria-prima (regulando o corte, transporte, pesagem e beneficiamento) até a fabricação, distribuição, consumo e exportação do produto acabado, tanto no mercado nacional quanto internacional. Disciplina as relações entre fornecedores e usineiros e destes com seus lavradores referente ao modo, ao tempo e à forma de pagamento das canas, bem como a solução dos litígios decorrentes. Estabelece a política de equilíbrio entre a produção e consumo, com vistas a garantir preços estáveis, encaminhando os excessos para o mercado exterior. Cuida do financiamento das safras a usineiros e fornecedores. Determina quotas mensais de comercialização e estabelece normas para a assistência social aos

⁹³ Yamamoto, M. V., Trabalho e Indivíduo Social. Ed. Cortez, 2001, pg. 119.

⁹⁴ Idem, pg. 121.

trabalhadores da agroindústria açucareira (através de Cooperativas, Associações e Sindicatos) estipulando as contribuições para o custeio dessas operações. Institui órgãos para julgar as infrações ocorridas. Dentro desta linha intervencionista, o preço da cana e o do açúcar, as quotas dos fornecedores, como das usinas do país ficam inteiramente sob o controle do Estado, através da política de contingenciamento.”⁹⁵

A primeira iniciativa governamental foi estabelecer *estoques reguladores*, garantindo os preços para os produtores. Outra medida importante foi a industrialização do álcool com finalidade de combustível para os automóveis, substituindo a gasolina importada. Essas medidas foram colocadas em prática a partir da criação do IAA, órgão que *dirigia, controlava e fomentava* a produção do açúcar e álcool anidro em todo o país. A partir de sua criação e medidas políticas, estimulava-se a implantação de destilarias de álcool com incentivos fiscais e tributários.

Em 1939, o Estado cria uma política de limitação da produção em todo o país. Essa política visava modernizar o setor industrial, reduzindo a concorrência e estimulando a produção do álcool. Os efeitos negativos que poderiam surgir com as diversas instalações de destilarias *particulares e centrais* foram neutralizados, e estas, mantidas pelo IAA, que aproveitava seus excedentes de produção.

O fortalecimento da agroindústria paulista tem como ponto central o resultado revertido da política implementada pelo IAA de preservar a produção nordestina, pois, de acordo com Ramos,⁹⁶ as medidas estatais para proteger a economia canavieira nordestina incutiram na mentalidade dos empresários a idéia de que nunca iriam “quebrar” e, conseqüentemente, não precisavam se preocupar em produzir com melhor eficiência. Assim, ocorrem baixos níveis de produtividade em relação aos padrões internacionais exigidos.

Com a queda na produção das usinas e destilarias do Nordeste e o surto de industrialização canavieira paulista, colocam-se à disposição dos usineiros financiamentos mais acessíveis, equipamentos e assistência técnica.

⁹⁵Queda, O. A intervenção do Estado na agroindústria açucareira paulista. Piracicaba, 1972. Tese de Doutorado – ESALQ/USP. In Yamamoto, M. V., Trabalho e Indivíduo Social. Ed. Cortez, 2001, pg. 121 e 122.

⁹⁶Ramos, P. Agroindústria Canavieira e Propriedade Fundiária no Brasil. Ed. Hucitec, 1999, pg. 142 e 143.

Com a IIa Guerra Mundial, os preços dos produtos de exportação sofrem quedas, o que estimula a substituição do petróleo, em função da sua escassez, valorizando o *parque alcooleiro*. O *comércio de cabotagem*, meio pelo qual se fazia o intercâmbio de mercadorias nas diversas regiões do país, também é afetado, gerando uma superprodução na região Nordeste e a falta de abastecimento na região Centro-Sul, esta dependente daquela. Desse modo, o eixo da agroindústria canavieira transfere-se da região Nordeste para a Centro-Sul.

Diante dessa situação, os usineiros são favorecidos no governo Dutra pelo decreto n. 9.827, de 1946, que consistia numa revisão das quotas de produção. O Decreto foi resultado da pressão dos usineiros paulistas para que o governo reduzisse os controles e ampliasse os níveis de produção. Outra iniciativa dentro dessa política refere-se ao *Estatuto da Lavoura Canavieira* (Decreto-Lei n. 3.855, de 1941). Pelo Estatuto:

“O discurso legal expressa a defesa da pequena propriedade, da pequena exploração, dos colonos e trabalhadores assalariados. Visava “disciplinar as relações entre usineiros e lavradores de cana”, dentro do almejado propósito de “desenvolvimento equilibrado do setor”. Representou uma resposta, no campo político, às tensões decorrentes de movimentos grevistas dos fornecedores de Pernambuco e Rio de Janeiro que vinham se acumulando desde o início da década de 1930.”⁹⁷

O Estatuto preconizava evitar o confronto entre os fornecedores e donos de usinas, como ocorria nesses estados, e estimular a expansão canavieira. Com isso, estabeleceu que, das canas moídas, 40% deveriam ser de fornecedores e 60% das próprias usinas. Ao instituir as quotas de fornecimento o *Estatuto da Lavoura Canavieira* vincula o fornecedor à usina, evitando confrontos, garantindo matéria-prima e trabalho para as usinas e *“subordinando o plantio de cana às necessidades da indústria do açúcar e do álcool”*.⁹⁸

⁹⁷Iamamoto, M. V., Trabalho e Indivíduo Social. Ed. Cortez, 2001, pg. 124.

⁹⁸Idem, pg. 124.

Em suma, os fornecedores estavam amarrados às usinas e sem outra alternativa. Enquanto as usinas cuidavam da parte industrial, a produção da matéria-prima seria de responsabilidade e dividida entre os fornecedores, bem como os riscos que poderiam surgir nesse setor agrícola.

Em São Paulo, os fornecedores de cana até então eram uma categoria inexpressiva, em virtude do sistema de colonato oriundo da época da expansão cafeeira.

O Decreto-Lei n. 6.969, de 1944, complementar ao *ELC*, referia-se aos trabalhadores da cana, colocando-os sob a tutela do *IAA*, no qual as relações de trabalho eram regulamentadas por um “*contrato-tipo*”.

“Tais contratos garantem os direitos à estabilidade, à moradia-padrão, à assistência médico-hospitalar gratuita, à concessão de terras próximas às moradias para o plantio de subsistência, além da proibição de ter os salários reduzidos em função do eventual malogro das colheitas, uma vez que o salário mínimo já fora legalmente estabelecido pelo ELC .”⁹⁹

Na prática, esses decretos reverteram-se em “*mecanismos econômicos*”, favorecendo somente os usineiros, que representavam não somente os interesses da lavoura mas da “*burguesia industrial*”.

A partir da década de 50, os usineiros paulistas organizam-se em “*cooperativas regionais*”. A finalidade dessas cooperativas consistia na produção de grande parte de suas canas e a comercialização direta. Adotado esse procedimento, ocorre um grande crescimento no mercado interno, e São Paulo transforma-se em um dos estados mais importantes dentro do contexto da lavoura canavieira.

Os excedentes internos foram canalizados para o mercado internacional, fazendo com que o Brasil retornasse a ser um dos maiores exportadores de açúcar.

Como visto, o período 1950-1964 foi fundamental para o setor canavieiro no processo de construção de novas modalidades para a acumulação de capital e modernização.

⁹⁹ Yamamoto, M. V., Trabalho e Indivíduo Social. Ed. Cortez, 2001, pgs. 125 e 126.

O Estado teve um papel central no setor com iniciativas e investimentos, produzindo mercadorias e serviços e favorecendo o *capital internacional e a burguesia nacional*. Dada a importância da agroindústria canavieira tanto no mercado interno como nas exportações, o incentivo do Estado, que já subsidiava “*taxa média de lucro*” às empresas, estimula a modernização tecnológica por meio de apoio técnico-científico. Nesse sentido, é lançado o *Plano de Expansão da Indústria Açucareira Nacional*, aumentando as quotas de produção das usinas do país em “*100 milhões de sacos*.”¹⁰⁰ Os estados de São Paulo e Paraná foram beneficiados com essas quotas adicionais, detendo 40% da produção nacional.

Na região Nordeste – para compensar a “*perda do mercado consumidor Centro-Sul* – , os preços do açúcar passam a ser fixados a partir dos custos médios de produção regionais,”¹⁰¹ mesmo tendo prioridade nas exportações.

A produção nas regiões Norte e Nordeste deixa a desejar em relação à eficiência na produção e custos maiores. Assim, a região Centro-Sul novamente é beneficiada.

Em 1971, a situação reverte-se com um “*subsídio aos produtores nordestinos expresso na equalização dos preços em todo o território nacional*”.¹⁰² Uma das estratégias do governo militar para o crescimento do país era o estímulo às exportações. A partir de 1968, adota-se uma política nacional baseada no fomento da exportação de açúcar.

Surgem vários programas visando à melhoria da produção e sua racionalização, além de o Estado manter os incentivos fiscais, fazer fusões de grupos usineiros e reorganizar o espaço geográfico, concentrando as usinas dentro de uma mesma região. Esses investimentos aplicados pelo Estado no setor canavieiro, ampliados após 1965 com a criação do *Sistema Nacional de Crédito Rural* (lei n. 4.829 de 05/11/65), foram fundamentais para a “*modernização conservadora*” da agricultura, tendo como apoio a utilização de insumos industriais em grande escala e o mercado exportador.

A criação do *Crédito Rural* “*impulsionou a consolidação dos Complexos Agroindustriais (CAIs), aprofundando o perfil concentrador de terra e de capital da estrutura agrária do país*.”¹⁰³

¹⁰⁰ Iamamoto, M. V., Trabalho e Indivíduo Social. Ed. Cortez, 2001, pgs. 127 e 128.

¹⁰¹ Idem, pg. 128.

¹⁰² Idem, pg. 128.

¹⁰³ Idem, pg. 129.

Paralelamente à criação do *Crédito Rural*, o Estado estimulou uma “*política de valorização fundiária*” no decorrer da década de 70. Essa política serviu para concentrar ainda mais a propriedade fundiária, repercutindo na expulsão de pequenos produtores e assalariamento da força de trabalho, o que causou um grande êxodo rural no país.

Para esses investidores a terra passa a ter significado distinto do de pequenos produtores que vivem em regime de economia familiar. A terra configura-se em um “*sistema financeiro, passando o título de propriedade da terra a ser identificado como reserva de valor em carteira de ativos das empresas, além de funcionar como garantia para o acesso ao crédito subsidiado no mercado monetário*”.¹⁰⁴

A modernização na lavoura da cana-de-açúcar atinge o auge em 1975, com o *Programa Nacional do Álcool (Proálcool)* – Decreto n. 76.593, de 14/11/75, que propunha a substituição da gasolina pelo álcool, em função da crise energética e das altas do preço do petróleo. Mas a verdadeira razão da criação desse Programa consistia em “*salvar*” a agroindústria canavieira da crescente crise e “*ampliar o mercado da indústria mecânica pesada*”.¹⁰⁵

O Proálcool, desde sua criação, teve pouca repercussão. Em vista disso, em 1979 o Estado promulga um Decreto (n. 83.700) criando o *Conselho Nacional do Álcool (CNAL)* e a *Comissão Executiva Nacional do Álcool (CENAL)*. Cabia a esses órgãos acelerar o processo de instalação de destilarias em todo o país.

A história do Proálcool está dividida em três fases, de acordo com o estudo de *Ceron*. A primeira concentra-se entre os anos de 1975 e 1980, caracterizado por um grande estímulo do Estado na implantação de numerosas destilarias para a produção do álcool, estimulando a indústria automobilística a desenvolver automóveis movidos a essa substância.

¹⁰⁴ Delgado, G. C., *Capital Financeiro e Agricultura no Brasil: 1965-1985*. Ed. Ícone/UNICAMP; in Yamamoto, M. V., *Trabalho e Indivíduo Social*. Ed. Cortez, 2001, pg. 129.

¹⁰⁵ Andrade, M. C. de, *Modernização e Pobreza*. Ed. UNESP, 1994, pg. 236.

A segunda fase refere-se aos anos de 1980 a 1986, marcados pela grande escassez de petróleo no Brasil devido à alta dos preços da importação do produto em função da guerra entre Irã e Iraque. Nesse período, o Estado estabeleceu metas a serem atingidas para a produção, perpassando 10,7 milhões de metros cúbicos de álcool em 1985. Para que isso fosse alcançado, o governo brasileiro facilitou a aquisição de créditos e subsidiou as destilarias de álcool.

A última fase vai de 1986 a 1990, quando o álcool perde condições de competir no mercado em função da queda dos preços do petróleo no mercado internacional, o que afetou as destilarias de álcool em todo o país.¹⁰⁶

A análise da atuação do *Proálcool* na década de 80 deixou várias questões pendentes, como “*as condições de trabalho e a luta salarial dos canavieiros, a distribuição e estocagem do álcool hidratado e a tecnologia de motores a álcool.*”¹⁰⁷

O Programa caracterizou-se pelos incentivos à industrialização e comercialização do álcool; entretanto, nenhuma atenção foi dada às questões sociais e ambientais. Além da destruição de matas e florestas para a implantação de canaviais, o que causava grande impacto no meio ambiente, houve a supressão de muitas lavouras de subsistência e a atração de mão-de-obra para essa cultura, gerando grandes migrações de trabalhadores das regiões Norte e Nordeste para o estado de São Paulo. Isso provocava acentuado desemprego, uma vez que não havia como absorver toda essa mão-de-obra.

Através do *Proálcool*, o Estado concedia empréstimos a fundo perdido aos industriais que montassem novas destilarias. Com isso, atendia às classes produtoras. Essa medida era justificada pela geração de empregos. Entretanto, além dos graves danos ao meio ambiente que essas indústrias causaram, os empregos eram sazonais.

Após a crise (1986-1990), o *Proálcool* teve como aliados a indústria automobilística e a Petrobrás, esta para a compra e estocagem de álcool anidro. Além de valorizar as propriedades de terra dedicadas à cultura da cana-de-açúcar, o Programa favoreceu a concentração fundiária por meio da garantia de um mercado amplo e crescente para o álcool, abrindo portas para o mercado internacional do açúcar.

¹⁰⁶ Manuel Correia de Andrade, em seu livro *Modernização e Pobreza*, faz referência ao estudo desenvolvido por Marcelo Ceron em seu livro *Proálcool e Produção de Agroenergia Alternativa no Brasil*, 1991.

¹⁰⁷ Yamamoto, M. V., *Trabalho e Indivíduo Social*. Ed. Cortez, 2001, pg. 130.

Contradições da Modernização

Não pretende-se nesta parte do estudo esmiuçar os aspectos referente às legislações trabalhistas destinadas às populações rurais, mas cabe fazer algumas considerações para se entender as contradições existentes no processo dessa “*modernização dolorosa.*”¹⁰⁸

Em 1963, no Governo João Goulart, foi criado o *ETR (Estatuto do Trabalhador Rural)* em 1964, no primeiro governo da ditadura militar, foi a vez do *ET (Estatuto da Terra)*. Esses estatutos devem ser analisados no contexto dos conflitos sociais e do processo de modernização na agricultura sob a “*chancela do Estado, da modernização trágica.*”¹⁰⁹

Grande parte das mudanças nas relações de trabalho na agricultura está centrada nos aspectos econômicos, como a concentração da terra e a erradicação dos cafezais. A cultura do café teve um grande declínio, abrindo campo para a implantação de outras, como a cana-de-açúcar em São Paulo, além da implantação da pecuária, avanços tecnológicos refletidos na mecanização, investimentos em pesquisa para o desenvolvimento de adubos químicos, etc. Mas tais fatores em si não fornecem uma explicação compreensiva da mudança nas relações de trabalho, ou seja, “*o processo de acumulação do capital e o da industrialização da agricultura, representados pelos Complexos Agro-Industriais (CAI) não podem ser entendidos como as únicas forças propulsoras das mudanças das relações de trabalho.*”¹¹⁰

Nesse cenário de mudanças nos diversos setores da agricultura, juntamente com o aumento da produção, as classes dominantes nos anos 50 adotaram um discurso baseado na “*ideologia desenvolvimentista*”, condenando o “*atraso no campo, a fraca produtividade, os métodos atrasados e a miséria dos trabalhadores.*”¹¹¹

¹⁰⁸ Termo utilizado por José Graziano da Silva.

¹⁰⁹ Silva, M. A. de Moraes; *Errantes do Fim do Século*. Ed. UNESP, 1998, pg. 62

¹¹⁰ M. A. de Moraes Silva desenvolve a idéia de Verena Stolcke no livro *Cafecultura, Homens, Mulheres e Capital*. Ed. Brasiliense.

¹¹¹ *Idem*, pg. 62.

Esse discurso não permaneceu apenas na teoria; foi posto em prática, inicialmente, pela elaboração de “*um diagnóstico dos cafezais paulistas em 1957, realizado pela FAO, CEPAL e IBC.*”¹¹²

A intervenção do Estado resultou na erradicação do café e na diversificação de culturas durante as décadas de 60 e 70; com isso, intensificou-se o processo de expulsão de parceiros, colonos, arrendatários e pequenos proprietários.

Nota-se que, durante as décadas de 60 a 80, 2,5 milhões de pessoas foram expulsas do campo paulista. Mas isso não ocorreu, como dizem os teóricos que estudam os Complexos Agro-Industriais, somente pelas mudanças da passagem de um período artesanal para a dinâmica do desenvolvimento tecnológico, em relação às formas e costumes de trabalho no campo, ou “*a partir da própria dinâmica de um capital, supostamente, acima das relações sociais.*”¹¹³

Seria uma forma simplista de analisar essas mudanças, pois não se pode esquecer que, concomitantemente a esse processo, inúmeros acontecimentos ocorriam em todo o país, como a organização de trabalhadores rurais e urbanos, pressões da população por reformas sociais, movimentos de reforma agrária, a formação das ligas camponesas, etc.

Os interesses políticos e econômicos do Estado e donos dos CAIs sobrepuseram-se aos interesses sociais e de direito dos trabalhadores rurais. Desde 1943, os trabalhadores das zonas rurais haviam adquirido os mesmos direitos dos trabalhadores de fábricas dos grandes centros urbanos, que eram regidos pela CLT, porém esses direitos “*permaneceram letra morta.*”¹¹⁴

A questão central não é mostrar os regimentos do estatuto (ETR), mas a repercussão negativa nas relações entre trabalhadores e “*donos de terras*”, as quais geraram grande conflito. Esses trabalhadores (bóias-frias), em sua maioria, acabaram “*não sendo enquadrados na regulamentação dessa lei como trabalhadores rurais.*”¹¹⁵

¹¹² Silva, M. A. de M.; *Errantes do Fim do Século*; Ed. UNESP, 1998, pg. 63.

¹¹³ *Idem*, pg. 63.

¹¹⁴ *Idem*, pg. 64.

¹¹⁵ *Idem*; pg. 64.

Por sua vez, os trabalhadores permanentes acabam tornando-se um “encargo” para os proprietários rurais, “*e por isto, eles são despedidos, para serem, em seguida, admitidos como volantes, isso é, uma força de trabalho mais barata, porque os gastos sociais não seriam computados.*”¹¹⁶.

Sobre essa questão, o trecho da entrevista citada abaixo registra bem a situação que perdura até os dias de hoje:

Arlete: Aqui você é registrado?

César: É também, é onde eu trabalho.

Arlete: E é de período também né, que é de maio a novembro. E no período que não tem, que seria de novembro até abril, aí o que você faz?

*César: Olha, a gente procura arrumar outro serviço,... a gente tem que procurar um outro serviço, plantar cana, né, cortar cana mesmo, se achar. **A gente faz de tudo pra um serviço.***

O *ETR* não melhorou as condições de vida dos trabalhadores rurais; ao contrário, intensificou a exploração da força de trabalho.

Essa lei veio a garantir o poder político das classes dominantes e do Estado, assegurando a dominação das classes trabalhadores por um longo período.

Sobre esta questão Moraes Silva diz:

“O ETR representou um “equilíbrio instável de compromisso” na medida em que os sacrifícios impostos não atingiriam os interesses políticos dos proprietários rurais e não punham em xeque seu poder político. A ação do Estado, ao criar o ETR, implicou em dois pontos:

- a) no que tange às classes dominadas, elas foram impedidas de se organizar politicamente e foram submetidas ao aparelho do Estado;*

¹¹⁶ Silva, M. A. de M.; *Errantes do Fim do Século*; Ed. UNESP, 1998, pg. 64.

- b) *no que tange às classes dominantes, o Estado lhes permitiu a organização - dominação e a sua autonomia neste momento histórico concreto, impondo o “sacrifício econômico” aos proprietários de terras sem, contudo, ameaçar o seu poder político. Estes aspectos se tornam evidentes na lei n. 5.889 (1973), que substituiu o ETR. Todavia, essa nova lei não regulamentou a situação dos trabalhadores volantes; da mesma forma, os 27% correspondentes aos gastos sociais continuavam não sendo aplicados a estes trabalhadores. O que estava em jogo era a extensão desses direitos aos volantes. Segundo Stolcke (1986), o ETR foi uma concessão moderada aos trabalhadores rurais, feita por um congresso nitidamente conservador (p.218). Da mesma idéia partilha uma outra autora (Ferrante, 1976, p. 196-7).”¹¹⁷*

Ainda sobre a questão da lei n. 5.889, nela aparece o termo “*empregados rurais*” e não “*trabalhadores rurais*”. Outra lei, n. 6.019, promulgada em 1978, define o trabalhador temporário como aquele que não ultrapassa 90 dias, excluindo-os dos benefícios trabalhistas.

Ora, além da exclusão da terra, são excluídos da lei e das garantias de trabalho. Deve-se entender que as leis aplicadas aos trabalhadores urbanos não devem ser, de forma igual, aplicadas aos trabalhadores rurais. É necessária uma visão ampla sobre a realidade do meio rural para adequar as leis trabalhistas, visto que o universo rural e suas práticas são diferentes do meio urbano.

Dessa forma, essas leis “*regulamentaram a expulsão dos trabalhadores do campo, retirando-lhes não apenas os meios de subsistência como também os direitos trabalhistas.*”¹¹⁸.

Nesse cenário surgem diversas denominações estigmatizadas do trabalhador rural, quais sejam: bóia-fria, trabalhador volante, eventual, etc., excluindo-os das leis que deveriam garantir sua qualidade de vida e protegê-los nas questões trabalhistas.

¹¹⁷ Silva, M. A. de Moraes; *Errantes do Fim do Século*. Ed. UNESP, 1998, pg. 65.

¹¹⁸ Idem, pg. 66.

Além da dupla negação – trabalho e direitos – são ridicularizados pelo termo bóia-fria. *“Arrancaram-lhe não só a roça, os animais, os instrumentos de trabalho. Desenraízam-no. Retiram-lhe, sobretudo, a identidade cultural, negando-lhe a condição de trabalhador.”*¹¹⁹

É interessante analisar o significado do nome volante, *“aquele que voa, irresponsável, que não pára em lugar nenhum.”*¹²⁰

Portanto, essas leis não só contribuíram para expulsar os trabalhadores do campo e de seu habitat, mas também imprimiram-lhe a denominação de volante.

Sobre a volantização da força de trabalho, Moraes Silva diz:

“Esse processo de volantização da força de trabalho permitiu os sucessos da modernização agrícola garantidos pelo Estatuto da Terra (1964) e pelo Proálcool (1975). Esta é uma das primeiras medidas do governo militar, sendo dirigida por um duplo sentido:

- a) conservar o poder político dos proprietários rurais;*
- b) polarizar seus interesses, juntamente com as outras frações da classe dominante para um interesse comum que consistisse na exploração econômica e na dominação política. Este último aspecto da dominação não é levado em conta nas análises da “caificação” da agricultura. Graças a esta combinação de interesses, o Estatuto da Terra atinge seus objetivos: aumento da produção e da produtividade mediante o processo de industrialização da agricultura.”*¹²¹

Esse processo de modernização conservadora na agricultura fortaleceu-se com o advento do *Proálcool*, aliado aos projetos realizados de erradicação dos cafezais, que mudaram completamente a paisagem do meio rural. Tudo isso acrescentado pelas mudanças nas relações de trabalho por meio dos dois dispositivos jurídicos do Estado.

¹¹⁹ Silva, M. A. de M.; *Errantes do Fim do Século*; Ed. UNESP, 1998, pg. 66.

¹²⁰ *Idem*, pg. 66.

¹²¹ *Idem*, pg. 67.

O resultado desse processo, no caso do campo paulista, gerou um grande impacto negativo nas relações sociais e de trabalho das populações tradicionais rurais. Em nome da modernização, a sociedade assistiu ao desaparecimento da roça de subsistência, dos contratos de parceria, da indústria doméstica e da produção de consumo pessoal¹²², quebrando não somente os laços da estrutura familiar, mas também os laços de solidariedade existentes nos bairros rurais. De acordo com os apontamentos de *Antonio Candido* em seu livro “*Os Parceiros do Rio Bonito*”, o bairro rural representa para seus moradores uma “*naçãozinha*”, onde as regras e estruturas sociais e simbólicas são criadas dentro do contexto da comunidade.

A expropriação da população rural do seu lugar de origem, o campo, em outros países, principalmente na Europa, levou séculos. Já no Brasil, levou apenas algumas décadas. A expropriação ocorreu mediante a violência legalizada pelos “*donos do poder*”, e, em muitos casos, foi explícita, deixando marcas em seus corpos e em suas memórias. As relações de trabalho que permeiam a lavoura da cana-de-açúcar têm em si aspectos contraditórios, pois, de um lado, necessita e estimula a concentração da força de trabalho, principalmente na colheita das safras da cana, e, de outro, bane esses trabalhadores de seus direitos trabalhistas e legais, deixando-os à margem do processo.

O próprio *Estatuto do Trabalhador Rural* descaracteriza os trabalhadores temporários perante a legislação. Ao negar a condição de trabalhador rural diante da lei, cria-se um preconceito em relação a essas pessoas, caracterizando-as como sobrantes, ociosos, vagabundos, etc., produzindo uma “*diferenciação social (étnico – racial)*”¹²³ desses expropriados, com a vigência do Estado.

Essa situação é ainda mais acentuada com os trabalhadores rurais que migram de outras regiões do país, articulando essa *diferenciação social* entre “*os de fora*”, “*os do lugar*” e as mulheres.¹²⁴ “*Os de fora*” tornam-se estranhos no próprio país, visto que têm hábitos e costumes diferentes dos trabalhadores locais. Essas características culturais próprias “*transformam-se em atributos negativos no momento em que seus portadores deparam-se frente ao “outro”, ao “do lugar”, ao paulista.*”¹²⁵

¹²² Silva, M. A. de M.; *Errantes do Fim do Século*; Ed. UNESP, 1998, pg. 68.

¹²³ *Idem.*, pg. 72.

¹²⁴ *Idem.*; pg. 72.

¹²⁵ *Idem.*, pg. 72.

Expulsos de suas terras pelo processo de modernização, são obrigados a viver nas periferias das cidades, com outros valores e modos de vida, participando da “lógica” de um espaço que não lhes pertence. Desenraizados do lugar, da cultura, como se não bastasse, o contexto social produz uma representação negativa, interferindo em sua vida cotidiana, nas relações sociais.

A imagem do trabalhador volante, “*aquele que voa*”, sujeito à dominação do capital e das relações que permeiam a conjuntura do setor agrícola, acaba introjetando neles esse poder repressivo criado nas relações sociais e de trabalho.

A introjeção de uma identidade negativa traz a impossibilidade de vislumbrar sua emancipação. Perde-se a capacidade de transformação e de articular velhos e novos personagens; surge o risco de uma morte simbólica.

O ETR (Estatuto do Trabalhador Rural) reforçou esse estigma, uma vez que os trabalhadores expulsos “*não foram reconhecidos pela lei. Na verdade, eram “foras-da-lei.”*”¹²⁶

A questão de emancipar-se das regras e da dominação do trabalho explorador, “*ser um trabalhador livre*” dentro da estrutura agrícola, é traduzida como ausência dos direitos de moradia, da roça de subsistência e do controle de seu trabalho. Reforçando essa idéia é que as leis jurídicas do ETR acabaram criando a figura do volante, negando seus direitos enquanto trabalhador rural. Nesse sentido, o Estado não apenas legitimou a exploração e expulsão dos trabalhadores omitindo-se, como também não interviu para protegê-los dos sacrifícios que vinham passando.

Outra situação no campo sobre o aspecto da negação é a figura do “gato”, que tem como função intermediar as relações entre patrões e empregados. Essa denominação ao empreiteiro traduz-se no fato de ser esperto, astuto, visualizando os ganhos que pode vir a obter por meio da força de trabalho dos trabalhadores rurais. Enfim, “*o pulo do gato*”, “*o golpe*” do gato.

A fala de um cortador de cana entrevistado na pesquisa mostra bem essa questão:

“Quando a gente chegô aqui, soltaram a gente, e a gente ficô aí dividindo, 10 prum canto, 20 pra outro, dividindo sabe? Aí foi adespois que eu vim entendê que a gente chegô aqui, o cara trouxe e

¹²⁶ Silva, M. A. de Moraes; *Errantes do Fim do Século*. Ed. UNESP, 1998, pg. 111.

vendeu a gente por cabeça como quem vende animal, R\$100 reais cada um.”

Por meio dessa figura do “gato” cria-se um “*deslocamento nas relações de exploração, em que o patrão se esconde sob o envelope do “gato.”*”¹²⁷ Dessa forma, o patrão fica protegido de ser um explorador das forças de trabalho e repassa essa atribuição ao “gato”, fazendo com que este fique responsável pelos salários.

O “gato” tem uma trajetória de trabalho no meio rural, “*em geral, foram meeiros ou sitiantes.*”¹²⁸

Além de ser empreiteiro, também desempenha outras funções, como dirigir os veículos que transportam os trabalhadores. Conhece-os bem, pois é ele quem arregimenta-os para o trabalho. Além disso, atua na fiscalização dos serviços, controlando a produção de cada um, acumulando o papel de “*agenciador e feitor*” e de “*compra e venda*” do trabalho.

O “gato” surge no processo de mudanças das relações de produção, junto com o “*bóia-fria*”.

Antes da figura do “gato”, eram os patrões que contratavam os trabalhadores para o labor nas fazendas, mas, com a expansão dos diversos segmentos na agricultura, esta tarefa foi tornando-se mais difícil.

Nas palavras de Moraes Silva:

*“No mundo de antes, da colônia ou da morada, o teatro era montado com a presença dos atores-fazendeiros. Agora, eles saem do palco e substituem este teatro pelo de marionetes. A teatralização da dominação é vista por meio de bonecos, das figuras.”*¹²⁹

A figura do “gato”, em si, já nasce carregada de estigmas e com aspectos de uma identidade negativa. As próprias relações de produção e dominação produziram essa representação. São “*malandros*” de origem humilde.

¹²⁷ Silva, M. A. de Moraes; Errantes do Fim do Século. Ed. UNESP, 1998, pg. 108.

¹²⁸ Idem, pg. 108.

¹²⁹ Idem, pg. 112.

Sobre essas figuras, Moraes Silva diz:

*“Ora pendem para um lado, ora pendem para o outro, sem nunca estar fixas em alguns deles. Elas negam o que são e são o que não são. Investidas das máscaras sociais, encobrem a realidade dura de suas reais existências.”*¹³⁰

Enfim, a modernização na lavoura canavieira intensificou o mercado interno e externo de açúcar e álcool, propiciou o avanço tecnológico por meio de pesquisas científicas em maquinarias e insumos químicos, beneficiamento na qualidade dos produtos industrializados, racionalização nos preços de combustível para automóveis, substituição do petróleo pelo álcool, expansão do mercado de trabalho técnico, etc. As contribuições que a modernização ofereceu ao país nesse setor econômico não podem ser negadas.

A questão a ser discutida é que, em nome dessa “modernização”, as relações sociais e de trabalho foram sacrificadas, contradizendo esse avanço no campo pelo empobrecimento das populações rurais, a devastação ecológica, com a destruição de matas e florestas para a implantação da cana-de-açúcar, a quebra dos vínculos culturais e sociais, a desvalorização da mão-de-obra, a expulsão de pequenos proprietários, a exclusão dos direitos trabalhistas, adjetivações negativas atribuídas a esses trabalhadores, menosprezando seu modo de vida e conhecimento em trabalhar e usufruir da terra, e a fome crescente em um país tão rico na produção de alimentos.

É nesse cenário histórico marcado de contradições, conflitos e lutas pela posse da terra que emerge o fenômeno que estimulou o presente estudo: a presença nos dias de hoje do “crack” entre os trabalhadores agrícolas, especialmente os cortadores de cana. Sobre o que a presença do “crack” significa, sua amplitude e penetração na cultura rural, há poucos dados sistematizados: algumas reportagens de TV, comentários de profissionais que lidam com a questão e conversas entre pessoas envolvidas no acompanhamento de eventos no campo. Sobre o tema, não há nenhum trabalho acadêmico. Assim, torna-se convidativo, especialmente face à desvalorização do

¹³⁰ Silva, M. A. de M.; *Errantes do Fim do Século*; Ed. UNESP, 1998, pg. 127.

“homem do campo” discutida anteriormente, dizer “Ah...é por causa das condições”, e deixar a resposta aqui. Mas será que é isso?

O objetivo deste trabalho é aprofundar e abrir essas questões usando a contribuição da psicologia social na compreensão tanto das práticas sociais quanto dos sentidos e discursos a elas integradas. Quais são os sentidos que circulam sobre o “crack”? Como posicionar a questão no meio das interpretações sobre a sua presença? Crack, em outras palavras, é um sintoma ou um problema? Como trabalhar sua prevenção?

Capítulo III: Cultura e Trabalho Rural

“Eu começo com minha oração. Antes de começar. Começar a iniciar o trabalho, eu faço a minha reza, peço pra Ele me ajudar, que me dê forças pra trabalhar, que não aconteça nada comigo, pra mim não se cortar, nada. E de tarde é a mesma coisa, quando acabo, dou graças a Deus, rezo de novo, digo obrigado por mais um dia e ...”

César: jovem, perseverante e sonhador.

Muito de nossa literatura regional não possui citações recomendadas sobre o homem do campo e seu modo de vida.

Até a visão que os folcloristas possuem desses cidadãos denota um aspecto preconceituoso, com adjetivações como:

“Roceiro, matuto, acanhado, sem trato na cidade.”¹³¹

Mesmo o dicionário, mais cuidadoso nas atribuições em relação à cultura e identidade do caipira, em nada melhora a exposição. Dos gerais aos especializados, a mudança é muito pequena, sugerindo que *“além de tímido e despreparado, o caipira pode ser um sujeito pouco confiável.”¹³²*

Para se entender a formação da cultura caipira, típica do estado de São Paulo, é necessário retrocedermos um pouco na história do Brasil, quando este país ainda era colônia de Portugal.

No final do século XVIII e início do XIX, de acordo com dados históricos, os paulistas viviam isolados e não tinham relação com os povos estrangeiros que vinham pelo oceano, enquanto outras províncias ricas do país, como Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, estavam ligadas ao Atlântico, recebendo a civilização oriunda da metrópole e dos países da Europa, desenvolvendo o comércio através da importação e exportação de produtos.

A cultura paulista mudaria suas características a partir da construção do *Caminho do Mar*, fazendo com que a população perca o seu *“sublime isolamento.”*

“O paulista nunca se afez às cousas do mar. É homem do interior. A palavra interior é das que mais usa o paulista. É no sertão que está a terra boa, e não na beirada do oceano, como no Norte.”¹³³

¹³¹ Bueno, V. in Brandão, C. R., Os Caipiras de São Paulo. Ed. Brasiliense, 1983, pg. 9.

¹³² “Homem ou mulher que não mora em povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público (...) Habitante do interior, canhestro e tímido, desajeitado, mas sonso...”, Cascudo, Dicionário do Folclore Brasileiro in Brandão, C. R., Os Caipiras de São Paulo, pg.10.

¹³³ Prefácio de Rubens Borba de Moraes no livro Viagem a Província de S. Paulo, de Auguste de Saint-Hilaire. Ed. Livraria Martins, 1945, pg. 9.

Além desses fatores, os estrangeiros mantiveram-se afastados de São Paulo pela proibição de Portugal em penetrar no interior da província, além da falta de atrativos, por ser um meio muito pobre. Mas essa pobreza era uma consequência e não a causa. A causa da pobreza paulista estava na falta de comunicação com o mar. Assim, “*São Paulo chega à segunda década do século XIX quase desconhecido dos estrangeiros.*”¹³⁴.

Até então, a política portuguesa não permitia a liberdade dos mares e do comércio aos estrangeiros que queriam comercializar com o país. Os ingleses, muito interessados nesse ramo e querendo comercializar seus produtos diretamente, procuraram o *Tratado de Methuen*.¹³⁵ Por meio desse tratado os ingleses obtiveram passaporte livre para comercializar tecidos em Portugal, em troca do mesmo favor aos vinhos do Porto.

Em 1807, Napoleão decreta a extinção da dinastia de Bragança e a invasão a Portugal. D. João VI tenciona refugiar-se no Brasil. Diante dessa situação, a Inglaterra exige a abertura dos portos para o comércio inglês em troca do transporte e segurança da côrte no país. Não tendo escolha, D. João VI aceita a proposta. A partir de então, vários europeus, despertados pela curiosidade, invadem os trópicos a fim de conhecer e aprofundar suas pesquisas. Cientistas, artistas, comerciantes, turistas viajam para o Brasil com o objetivo de desenvolver seus estudos e estabelecer uma rota comercial. Nesse ínterim, um jovem botânico francês, Auguste Saint-Hilaire (1779-1853), desembarca no Brasil, percorrendo as províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, cidades do Sul e São Paulo.

Ao lado de suas pesquisas na área da botânica, a grande contribuição de Saint-Hilaire foram as descrições de viagens ao interior do Brasil, que vieram a ser publicadas posteriormente. Uma delas está no livro “*Viagem a Província de São Paulo*”, no qual realizou um verdadeiro trabalho etnográfico sobre a população paulista, em especial o caipira, cidadão do interior e de vida simples.

A descrição dos cidadãos do interior paulista foi realizada pelo autor de forma minuciosa, mas sem o olhar do cientista social. Ele descreve o que vê e o que sente,

¹³⁴ Prefácio de Rubens Borba de Moraes no livro *Viagem a Província de S. Paulo*, de Auguste de Saint-Hilaire. Ed. Livraria Martins, 1945, pg. 10.

¹³⁵ Esse tratado teve consequências desastrosas para Portugal, pois todo o ouro do Brasil passou para os industriais britânicos. Acabado o ouro e os mercados europeus fechados por Napoleão, a indústria inglesa procurou novos consumidores.

sem o intuito de analisar a formação histórica e as transformações sociais sensíveis ao pesquisador social. Seu olhar é o do estrangeiro, do estranho em um espaço estranho. Por outro lado, as pesquisas e observações de Saint-Hilaire trazem uma riqueza para aqueles que se interessam pelo processo histórico das populações regionais do Brasil, especialmente São Paulo.

Esta breve introdução fundamenta-se na explicação do olhar desse cientista sobre o caipira. Além disso, o autor descreve em seu diário as populações indígenas e negras, fornecendo-nos números de indivíduos livres e na condição de escravos existentes na época.

Sobre a formação étnica do brasileiro, nota que, ao contrário dos países europeus, em que há uma homogeneidade em relação a raça, no Brasil há três raças distintas, compostas pelo branco, negro e índio, além dos numerosos mestiços que constituem a população do país. A esse respeito diz:

*“Escravos negros, uns crioulos, outros africanos; negros livres, africanos e crioulos; alguns indígenas batizados; um número considerável de indígenas selvagens; mulatos livres e mulatos escravos; homens livres, todos considerados, perante a lei, como da raça caucásica, entre os quais se encontra, porém, grande quantidade de mestiços de brancos e indígenas – tais são os habitantes da província de São Paulo. Estranha confusão de raças, do que resultam complicações embaraçosas e perigosas, quer para a administração pública, quer para a moral social.”*¹³⁶

As anotações de viagem de Auguste Saint-Hilaire apresentam o paulista rústico – o caipira – retratado de forma literal, conforme a descrição abaixo.

“Estes últimos, quando percorrem a cidade, usam calças de tecido de algodão e um grande chapéu cinzento, sempre envolvidos no indispensável poncho, por mais forte que seja o calor. Denotam os seus traços alguns dos caracteres da raça americana; seu andar é pesado, e têm o ar simplório e acanhado. Pelos mesmos têm os

¹³⁶ Saint-Hilaire, A., Viagem a Província de São Paulo. Ed. Livraria Martins, 1945,pg. 95.

habitantes da cidade pouquíssima consideração, designando-os pela alcunha injuriosa de caipiras, palavra derivada possivelmente do termo curupira, pelo qual os antigos habitantes do país designavam demônios malfazejos existentes nas florestas....”¹³⁷.

O homem do campo na obra de Saint-Hilaire, como também na de outros viajantes estrangeiros que visitavam o país a fim de realizar suas pesquisas científicas ou até mesmo em busca de aventuras, não aparece como sujeito da história do Brasil, ao contrário de suas descrições sobre os conquistadores, personalidades da Coroa ou os bandeirantes paulistas que desbravavam as matas e caçavam as populações indígenas. O caipira, trabalhador da terra na literatura desses autores, não pertence nem a uma coisa nem a outra, ou seja, não é reconhecido nem como pertencente a uma classe de “senhores”, com poder de dominação, e nem como dominado da província, como ocorreu com as populações indígenas e negras.

Saint-Hilaire não identifica no caipira nem sua cultura nem seu trabalho, vendo neles um povo sem qualquer importância, como demonstra a citação:

“Enquanto descrevia e examinava as plantas, aproximou-se um homem do rancho, permanecendo várias horas a olhar-me, sem proferir qualquer palavra. Desde a Vila Boa até Rio das Pedras, tinha eu tido quiçá cem exemplos dessa estúpida indolência. Esses homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes, e, talvez, por excessos venéreos prematuros, não pensam: vegetam como árvores, como as ervas dos campos. Obrigado, pela ventania, a deixar o rancho, fui procurar abrigo numa das cabanas principais, mas admirei-me da desordem e da imundice reinantes na mesma. Grande número de homens, mulheres e crianças desde logo rodeou-me. Os primeiros só vestiam uma camisa e uma calça de tecido de algodão grosseiro; as mulheres, uma camisa e uma saia simples. Os goianos e, mesmo, os mineiros de classe inferior vestem-se com muito pouco apuro, mas, pelo menos,

¹³⁷ Saint-Hilaire, A. de, Viagem a Província de São Paulo. Ed. Livraria Martins, 1945, pg.113.

são limpos; a indumentária dos pobres habitantes de Rio das Pedras era tão imunda quanto suas cabanas.”¹³⁸

De acordo com essas falsas adjetivações, ficou impressa no homem do campo a marca de um sujeito não civilizado, um ser grosseiro sem cultura e educação, para aqueles que os vêem de fora, isto é, estrangeiros num universo próprio e singular.

Assim como Saint-Hilaire, outros letrados do país e do exterior criaram uma identidade negativa para o caipira de São Paulo. Um mundo privado ao mesmo tempo de “*produção de cultura sobre a natureza (a agricultura) e da criação de uma cultura na sociedade.*”¹³⁹

Por outro lado, temos a sorte de reverter esse quadro de impressões pouco atrativo com autores que conseguiram compreender o caipira, como: Maria Isaura Pereira de Queiroz, Carlos Rodrigues Brandão e José de Souza Martins, em diversos livros dedicados ao modo de vida desses cidadãos, Antonio Candido, no clássico “Os Parceiros do Rio Bonito”, Cornélio Pires, compositor, escritor e caipira, estudioso profundo de sua cultura, entre outros. Nota-se que entre esses pesquisadores do assunto existe um esforço admirável para explicar a idéia de “*caipira*”, seja a explicação por meio do nome, por características próprias em relação ao modo de vida e/ou do trabalho agrícola.

Nos primeiros anos do século XX, ninguém estudou e esclareceu melhor o homem do campo, mais propriamente o caipira, como Cornélio Pires. A ele dedicou diversas composições musicais no estilo modo de viola, a música de raiz, raiz esta da terra, e também uma grande coleção de escritos, na tentativa de mostrar o verdadeiro sentido do caipira.

Nesses escritos o homem do campo aparece não somente como um tipo de gente do estado de São Paulo, mas também um homem dedicado ao trabalho. Cornélio Pires inverte a crítica atribuída ao caipira mostrando aos escritores que as fizeram quão desconhecimento do assunto e preconceitos estes possuem, apresentando o homem do campo com atribuições ridicularizadas a toda a sociedade brasileira.

¹³⁸ Saint-Hilaire, A., Viagem a Província de São Paulo. Ed. Livraria Martins, 1945, pg. 111 e 112.

¹³⁹ Brandão, C. R., Os Caipiras de São Paulo. Ed. Brasiliense, 1983, pg. 22.

Esse homem que Cornélio Pires apresenta é o oposto do de Saint-Hilaire, como também de Monteiro Lobato. Sobre ele diz:

“Por mais que rebusque o ‘étimo’ de ‘caipira’, nada tenho deduzido com firmeza. Caipira seria o aldeão; neste caso encontramos o tupi-guarani ‘capiâbiguâra’. Caipirismo e acanhamento, gesto de ocultar o rosto: neste caso temos a raiz ‘caí’ que quer dizer: ‘gesto de macaco ocultando o rosto’. ‘Capiiara’ que quer dizer o que é do mato. Capiã, de dentro do mato: faz lembrar o ‘Capiãu’ mineiro. ‘Caapi’- trabalhar na terra, lavrar a terra- ‘Caapiára’, lavrador. E o caipira é sempre lavrador. Creio ser este último caso o mais aceitável, pois ‘Caipira’ quer dizer ‘roceiro’, isto é, lavrador...homem da terra.”¹⁴⁰

O termo caipira, apesar de várias definições, de acordo com o texto de Cornélio Pires citado acima, traduz a idéia do homem ligado à terra, que trabalha na terra, conhecedor da natureza e que possui uma organização cultural e social desenvolvida a partir das tradições da cultura indígena, africana e européia, enfim, dos diversos tipos étnicos, incorporadas no mundo da cultura rústica, principalmente no estado de São Paulo.

A respeito da identidade e do modo de vida do caipira, Cornélio Pires escreve:

“Nascidos fora das cidades, criados em plena natureza, infelizmente tolhidos pelo analfabetismo, agem mais pelo coração do que pela cabeça. Tímidos e desconfiados ao entrar em contato com os habitantes da cidade, no seu meio são expansivos e alegres, folgazões e francos; mais francos e folgazões que nós outros, os da cidade. De rara inteligência – não vai nisso um exagero – são incontestavelmente mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e aprendem com maior facilidade; fato aliás observado por estrangeiros que com eles têm tido ocasião de privar. É fato: o

¹⁴⁰ Pires, C., Conversas ao Pé do Fogo, in Cândido, A., Os Parceiros do Rio Bonito.

caipira puxador de enxada, com a maior facilidade se transforma em carpinteiro, ferreiro, adomador, tecedor de taquaras e guembê, ou construtor de pontes...Os caipiras não são vadios: ótimos trabalhadores, têm crises de desânimo quando não trabalham em suas terras e são forçados a trabalhar como camaradas, a jornal. Nesse caso o caipira é, quase sempre, uma vítima.

O trabalhador estrangeiro tem suas cadernetas, seus contratos de trabalho, a defesa do 'Patronato Agrícola' e seus cônsules...Trabalha e recebe dinheiro. Ao nacional, com raras exceções o patrão paga mal e em vales com valor em determinadas casas, onde os preços são absurdos e os pesos arrobalhados; nesse caso, o caipira não tem direito a reclamações nem pechinchices, está comprando fiado... com o seu dinheiro, o fruto do seu suor transformado em pedaço de caderneta velha rabiscada a lápis. E querem que o brasileiro tenha mais ânimo! Ânimo não lhe falta, quando trabalha em suas próprias terras....”¹⁴¹

Além da identidade do caipira de São Paulo e da importância do trabalho com a terra, esse trecho de *Conversas ao Pé do Fogo* fala do processo de expropriação do campo e da cultura que esse cidadão vem sofrendo ao longo desses anos.

Seguindo ainda essa linha de raciocínio para explicar o modo de vida dos habitantes rurais, subalternos da enxada e do arado, Carlos Rodrigues Brandão faz uma excelente tentativa sugerindo desvendar a imagem dos escritos do passado que fizeram dele, um ator subalterno da própria história. Para os não conhecedores da história, o caipira é a face negada comparado ao homem da cidade, definido por caricaturas que a cidade faz dele, estabelecendo, dessa forma, a diferença entre um tipo de pessoa e outra.

Se o lugar de vida do caipira é o contrário da cidade e o seu trabalho é *invisível* por ser o oposto, portanto, o seu modo de ser e sua cultura estão longe do conceito de civilização e civilizado que a cidade considera.¹⁴²

¹⁴¹ Pires, C., *Conversas ao Pé do Fogo in Os Caipiras de São Paulo*. Ed. Brasiliense, 1983, pgs. 28 e 29.

¹⁴² Brandão, C. R., *Os Caipiras de São Paulo*. Ed. Brasiliense, 1983, pg. 12.

Essa distorção em relação à cultura caipira e à negação de seu valor muitas vezes acaba sendo incorporada por aqueles que vivem no rural, por ver no espelho o reflexo dessa imagem distorcida e comparativa que o homem da cidade faz a sua pessoa e a sua cultura.

Sobre o trabalho do homem do campo/lavrador, Brandão diz:

*“Justamente a face negada do lavrador caipira é a do trabalho agrícola que, a cada ano, rege a sua vida dentro dos ciclos intermináveis de plantar, tratar, colher, comer. Ciclos que recriam o ritmo que move todas as outras faces reais ou imaginadas do seu mundo.”*¹⁴³

A rotina do trabalho está interligada à vida pessoal, familiar e comunitária, dominando o arranjo:

- 1) *das situações de trocas entre o caipira e a natureza – com a qual ele sempre se vê através da mediação do trabalho de coleta – na caça e na pesca, na “cata” de mel, de frutas e raízes, de ervas medicinais, de madeira;*
- 2) *das situações e estruturas de relações entre familiares, parentes, vizinhos, companheiros de trabalho, outras categorias de iguais pobres do lugar ou de fora (colonos, tropeiros, mascates, oficiais e artesãos dos ofícios de criação e construção roceira);*
- 3) *das situações e estruturas com o mundo dos “outros” (fazendeiros e outros senhores, homens da cidade, “autoridades”);*
- 4) *dos arranjos do calendário e das formas de trocas simbólicas com o sagrado, nas crenças e cultos pessoais, familiares e comunitários.”*¹⁴⁴

¹⁴³ Brandão, Carlos Rodrigues, Os Caipiras de São Paulo. Ed. Brasiliense, 1983, pg. 49.

¹⁴⁴ Idem, pg. 49.

O trabalho com a terra não é exercido como na cidade (fábricas, oficinas, etc.). Ele obedece a outras regras, outra lógica, e não sob a vontade dos homens ou das relações de mercado de bens e do trabalho. O labor da terra está diretamente ligado aos mistérios que a vida reproduz. Assim, não depende apenas das leis naturais do ciclo vital de cada tipo de planta, mas da dança anual do tempo e seus efeitos sobre todos os seres vivos com que o trabalhador rural lida. O fator *tempo* é fundamental porque depende das condições climáticas, determinando os momentos de trabalho e de “*vacância*”¹⁴⁵.

Uma das características fundamentais no trabalho do campo tradicional é a unidade doméstica convertendo-se em unidade de produção, ou seja, um trabalho essencialmente realizado em família.

Nesse sentido, as relações de parentesco - o compadrio, por exemplo - na sua estrutura são fundamentais para a reprodução tanto material quanto simbólica do relacionamento: a família é o elemento agregador nas relações sociais do homem do campo.

Nesse sentido, Maria Isaura Pereira de Queiroz exemplifica bem a questão:

“Os caracteres do campesinato continuam os mesmos, conforme mostram diversos autores. A família constitui sempre a unidade social do trabalho e de exploração da propriedade, sendo que os produtos, via de regra, satisfazem às necessidades essenciais da vida; as tarefas do trabalho se dividem entre todos os membros do grupo doméstico, em função das faculdades de cada um, formando assim uma equipe de trabalho. A família assegura a subsistência de todos os membros; a combinação família-empresa agrícola faz com que se estabeleça uma comunidade de posse e uma comunidade de consumo, além da comunidade de trabalho, sob a autoridade de um membro, que é o pai da família. Comunidade autárquica, a família camponesa é também em geral autoritária. Por outro lado, o grupo econômico autônomo constituído pela família camponesa tem tendência a uma

¹⁴⁵ Brandão, C. R., Os Caipiras de São Paulo. Ed. Brasiliense, 1983, pg. 50.

forte centralização, procurando se perpetuar por meio de uma ligação vigorosa com seus meios de subsistência (isto é, com o patrimônio a ser transmitido aos descendentes), e para tanto negando aos seus membros o direito de dela se apartar para criar situações socioeconômicas distintas.”¹⁴⁶

As regras de herança e da partilha social não são iguais às da cidade. Têm seus códigos, seus costumes, sua lei própria. A transmissão da herança da terra entre as populações mais tradicionais geralmente era repassada ao primogênito e sempre homem. Isso acontecia para não haver o risco de a terra ser repartida entre todos os filhos da família, separando dessa forma a tradição e a cultura. O constructo do parentesco está ligado à terra como fator de produção e moral no sentido de os costumes estarem ligados ao patrimônio, principalmente ao patrimônio moral.

Antonio Candido, outro importante autor, esclarece de modo sensível as diferenças entre sociedade/rústica e sociedade/caipira, visto que, muitas vezes, o termo rude está associado ao caipira. Diz:

“O rural exprime sobretudo uma localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao novo mundo....”¹⁴⁷

Portanto, caipira representa um *modo de ser*, um tipo/estilo de vida, e não um tipo racial, como foi descrito por Saint-Hilaire.

Esse modo de vida apontado por Antonio Candido possui uma organização no trabalho, na alimentação, fonte vital de subsistência, na religiosidade e no meio ambiente em que vivem, onde a participação da família é fundamental, o que permite a interação dos vários grupos que vivem na mesma comunidade, gerando assim seu próprio meio de subsistência e suas manifestações culturais.

¹⁴⁶ Queiroz, M. I. P. de, O Campesinato Brasileiro. Ed. Vozes, 1973.

¹⁴⁷ Candido, A., Os Parceiros do Rio Bonito. Ed. Duas Cidades, 1987, pg. 21.

Nesse ponto o estudo de Antonio Candido tem grande relevância para o entendimento do modo de vida do caipira, em que os meios de subsistência não podem ser compreendidos separadamente da cultura na qual o estímulo provém das necessidades básicas.

Outro ponto fundamental na cultura caipira diz respeito ao alimento. Fator profundo de solidariedade e sociabilidade entre essas comunidades, baseia-se na “*dádiva*”¹⁴⁸ entre o dar, o receber e o retribuir.

O alimento desenvolve no seio das relações sociais não somente a organização do trabalho e a interação social entre os grupos, mas também aspectos culturais como o mutirão no preparo das festas religiosas e comunitárias, em que todos colaboram oferecendo alimentos e preparando as comidas típicas atuando nesse aspecto o universo simbólico. A comida reúne em si o trabalho e o ato ritual. A vida, o meio e o grupo interagem e unificam-se em função dela. O alimento traz uma carga de manifestação simbólica quando adquirido com esforço; à medida que existe uma regularidade no abastecimento, essa carga simbólica diminui.

O aspecto cultural do caipira em relação à alimentação não condiz com os dias de hoje, pois os alimentos transformaram-se em função da tecnologia e não há mais o efeito ritual e sacralizador, como também a abundância. Atualmente, a fome prevalece no campo, o que constitui uma contradição. Em relação a esse assunto, Antonio Candido aborda a *fome psíquica*, algo que está presente o tempo todo. Fome e fartura habitam a memória, sendo a fartura hoje apenas uma idealização.

Como visto, a desvalorização do homem do campo deu-se em diversas formas, começando com as interpretações deturpadas de vários pesquisadores e cientistas que atribuíram ao modo de ser do caipira conotações negativas, como sujeitos não civilizados e sem cultura e, depois, com o avanço do capital e a terra transformada em mera mercadoria pelo grandes investidores, pela obrigação de esses cidadãos migrarem para outras regiões ou mesmo para áreas urbanas, deixando para trás sua identidade e sua cultura, transformando-se em trabalhadores assalariados. Mas a questão maior é o desenraizamento cultural. Com o tempo, em função da ausência de

¹⁴⁸ A dádiva é um conceito desenvolvido pelo antropólogo Marcel Mauss.

sociabilidade, a vida simbólica morre, acarretando desestruturação social e psicológica. Esse novo espaço é ocupado por valores de consumo pertencentes à lógica do ambiente urbano.

Estereotipados, desenraizados e com a auto-estima afetada, anseiam pela aceitação da sociedade como cidadãos que possuem valor e dignidade, revertendo essa identidade negativa que lhes foi impressa injustamente. Pela inclusão social, tentam se sentir parte de algo, mas o que fica é o desejo do retorno à terra e do reencontro consigo mesmo. Nas palavras de Moraes Silva:

“Em suas memórias permanecem o ideal de retorno do pouco “lugar” que ainda lhes pertencem. A memória, “reencontro em busca do buraco negro, invisível que ficou. Reencarnação do lugar, da gente, com a terra, a espera e a esperança.”¹⁴⁹.

¹⁴⁹Silva, M. A. de M., Vídeo: As Andorinhas: Nem Cá e nem Lá. Projeto de Pesquisa, 1991.

Capítulo IV: A Droga

“Assim, escuta, o Fulano fuma droga? Ele quis falar não, ai ó Vitória eu não vou mentir proê ele fuma, ele trás na roça aqui, ninguém sabe, pelo amor de Deus ninguém sabe mesmo, ele vai assim de minuto em minuto, vai fumá, ele não consegue, está tão acostumado com aquilo, que sem fazer isso, ele não consegue cortar cana, [...] perde a força, dá dor de cabeça, ele fica assim irritado, então ele precisa ir lá fumá pra podê cortar cana, você pode ver que ele corta superbem cana, mas não é ele que está cortando a cana, é a droga que está cortando pra ele...”

Vitória: menina, mas com mãos de mulher que não desiste de seu trabalho para sustentar sua família e seus sonhos.

Atualmente, reportagens televisivas e jornalísticas vêm mostrando que os cortadores de cana estão consumindo drogas, especificamente o crack. A questão então é: O que está levando esses trabalhadores a uma mudança brusca de comportamento, sendo que o crack, podemos dizer, é uma droga muito comum nos grandes centros urbanos, até em função da facilidade de adquiri-la?

A princípio, poderíamos responder enfatizando o aspecto psicossocial em relação ao uso de drogas, como mudança de comportamento, representação social e aspectos relativos à saúde e à identidade.

A aceitação da droga no meio rural pode ser decorrente de vários problemas: familiares, sociais, financeiros, frustrações profissionais e amorosas, falta de informação, dificuldades de integração, entre outros. No entanto, vamos ater-nos à questão do trabalho, mesmo porque é a atividade mais importante no dia-a-dia.

Todo ser humano necessita de prazer ou significado para sua vida, no sentido amplo da palavra. Nas sociedades modernas, o ser humano geralmente associa a ascensão pessoal e/ou social à realização no trabalho, uma vez que vivemos numa sociedade voltada para o consumo e, muitas vezes, esse status social está ligado aos bens materiais adquiridos.

A possibilidade de emancipação e ascensão social é mais remota no caso dos trabalhadores rurais, e o consumo do crack pode ser uma forma de esquecerem os problemas vivenciados no cotidiano.

Inicialmente, no entanto, é importante definir o que se entende por drogas tanto no sentido psicossocial e cultural como no sentido farmacológico.

Os aspectos **psicossocial** (1) e **cultural** (2) possuem características particulares ao modo em que vivem determinadas sociedades, com seus mitos, crenças e comportamento. O estudo das diferentes drogas em diferentes culturas vem sempre associado a questões históricas, religiosas, sociais e, principalmente, à cultura de cada povo.

Há diversos tipos de cultura com eficácias diferentes referentes à droga. Em sociedades ditas “*primitivas*”, a droga possui efeito ritual e religioso. Já em sociedades ditas “*modernas*”, um dos aspectos é o caráter adquirido no sentido de identificação social, de inserção e aprovação por determinado grupo.

Nos países andinos, o ato de mascar a folha de coca, predominante no campo, está ligado ao trabalho. Esse fato origina-se da necessidade de subsistência, pois trabalha-se mais de 12 horas por dia sob elevada altitude. Entretanto, há diferenças no ato de

mascar a folha pelos trabalhadores andinos comparado ao ato de consumir crack pelos cortadores de cana: os andinos não são dependentes químicos ou psicológicos, é um ato de herança cultural, e não há discriminação social.

Nos países de primeiro mundo, a droga abrange outros conceitos. A estratificação e as regras sociais tornam o usuário um ser à margem da sociedade. Por serem sociedades voltadas ao desenvolvimento tecnológico e industrial, outros valores são humanizados, além do entendimento distorcido da maioria da população de que drogas são apenas aquelas substâncias proibidas por lei.

A ascensão social vista nas sociedades “*primitivas*” e “*modernas*” em relação à droga possui enfoques diferenciados. Nas “*primitivas*”, quando um jovem atinge sua maioridade, é inserido no grupo e participa do ritual, adquirindo uma identidade e conhecendo o mundo espiritual e seus significados religiosos. Nestas sociedades, usa-se plantas alucinógenas e não há discriminação, pois a droga faz parte das regras simbólicas.

Nas “*modernas*”, muitos buscam alternativas de identificação no meio social pelas drogas e, conseqüentemente, seu abuso, não obtendo o êxito esperado.

No aspecto **farmacológico**¹⁵⁰, usamos o termo drogas psicotrópicas, isto é, aquelas que agem no cérebro, modificam seu funcionamento e, em decorrência disso, alteram o comportamento psicológico do usuário. Existem três classificações para as drogas: as estimulantes, as depressoras e as perturbadoras.

As estimulantes atuam no sistema nervoso central, fazendo o cérebro funcionar mais rapidamente. Fazem parte desse grupo a cocaína, crack, anfetaminas (mazindol, dietilpropima, fenproporex), inibidores de apetite, a cafeína, entre outras.

As depressoras fazem o cérebro funcionar de maneira mais lenta, deprimindo a atividade cerebral. São depressoras o álcool, hipnóticos, barbitúricos, ansiolíticos (diazepam, lorazepam, clordiazepóxido) narcóticos naturais (morfina e codeína), narcóticos sintéticos (meperidina, metadona, propoxifeno) e narcóticos semi-sintéticos (heroína), além dos solventes.

As perturbadoras não alteram o ritmo do cérebro no sentido mais rápido ou mais lento, mas sim o funcionamento normal dos neurônios, causando confusão no cérebro.

150 Os dados foram extraídos do Centro de Estudos sobre Drogas Psicotrópicas. CEBRID/UNIFESP.

Provocam alucinações e delírios. São as drogas sintéticas (LSD e êxtase), as naturais (maconha ou derivados, haxixe e THC), os indólicos (plantas e cogumelos) e os derivados do peiote. Também são perturbadoras as drogas anticolinérgicas (derivadas de plantas, *Datura sp*) e as sintéticas (trixafenidila e benactizina).¹⁵¹

Como pode-se observar, todas afetam, profundamente, não só o sistema nervoso, mas todo o corpo humano.

A partir dos esclarecimentos sobre os aspectos psicossocial, cultural e farmacológico em relação ao que se entende por drogas, faz-se necessário abordar o contexto do “mundo das drogas” em nossa sociedade.

O conceito de *mundo*, como já visto anteriormente neste estudo, está vinculado às obras de Alfred Schütz e George Simmel.

Em nossa sociedade moderno-contemporânea, o processo de complexidades tende cada vez mais a multiplicar os “*espaços e domínios sociais simbólicos*”,¹⁵² transformando-os em espaços de “*mundos*” no sentido genérico.

Sendo assim, a existência de um “*mundo das drogas*” está vinculada a toda uma organização criada em torno dessa temática, englobando a produção, distribuição, consumo, além das complexidades sociais e culturais associadas às drogas, como as crenças, valores, estilo de vida e visões de mundo que “*expressariam modos particulares de construção social da realidade*”.¹⁵³

No entanto, dentro do “*mundo das drogas*” podemos estabelecer um recorte heterogêneo nas sociedades contemporâneas, quando pensamos, por exemplo, em uma aldeia boliviana ou nas tribos indígenas do Brasil, e no tráfico internacional e nos grandes centros de consumo, como Nova Iorque, São Paulo, Paris, Rio de Janeiro, etc. No caso das grandes metrópoles, podemos identificar grupos, indivíduos e categorias sociais que consomem drogas de forma diferenciada. Neste mundo, a noção do que é tóxico e a conceitualização do que é droga são extremamente complexas, abarcando vários conjuntos, desde a heroína até o papo de anjo. Da mesma forma, comportamentos e atitudes não podem ser analisados de forma homogênea em relação

¹⁵¹ Os nomes científicos das drogas, bem como suas características e efeitos no corpo humano, foram retirados dos folhetos publicados pelo CEBRID.

¹⁵² Velho, G., A Dimensão Cultural e Política do Mundo das Drogas *in* Drogas e Cidadania. Ed. Brasiliense, 1994, pg. 23.

¹⁵³ Idem, pg. 23.

ao que chamamos de “*mundo das drogas*”. É necessário estabelecer distinções e particularidades em função da amplitude desta temática.

Além das diferenças em abordar as fronteiras da estratificação socioeconômica, também há distinções em relação às tradições culturais e às particularidades no consumo de cada droga: maconha, cocaína, crack, ácido, álcool, etc. Historicamente e culturalmente, a mesma droga pode apresentar usos e costumes muito diferentes. O consumo da maconha, por exemplo, era mais comum entre pessoas das camadas mais populares de nossa sociedade. A disseminação desta droga entre os setores médios e de elite tem início a partir dos anos 60, em função da opressão político-cultural que o mundo atravessava. Jovens de vários países, principalmente do mundo ocidental, manifestam-se contra os governos de ditadura, o racismo, a guerra do Vietnã e os padrões convencionais - valores familiares, educacionais e de trabalho - dando vazão a uma concepção de mundo livre da opressão no sentido amplo, pregando a liberdade humana, sexual, etc. Esse movimento contra-cultural caracterizou uma geração, denominada *geração beat*, que recebeu a influência de vários escritores e poetas como Jack Kerouac, Walt Whitman, Alan Ginsberg, e também a geração *hippie*, em que as palavras de ordem eram paz e amor. Esses jovens tinham uma esperança verdadeira de transformar a realidade vivida em um mundo melhor; para isso, seria necessário chocar os padrões vigentes e as autoridades políticas, chamando a atenção da sociedade como um todo para as situações em que os governantes de Estado expunham suas populações, obrigando os jovens ao serviço militar e enviando-os para uma guerra que eles nem sabiam os porquês, promovendo ditaduras sangrentas nos países da América Latina, expulsando o homem do campo e perseguindo os intelectuais, a população negra e os partidos de esquerda. Enfim, uma verdadeira caça às bruxas em pleno século XX. As palavras de liberdade e mudança de comportamento eram ecoadas nos ouvidos de toda uma geração. A droga serviu de caminho para essa trilha, assim como as músicas de protesto surgidas na época.

A droga (maconha, LSD e heroína), assim como a música (rock), eram elementos presentes, significando uma mudança de comportamento, estilo de vida e visão de mundo, transgredindo as leis vigentes.

A grande questão nesse contexto é que os jovens que ansiavam pelo fim de uma guerra, dos governos de ditadura e dos padrões morais vigentes estavam caindo em outra guerra: a luta para livrar-se da dependência química e psicológica das drogas, após seu consumo freqüente. Com essa grande massa de dependentes, o narcotráfico

organiza-se cada vez mais para fortalecer sua expansão e abastecer o mercado mundial.

É importante frisar que o consumo de drogas não pode ser analisado de forma isolada, excluindo os atributos sociais e culturais que envolvem diferentes grupos e categorias. Por outro lado, os povos tradicionais usam drogas dos tipos mais variados com outro caráter social, associado ao contexto religioso. A droga é consumida em cerimônias e rituais, sendo um mero instrumento para a comunicação com o mundo dos espíritos e do sobrenatural.

A disseminação das drogas em nossa sociedade, pelos seus diferentes segmentos de classe social (populares, média e alta), acabou gerando uma nova situação. Não se tratava de confirmar os estereótipos relacionados às pessoas de baixa-renda pelo consumo da maconha, mas de explicar mudanças de comportamento. Assim, a droga adentra por um mundo metropolitano com grande número de pessoas e extrema diversidade, e não em uma sociedade de pequena escala como as tradicionais.

Ao estudar o fenômeno das drogas, é importante a contextualização, pois todas as tentativas e explicações genéricas baseadas nos aspectos fisiológico e psicológico acabaram no nível da rotulação e estigmatização.

É óbvio que, no “*mundo das drogas*”, seria demasiadamente ingênuo ignorar a existência de redes nacionais e internacionais com interesses políticos e econômicos, e visualizar somente as circunstâncias sócio-históricas.

O tráfico de drogas internacional mobiliza diversos segmentos da sociedade e muitas pessoas, constituindo-se em um grande instrumento de poder. O tráfico de drogas é uma das atividades mais lucrativas, atuando ao lado do tráfico de armas. Dessa forma, torna-se irresistível, para certos aplicadores de capital menos éticos, participar e investir nesse comércio mundial e clandestino; por isso a dificuldade em controlar a circulação de drogas por meio das medidas legais.

É importante não impor modelos únicos e homogêneos em relação à conduta e a atitudes sobre o uso de drogas, principalmente em sociedades complexas, excluindo a natureza política e econômica que também faz parte de seu contexto.

A Cultura do Álcool

...“Por acaso, ou mesmo de propósito, algumas frutas, possivelmente uvas, foram deixadas por algum tempo em um vasilhame primitivo ou em algum buraco de rocha. O sol e a ação de “criaturas invisíveis” que agora sabemos chamavam-se fermentos, estragaram as frutas. Elas se transformaram em uma massa pastosa. Mas um homem faminto e sedento ingeriu a massa. Nós podemos apenas imaginar o impacto deste acidente fermentativo. Não apenas a sua fome e a sua sede foram saciadas, mas ele se sentiu inexplicavelmente bem. Menos cansado, mais corajoso...Estava descoberto o álcool.”

Mark Keller¹⁵⁴

A descoberta do álcool conforme descrição de *Mark Keller* é mais uma forma de liberdade poética do que histórica.

A verdadeira história da descoberta do álcool jamais saberemos exatamente, mas sua existência e os problemas que causam pelo seu uso inadequado são antigos conhecidos do homem.

A ingestão do álcool é um dos costumes mais antigos e continua persistindo em nossa sociedade atual, apesar do conhecimento dos perigos potenciais de seu hábito pelo uso excessivo.

Os primeiros registros sobre o uso do álcool datam de 6.000 a.C., e sua grande popularidade no mundo faz com que ele seja eleito a droga mais consumida, a qual outros psicotrópicos vêm se sobrepor, mas não substituir.¹⁵⁵

A formulação do álcool é constituída basicamente da fermentação de açúcares, (cerveja e vinho foram as primeiras bebidas alcoólicas), sendo facilmente obtida em qualquer região do país e do mundo. O mesmo procedimento não ocorre com outras substâncias psicoativas, como os opiáceos, a maconha e a coca, que, além de sofrerem limitações em relação ao plantio, necessitam de solo e condições climáticas adequadas, passando posteriormente por um processo químico mais complexo que o do álcool. Em função das questões levantadas, outro aspecto favorável ao álcool é seu custo e aquisição, muito mais acessíveis comparados a outros psicotrópicos.

¹⁵⁴ Masur, J., *O Que é Alcoolismo*. Ed. Brasiliense, 1991, pg. 9. Citação extraída do mesmo livro.

¹⁵⁵ Idem, pg. 10.

Uma outra característica encontrada nas bebidas alcoólicas, não presente em nenhuma droga psicotrópica, é a de fornecer energia. Cada grama de álcool contém 7 calorias.¹⁵⁶

Essas calorias são chamadas de “*calorias vazias*”,¹⁵⁷ pois **não** estão associadas a proteínas, vitaminas ou sais minerais. Seu conteúdo calórico constitui uma diferenciação em relação a outras substâncias psicoativas. Fornecendo energia, as bebidas alcólicas fazem com que o ser humano não sinta fome. Esse fator, aliado ao baixo custo, torna o álcool mais atraente que outras drogas. A combinação entre o aumento do poder energético e a perda da fome acaba sendo um fator importante em lugares onde essa condição é comum, caso de algumas regiões do nordeste, em função da seca e da falta de alimentos. Sabe-se de casos, nas regiões canavieiras de alguns municípios do nordeste, em que muitas mães, antes de ir para o trabalho no corte de cana, embebedam seus filhos para que eles durmam e, conseqüentemente, não chorem de fome, pois não há alimentos para saciar uma função biológica necessária para a sobrevivência do ser humano ou de qualquer ser vivo, que é o ato de se alimentar.

Em busca de uma compreensão das causas que levam pessoas ao consumo de drogas psicotrópicas, excluindo a dimensão citada acima, um fator a ser considerado é o tipo de efeitos farmacológicos produzidos associado ao aspecto psicossocial de cada indivíduo.

Sobre a sensação que o álcool produz, Masur diz:

*“O álcool é uma droga que no ser humano produz, ao lado do seu claro efeito depressor, uma não menos óbvia ação de euforizante, traduzida predominantemente por desinibição comportamental, hilaridade, expressões afetivas aumentadas e diminuição da autocrítica. Esta dupla ação do álcool é dose-dependente, o efeito estimulante ocorrendo em doses menores.”*¹⁵⁸

¹⁵⁶ Masur, J., O que é Alcoolismo. Ed. Brasiliense, 1991, pg. 11.

¹⁵⁷ Idem, pg. 11.

¹⁵⁸ Idem, pg. 11.

As primeiras bebidas alcoólicas consumidas foram a cerveja e o vinho, que dependem exclusivamente do processo de fermentação. Com a sua disseminação, começaram a surgir bebidas destiladas como: rum, conhaque, uísque e a famosa cachaça, que no Brasil é muito popular, existindo inúmeras usinas no país na fabricação dessa bebida. O surgimento dos destilados causaram uma revolução na história das bebidas alcólicas, pois seus efeitos são mais prolongados, não só em relação à euforia, mas também em relação à embriaguez e ao alcoolismo.

O álcool é uma droga que possui questões contraditórias, ou seja, de um lado há o fator extremamente atraente, e de outro, o fator destrutivo, como exemplifica a citação a seguir:

“A um legislador foi perguntado se ele era contra ou a favor de bebidas alcólicas e ele respondeu:

“Se você se refere àquela substância que leva à degeneração do homem, que lesa profundamente o seu organismo, que mina as forças construtivas do país, eu sou contra. Mas se você está pensando naquela substância que promove a igualdade e a fraternidade entre os seres humanos, que faz com que as pessoas se sintam mais felizes, que facilita a homens e mulheres que se relacionem livres dos preconceitos impostos pela sociedade, então eu sou a favor.”¹⁵⁹

Entre as populações rurais é muito comum verificar essa dupla situação em relação à ingestão de bebidas alcoólicas, como demonstrado no trecho acima. Temos os aspectos culturais e de sociabilidade em virtude das festividades de caráter religioso e de tradição. Por outro lado, quando essa acessibilidade no contexto da tradição é desviada de sua função original, acarreta um grande problema, que é a dependência do álcool, não sendo muitas vezes encarada como uma doença que deve ser tratada.

¹⁵⁹ Masur, J., O Que é Alcoolismo. Ed. Brasiliense, 1991, pg. 15.

As determinações biológicas, psicológicas e sociais que levam o indivíduo a se tornar dependente do álcool são muito semelhantes às que levam a dependência das drogas ilícitas, como o crack, cocaína, heroína, etc.

A determinação biológica baseia-se no fato de as pessoas, quando começam a beber ou usar outras drogas, não conseguirem se restringir a uma ou duas doses, ou vezes de uso. “*Este fenômeno é conhecido como Perda do Controle e ocorreria em consequência a uma reação fisiológica em cadeia desencadeada por uma quantidade inicial de álcool*”¹⁶⁰, levando ao consumo de quantidades cada vez maiores, indo contra a intenção inicial de apenas experimentar.

A determinação psicológica “*coexiste com a teoria da vulnerabilidade biológica.*”¹⁶¹

Um dos pressupostos são traços característicos de personalidade, como insegurança, dependência, baixa auto-estima, passividade e introversão. Outro pressuposto em relação à dependência do álcool, e outras drogas também, é que os dependentes só aprendem a lidar com os problemas existenciais por meio de seu uso, ou melhor dizendo, pelo efeito delas.

A última determinação, que é a social, está ligada ao caráter cultural relacionado aos grupos sociais. Culturas que utilizam o álcool ou outras drogas para efeito ritual possuem baixos índices de dependência, pois o que prevalece é o contexto simbólico e não o abuso destas com a finalidade de afastar-se dos problemas de ordem emocional, financeira, profissional, etc., dificuldades de inclusão nos diversos grupos sociais, de comunicação, e de relacionamentos.

Em nossa sociedade, é muito comum meninos serem encorajados por seus familiares e amigos a ingerir bebidas alcoólicas precocemente, inculcando a idéia de que para provar sua masculinidade deve-se praticar esse hábito.¹⁶²

Sobre essa questão da ingestão de álcool entre a população masculina no sentido de provar valores como virilidade e maturidade, temos o relato do *Prof. Dr. Igor Vassilief*, médico toxicologista da *UNESP/Botucatu*:

¹⁶⁰ Masur, J., O que é Alcoolismo. Ed. Brasiliense, 1991, pg. 29.

¹⁶¹ Idem, pg. 36.

¹⁶² Os dados relacionados às determinações biológicas, psicológicas e sociais foram extraídos do livro. O Que é Alcoolismo, de Jandira Masur, transpondo essas determinações a outras drogas como o crack. Os aspectos biopsicossociais referentes à dependência do álcool são semelhantes aos de outras drogas.

“Então é diferente. Não precisa tomar todo dia. Mas o povão...o cara põe na cabeça porque vê um slogan, inclusive eu aprendi esse slogan na cana...com a meninada... Anos atrás na...roça, é que os mais velhos induzem os mais novos a beberem, bebida alcóolica. Então, o mais velho chega e dá pro irmão de 12 anos e aí? Cê num...e ele não quer beber. “Se cê não beber, cê num é homem”. Mas não é homem mesmo! 12 anos não é homem. É um slogan dos...na cabeça do moleque. Ele acaba bebendo, ele passa mal porque ele quase não bebe, mas só poder levar o slogan “eu sou homem”, ele acaba bebendo! E começa a entrar no ritmo... Quer dizer, tá induzindo o slogan...é espantoso...aí cê vai falá pro rapaz “não, não faça isso! não cai na conversa dos mais velhos”. 12 anos não é homem!... Acaba prejudicando, mas...essa frase eu aprendi exatamente na plantação. Não foi de livro, não existe livro, nada. Foi de usuários que vêm no serviço, que vêm contando... Como? Quando você começou a beber? Com que idade? Mas porque você começou a beber com 12 anos? “Ah, eu fui lá acompanhar meus pais, tava trabalhando, aí os caras levam bebida lá...na hora do almoço, né, bebem na hora do almoço e olha pra minha cara e eu tô lá sem beber. Aí o cara vira e fala:” “Olha, cê tem que beber!”, “mas não gosto disso aí, não quero”; “aí o cara diz:” “Não, cê tem que beber, senão cê não é homem, pô!””

Muitas vezes a porta de entrada para o consumo de outras drogas é aberta pelo uso e abuso do álcool. É incomum uma pessoa iniciar suas experiências psicotrópicas consumindo diretamente uma droga como o crack. O álcool, por ter o caráter lícito, sem repressões sociais, traz em si não somente os problemas decorrentes de seu consumo, mas libera a possibilidade de potencializar suas sensações junto com outras drogas como o crack, maconha e cocaína.

Outro trecho da entrevista com o *Prof. Dr. Igor Vassilief* mostra essa relação entre o uso e abuso do álcool e de outras drogas como o crack:

Arlete: Quer dizer que quem consome crack também consome álcool e maconha?

Prof. Igor: “Consome. Consome muito mais. Mas aí...quando tá no crack, ele já usou a maconha...”

Arlete: Ele já bebeu...?

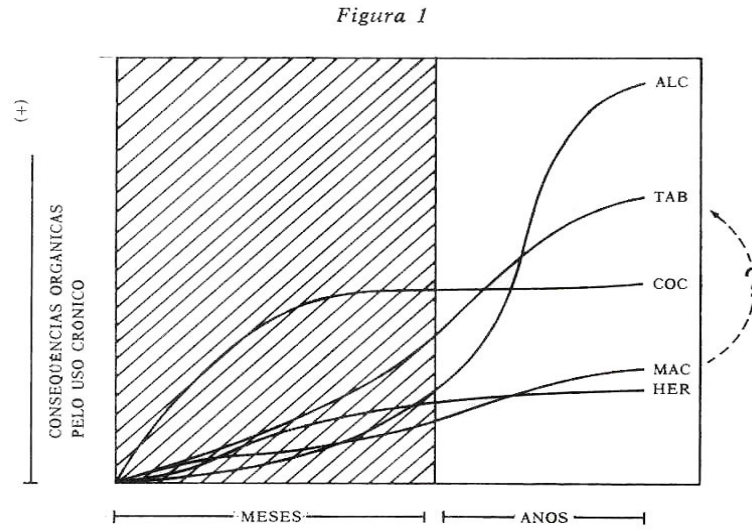
Prof. Igor: “Aí...volta a beber junto. Porque é o seguinte, o crack estimula e o álcool consegue abolir a estimulação. Só que não em doses baixas, então o indivíduo começa a beber em doses altas. E nós temos indivíduos de 20 anos, alcoólatras, que começaram a beber com seus 12 anos. Não precisa esperar 45 anos de idade pra ser um alcoólatra...”

O álcool é uma droga que, consumida constantemente, causa problemas orgânicos como gastrite, aumento da pressão arterial, hepatite, cirrose alcoólica, distúrbios neurológicos, etc. Esses problemas levam um tempo relativamente longo para se manifestar, comparado aos efeitos orgânicos pelo uso crônico de drogas como a cocaína e o tabaco.

Já o uso crônico da cocaína, organicamente, leva ao emagrecimento, debilitando de forma geral o organismo, além de insônia, lesão grave da mucosa nasal e maior probabilidade de convulsões. Para aparecer tais sintomas no corpo humano, o período é relativamente curto.

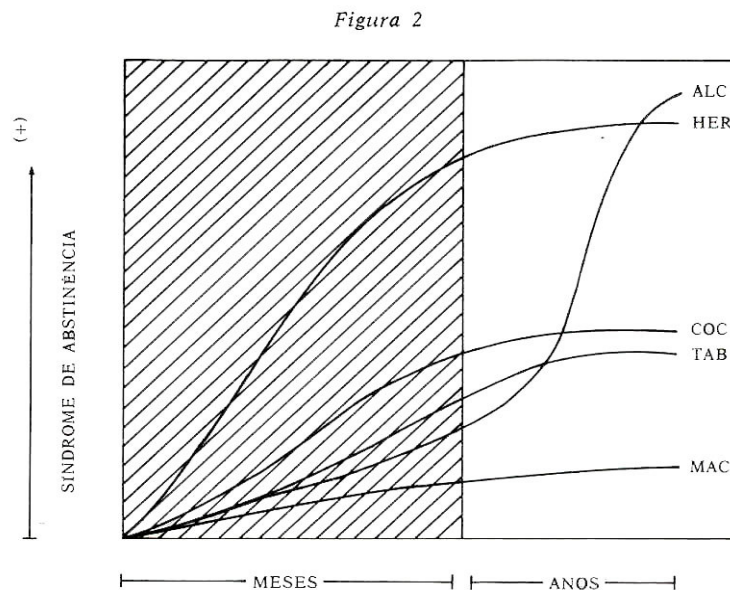
Essas duas drogas combinadas e consumidas, uma prática comum, geram um efeito devastador no organismo, além dos danos sociais que causam quando o indivíduo está consumido por seus distúrbios psicológicos.

A tabela a seguir fornece-nos uma referência sobre as drogas em relação aos danos por seu uso intensivo.



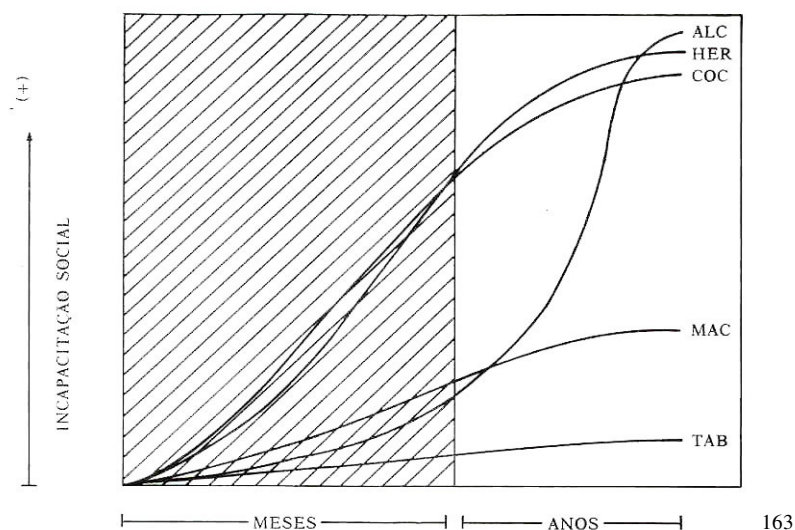
Não levando-se em consideração a via de administração (no caso da heroína e da cocaína, podem ser usadas de forma injetável, com conseqüências gravíssimas tanto na parte física como na psíquica), as drogas que demonstram maior risco orgânico pelo uso crônico são o álcool, a cocaína e o tabaco. Outro aspecto significativo é a síndrome de abstinência. De acordo com a tabela abaixo, nota-se que o álcool continua liderando o ranking, mas em relação a outras drogas há uma reorganização na estrutura. A heroína reveste-se do mesmo caráter de gravidade que o do álcool, mas com pouco tempo de uso.

Tanto o álcool como a heroína apresentam maior risco ao ser humano quando em abstinência dessas substâncias.



Outro problema de grande relevância é a incapacidade social causada pela droga. Novamente, álcool, heroína e cocaína encabeçam a lista, conforme a próxima tabela. A incapacidade social manifesta-se em decorrência das alterações psicológicas causadas pelas drogas, bem como pela própria dependência que estas causam. A dependência não se refere ao período em que a pessoa encontra-se no estado de abstinência, como citado anteriormente, mas sim a partir do momento em que a droga “penetra” na vida do indivíduo, passando a significar uma prioridade. Outros valores, considerados importantes, perdem seu lugar para a droga, afetando as relações familiares, profissionais e afetivas.

Figura 3



A incapacidade social relativa ao uso tanto da heroína como da cocaína leva menos tempo para aparecer comparada ao álcool. Tanto a heroína como a cocaína têm grande potencial de “invadir” a vida das pessoas, fazendo com que elas negligenciem cuidados básicos consigo próprias, como também relações fundamentais que têm com o mundo. A busca das condições para se obter a droga, como conseguir dinheiro e encontrar o traficante, passa a ser a preocupação dominante do usuário. Essa natureza pode ser exemplificada pelo trecho da entrevista do pastor Valter, quando este fez o atendimento a três jovens cortadores de cana que estavam no DEJOB para se recuperar da dependência das drogas.

¹⁶³ As três tabelas foram extraídas do livro: *Drogas: subsídios para uma discussão*, de Jandira Masur e E. A. Carlini. Ed. Brasiliense, 1993, pg. 18, 21 e 24.

“Nós...além de toda a segurança, com todo o trabalho em cima deles, né, eles ainda prepararam um assalto, né, e isso pela...eu acredito que eles entraram numa...numa depressão...numa ansiedade terrível naquela noite, né, por falta da droga e do alcoolismo, do cigarro, né, do ambiente. E...conseguiram a fuga, foram até a...cidadezinha, o bairro, e fizeram o assalto lá com revólver, com tiro, saiu tiroteio, sabe? Uma coisa assim...horrível mesmo, né? Que passamos aquela...aquela madrugada com polícia, né, a polícia prendeu todos eles, levaram para...para.... não sei se é o 1o. DP, na delegacia... E ali foi feito um B.O., a ocorrência pelo dono do restaurante, né. E isso...deram voadoras, derrubaram todos aqueles...aquele prédio, aquela...aquelas porta toda lá, né. Foram recebidos a bala pelo vigia, né?...”

No caso, a falta de cocaína e heroína leva o usuário a um estado de grande irritabilidade e sentimentos “*persecutórios*”. A paranóia, traduzida em um grande medo sem razão, pode levar a manifestações de violência. Por esse motivo, a incapacidade social vem sendo apontada como um dos principais problemas psicológicos causados pelo uso das drogas, principalmente a cocaína.

O Crack

Antes de analisarmos os “*porquês*” do crack, algumas considerações a respeito dessa droga são necessárias para compreender os seus efeitos na vida das pessoas.

O crack nada mais é do que a cocaína em forma de pedras, e tem esse nome porque, quando essas são colocadas em uma espécie de cachimbo e fumadas, emitem um som de estalo, *crack, crack*. Tanto o *crack* como a *merla* são obtidos de uma mistura a partir da extração da pasta da coca. Essa pasta contém várias impurezas, sendo necessárias outras reações químicas para transformá-las em um produto puro. Assim, essas duas formas da cocaína são mais baratas do que a forma em pó.

As reações desta droga no sistema nervoso central ocorrem de formas diferenciadas, de acordo com a via de uso (nasal, pulmonar e endovenosa) e pelo grau de pureza encontrado no produto. Quanto mais rápido a droga agir no cérebro, mais apreciada será pelo consumidor.

Aspirando a cocaína, por exemplo, o usuário começa a sentir seus efeitos após 10 a 15 minutos. Injetando, após 3 a 5 minutos; e fumando (crack), após 10 a 15 **segundos**. Com relação à duração de seus efeitos no cérebro, o crack é a droga que tem menor duração, isto é, 5 minutos após ser fumado eles desaparecem. Com a cocaína injetável, os efeitos têm duração em torno de 15 a 20 minutos, e com a aspirada, de 30 a 40 minutos. Assim, o crack é a droga que age mais rapidamente no sistema nervoso central e também é a mais consumida, em função de esses efeitos desaparecerem em pouco tempo.

Por causa dessa característica (agir de forma rápida no cérebro, desaparecendo logo em seguida) o crack acabou tornando-se a droga mais cara e perigosa, em comparação aos outros tipos de usuário da cocaína, pois a frequência de uso do crack é muito maior que as outras, apesar de seu baixo custo monetário.

Sobre essa questão do crack, a Dra. Eliete, psicóloga que realizou atendimento aos cortadores de cana que estavam consumindo crack no CEATOX de Botucatu, junto com o Dr. Igor, relata:

“O aspecto social contribui para que esses cortadores estejam usando o crack porque ele é mais barato que as outras drogas. Você é usuário de droga, você pega uma droga, potente que nem o crack, e tem toda uma facilidade de obter, porque custa, hoje, de 4 a 5 reais uma pedra. É barato, é mais barato...e a sensação que você vai ter é muito maior ...”

Os efeitos que o crack provoca no ser humano, de forma geral, estão divididos em psíquicos e periféricos. Psíquicos seriam aqueles que agem no funcionamento do cérebro (sistema nervoso central), e periféricos, os efeitos que atuam em outras partes do corpo humano.

Os efeitos psíquicos em relação à cocaína fumada (crack) são descritos como uma sensação de grande prazer, comparada ao orgasmo sexual. Essa intensidade de prazer não aparece em usuários da cocaína de forma aspirada.

Quando seus efeitos desaparecem, outros não agradáveis surgem. O usuário sente um mal-estar, associado à ansiedade e angústia que tem após o término dessas sensações. Surge uma vontade irresistível de usar novamente, a qual o usuário não consegue dominar. Essa sensação é maior em usuários de crack; por isso, esses são considerados mais violentos que os usuários da cocaína aspirada ou injetável. Quando não têm a droga, começam a sentir a “*fissura*”, perdendo toda a razão, cometendo roubos, brigas e até atos mais sérios.

Essa vontade intensa acompanha o usuário sempre, mesmo ele deixando de usar a droga. Uma vez em contato com algo que lembre a droga, volta a sentir vontade de consumi-la, perdendo seu controle.

A paranóia também é uma sensação mais intensa e comum em usuários de crack. Há descrições que, quando sob o efeito da droga, os usuários não confiam nos companheiros, acham que a qualquer momento a polícia ou algum parente vai aparecer, etc. Além disso, esses usuários podem tornar-se violentos, achando que seus companheiros o passaram para trás, roubando a droga, etc.

Os efeitos periféricos - aqueles que agem em outras partes do corpo que não o cérebro - atingem principalmente o coração, em função de a cocaína aumentar a pressão do sangue e o batimento cardíaco, causando uma arritmia que pode levar à morte. Além disso, há uma elevação na temperatura do corpo, fazendo com que o usuário transpire mais que o normal e sua boca fica seca. Por isso que é muito comum usuários de cocaína serem usuários de álcool, como já mencionado no sub-capítulo anterior.

Os efeitos crônicos - aqueles adquiridos com o tempo de uso -, como ansiedade, alucinações, paranóia, agitação, etc., passam a ser freqüentes, ou seja, basta o usuário consumir um pouco da droga e já é suficiente para sentir o mal-estar que ela proporciona. Já com as sensações agradáveis acontece o inverso. O usuário necessita cada vez mais consumir a cocaína/crack para obter a sensação que teve na primeira vez. É uma busca constante de algo perdido, como um “*dejavu*”, uma sensação passada que não pode mais ser alcançada. Essa necessidade de aumentar a dose para sentir os efeitos agradáveis denomina-se *tolerância* a qual ocorre com os usuários dependentes de álcool também.

Os efeitos desagradáveis que aparecem quando pequenas doses da droga são consumidas é denominado *sensibilização*. “É como se o organismo estivesse mais sensível à droga”.¹⁶⁴

Além desses fatores, a cocaína inibe o apetite, fazendo com que o usuário perca peso. O sono também é prejudicado, pois, sob o efeito da cocaína, ficam com insônia. Juntando todas essas implicações que a droga provoca no corpo humano, o crack tem causado danos sérios aos pulmões, criando situações como tosses freqüentes e dificuldades de respirar.

Outro problema com o passar do tempo é a própria dependência dessa substância nociva, tanto na parte física como psicológica, na vida do usuário.

No aspecto social, a droga (crack) passa a ser o centro da vida desses usuários, mesmo sabendo que ela traz sérios problemas a sua saúde.

Após algum tempo, os usuários usam a droga não somente para sentir seus efeitos agradáveis, mas principalmente para diminuir as sensações desagradáveis que ela provoca quando o indivíduo está em abstinência. Proeza essa que acaba não conseguindo.¹⁶⁵

Em função da complexidade que envolve o assunto, neste estudo não pretende-se afirmar que os cortadores de cana de várias regiões do estado de São Paulo estão consumindo crack por um motivo ou por outro. Isto pode incorrer no erro de centralizar apenas em uma questão e ignorar outras tão importantes quanto a eleita. O objetivo é discutir baseando-se nas diferentes versões dos entrevistados, achando um ponto comum a todas elas.

Assim, além de analisar as diversas versões que circulam sobre essa questão, é importante chamar a atenção do uso e abuso de drogas por “n” razões, mesmo porque, constatado em diversos estudos psicológicos e sociais realizados com indivíduos que as consomem e sua repercussão na esfera familiar e social, nunca conseguiu-se achar uma resposta ideal para os *porquês* que envolve o presente fenômeno.

¹⁶⁴ Nappo, S. A., e Noto, A. R., Cocaína: Crack, Merla e Pó, 1998.

¹⁶⁵ Os dados referentes aos aspectos psíquicos, periféricos e crônicos do uso da cocaína/crack foram extraídos da cartilha Cocaína: Crack, Merla e Pó, 1998. As autoras Solange Nappo e Ana Regina Noto são pesquisadoras do CEBRID, órgão pertencente à UNIFESP. Essa cartilha foi escrita para o Programa de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas no Campo, do SENAR/SP, desenvolvido pela socióloga Arlete Fonseca de Andrade.

O uso de drogas abarca vários contextos, como: a história individual, grupal, cultural e social regida em cada sociedade. Em relação as comunidades rurais, as razões podem ser diversas, como a falta de perspectivas nos âmbitos profissional e pessoal, ausência de assistência da rede pública para atender suas necessidades básicas, o trabalho que exercem ser muito exaustivo (ganham por produtividade/dia de cana cortada) ruptura dos vínculos familiares, religiosos e culturais, etc.

Como a presente pesquisa tem um caráter inédito dentro da psicologia social e das ciências sociais, vale ressaltar a importância da temática a fim de chamar a atenção de estudiosos, autoridades públicas, profissionais das ciências médicas e biológicas que atuam na assistência a essas populações, para trabalhar os aspectos preventivo e curativo da dependência de drogas, que, infelizmente, ainda é vista de forma estigmatizada, associada à má formação de caráter, e não como uma doença, que envolve também os familiares do usuário e deve ser tratada.

O crack, como exposto no início desse sub-capítulo, é derivado da cocaína. Na classificação entre as drogas, é considerado uma das piores por diversas questões. Fundamentado em pesquisas farmacológicas e comportamentais, seus efeitos agem rapidamente no organismo do indivíduo causando danos irreversíveis e dependência rápida. Atua diretamente no sistema nervoso, proporcionando psicologicamente prazer, alegria, sensação de poder, falta de apetite e de cansaço.

Os usuários, quando consomem crack, não sentem cansaço, fome, tristeza, e ficam hiperativos. Mas, após o uso contínuo em busca do prazer inicial, tornam-se dependentes.

Um trecho da entrevista realizada com o Prof. Dr. Igor Vassilief explica bem os efeitos do crack no corpo humano.

“É, eu diria assim: no objetivo pra cortar cana não precisa consumir. Isso não há necessidade, nenhuma possibilidade pra cortar cana. Agora, o cara que descobriu esse lado e a molecada é ignorante, vamos ser claros. Então ele é induzido, adolescente quer, é a coisa mais fácil, é a fase mais perigosa que nós temos na nossa vida, porque não está com a personalidade formada. Qualquer um que venha com uma novidade, qualquer coisa que se exponha, o cara acredita. Pode ser para bem, pode ser para mal. Então o cara falou,

né, “dá uma legal”. Mas dá realmente essa resposta aí, e vou dizer, é em reação que ela induz. Se...você fosse pra levantar..., além de toda a operação feita você vai ter um momento de prazer, porque ela vai acabar, em última análise, jogando mais dopamina, o que num mecanismo de ...ela inibe o crescimento de...e retorno, então você fica mais tempo com dopamina atuando comDopamina ela é um dos ...no nosso cérebro que nos dá prazer, que dá um bem-estar momentâneo. E é o mesmo que dar um orgasmo para nós, no ato sexual nós temos dopamina envolvida.

*Libera, estimula...no ato sexual pra nós...é uma delícia. A droga também dá esse prazer, mas lá na cabeça é um quadro. Então pra você entender melhor, é um prazer de um indivíduo que não é alcoólatra, o cara que toma eventualmente uma bebida alcóolica, seja um copo de cerveja ... se tomar um copo de cerveja você vai ver essa diferença, quando você está tomando um copo de cerveja, quando dá dois minutos você sente um bem-estar, você sente algo no seu cérebro, um ... que seria o fator de ...você sente algo diferente, **aquilo te dá um bem-estar, te dá um momento de prazer.** É esse o mecanismo que ocorre com as outras drogas. Então eu não vou dizer que droga não dá. Coca dá, crack dá, maconha dá, e aí o indivíduo acaba procurando exatamente, dá um quadro gostoso. Ele não sabe dizer que é por causa disso. Ele não consegue usar essas palavras. Comparar um **gato** com um moleque desses, o cara não entende nada ele vai pensar que...não é isso. Mas ele, com as palavras dele, nós temos que usar, entender as palavras dele. Se ele falar “dá prazer, dá uma coisa gostosa também”, talvez ele acabe procurando, **porque ele tá procurando em última análise não é o que eu faço de ficar o dia todo cortando cana lá, porque isso é cansaço, não é prazer, isso é desgaste. Como essa droga, especificamente cocaína, o crack, né, que é cocaína, dá essa estimulação, ele tem um prazer momentâneo, então ele por causa de 10, 15 minutos, o máximo que dá isso aí, ele trabalha oito horas a troco de nada, produzir, produzir, e fica esperando pelo dia seguinte receber novamente a coquinha dele”.***

A idéia desenvolvida pelo Prof. Igor reporta exatamente essa sensação que os usuários de cocaína/crack procuram: um grande prazer, pois, de acordo com suas palavras, essa droga faz com que haja no cérebro uma produção maior, porém forçada, de dopamina, transmitindo essa sensação física.

É interessante notar que, no final deste trecho, o Prof. Igor diz que a atividade exercida por esses trabalhadores não dá prazer em suas vidas, fazem por uma questão de sobrevivência. Não existe o trabalho criativo, a realização, o prazer por meio dele. Dessa forma, esses trabalhadores passam o dia todo cortando cana, sentindo grande exaustão e sem obter o prazer desejado. A maioria desconhece a importância de seu trabalho dentro da estrutura da agroindústria canavieira. Esse processo torna-se alienante para o homem que exerce sua atividade profissional objetivando apenas sua sobrevivência, sem vislumbrar outra alternativa ou perspectiva de vida.

Assim, a droga pode ser uma forma de sentir o prazer tão desejado, além de proporcionar um estímulo não racional, mas físico, fazendo com que o cansaço e o desânimo desapareçam por alguns instantes. Nesse ponto podemos dizer que a droga age mais como causa da alienação nesse processo do que como um produto dela.¹⁶⁶

Em relação aos danos psicológicos que o crack pode causar no indivíduo, temos o relato da Dra. Eliete explicando os efeitos dessa droga. Ela comenta:

“O psiquismo é totalmente alterado, a pessoa perde totalmente a percepção do tempo e do espaço, perde a percepção do certo e do errado, a pessoa perde o limite, é...como se viesse uma coisa de dentro dela uma força da própria droga, um bicho fora. Muitas vezes a gente já viu em crise, a pessoa parecia um bicho selvagem...”

No psiquismo é como que se a pessoa perdesse a capacidade de raciocínio. Ela fica lenta e os valores dela vão se quebrando cada vez mais. Ela não ama mais...

Ela perde a identidade total. Ela perde a identidade. Com o tempo ela se desconhece.

¹⁶⁶ Nota minha.

Ela não tem valor. Nunca se sabe ... ou o que vai acontecer. É uma Roleta Russa. É a perfeita Roleta Russa.”

De acordo com o relato exposto, os danos psíquicos são tão graves quanto os físicos, alterando totalmente sua personalidade, degenerando os laços afetivos e sociais que esses trabalhadores - filhos e pais de família - possuem com os seus e com a sua comunidade. Sua identidade é diluída nesse processo, bloqueando formas de emancipação como um todo, desenvolvendo, assim, uma identidade negativa, em que o indivíduo permanece na mesmice dessas situações, não vislumbrando alternativas de transformação.

Ainda sobre os danos psicológicos, a Dra. Eliete desenvolve uma idéia em relação à patologia a que o crack pode levar o indivíduo:

“Só um detalhe que eu vou falar pra você, isso pode ser meu, pode vim 50 terapeutas falar (...), mas é legal eu falar porque é o que eu sinto. Alguns desses casos os meninos se tornaram, quase que uma patologia que estava neles, já era uma psicose. Psicose depressiva, na maioria dos casos. Acredito que o Dr. Igor concorda com isso.”

Os aspectos sociais também são muito prejudicados quando as pessoas tornam-se dependentes do crack. Como ocorreu no município de Igarapu do Tietê, interior do estado de São Paulo, e vem ocorrendo em outros municípios da região estudada, jovens cortadores de cana consumiam o crack em pleno exercício de seu trabalho no canavial. Alguns deles foram atendidos no CEATOX, recebendo tratamento psicológico e para desintoxicação da droga. Nesse caso, a Dra. Eliete pôde observar o perfil desses jovens na parte social e como foi afetada a vida cotidiana, no relacionamento com a família, com o trabalho, amizades, etc. Ela diz:

“Esses meninos já vem vindo de uma relação que... as famílias são muito pobres, é...pessoas que já não têm objetivos na vida, já não tinham é...sonhos. Então já viviam ali. A maioria é muito pobre. E o que restou pra eles? Eles começaram a consumir a droga, desde pequeno, ...é...”

Já havia um histórico. Quando vão trabalhar levam consigo o vício. E são pessoas que precisariam daquele dinheiro pra quê? Pra podê tá levando o dinheiro pra casa pra comer, ... E não se sabe o que acontecia, mas todo dinheiro que eles ganhavam ficava... no consumo.

Um dos jovens chegou muito louco..., ele falou assim: “Ah...vou quebrar tudo, vou arrebentar”. “Arrebenta, e o máximo que vai acontecer”, falei, “é os caras vim te segurar. Você está encaminhado aqui e eu só estou pra te ajudar”. Ele se acalmou, a hora que ele acabou, uma hora depois... “Você é independente”, ele disse. “Você fala igualzinho a minha ...” “Então eu já te conquistei?” Ele falou assim: “Já. Eu acho que você gosta das coisas que eu gosto, não é”? Eu falei assim: “Com certeza.” Ele disse: “Eu só queria ter uma casa, ter uma família. Eu não tenho, eu sou sozinho. As vezes é melhor a gente estar preso do que com quem a gente tem que viver”.

Os relatos dos profissionais que realizaram atendimento a esses usuários de crack demonstram que o envolvimento com drogas muitas vezes está associado a encontrar uma “*solução mágica*” para os problemas e carências. Fazendo uso delas, são levados a acreditar que as frustrações do trabalho, da vida familiar, afetiva e social, sobrevivendo aos conflitos vivenciados no cotidiano, serão amenizadas ou esquecidas. Mas o que ocorre é exatamente o contrário. Desesperançados e com seus sonhos desfeitos, a vida acaba se tornando um pesadelo maior.

A falta de perspectiva, no sentido amplo da palavra, decorrente de vários fatores socioculturais que fizeram dele um sujeito à margem do processo histórico de nossa sociedade, faz o cortador de cana tornar-se dependente de drogas na tentativa de pertencer a qualquer grupo, não passando novamente pela rejeição registrada em suas memórias ao longo dos tempos. Sobre isso a Dra. Eliete diz:

Só que isso também tem todo um outro componente...que é assim: cada personalidade, cada pessoa vai ter uma formação, e nessa formação dessa pessoa vai ter um buraco, e é aí que a pessoa vai buscar, alguns vão buscar o quê? Uma coisa ligada a algum sentimento, familiar. Cocaína: rejeições e mais rejeições, o crack

*também, rejeições profundas, falta de...porque o crack toma tudo.
Porque às vezes a pessoa já tem a coisa da morte com ela.*

Em função desses traumas, dessas rejeições, podemos dizer que a droga, em seu contexto atual em nossa sociedade, possui na essência o aspecto “democrático”, isto é, ela não discrimina e nem exclui os diferentes tipos de pessoas e seus contextos particulares. Para consumir droga, ou pertencer a um grupo que faz uso dela, não são exigidos critérios específicos do usuário. São aceitas pessoas de todos os credos, raças, culturas, classes sociais, idade, se pertencem à zona rural ou urbana. Esse caráter sem fronteiras denomino **princípio liberal negativo**,¹⁶⁷ com o qual diversos grupos são incluídos e homogeneizados.

Quando um grupo está consumindo qualquer tipo de droga, por mais diferente que seja, existe uma integração, e os diversos tipos de preconceitos são deixados de lado, pois a droga age com efeito de interação entre as pessoas, fazendo com que elas deixem de lado seus valores morais, sociais e culturais, unificando-as num só corpo agindo para uma determinada função, qual seja, consumir a droga. A única coisa que importa naquele momento na vida dessas pessoas é a própria droga.¹⁶⁸

As palavras do Pastor Valter, presidente do *DEJOB* (Desafio Jovem – Botucatu), que também realizou atendimento assistencial aos adolescentes cortadores de cana no município de Igarauçu do Tietê, expressam bem esta questão:

“Em toda...toda a... seqüência da nossa... da nossa sociedade, é... a droga não escolhe, ela não escolhe... o grau social, né? E isto...é...é um trabalho assim que vem...que vem... que vem sendo feito durante esses anos aqui e... eu acredito que é uma... uma porcentagem assim de 50% de jovens da periferia e 50% de jovens da alta sociedade...”
“Então a droga não escolhe, né? E não escolhe... nem a parte social, nem idade, nem... rico, pobre, nem cor.”

¹⁶⁷ Nota minha

¹⁶⁸ Nota minha

As questões apresentadas até o momento mostram que os dependentes de drogas, independente da condição que venha a lhe ser atribuída dentro da estrutura social, são vistos como pessoas estigmatizadas e de comportamento desviante, às quais Goffman denomina *desviantes sociais*.

Os *desviantes sociais* são pessoas engajadas numa espécie de “*negação coletiva da ordem social*.”¹⁶⁹ Dentro da estrutura social, são vistas como incapazes de alcançar sua emancipação e transformação para progredirem dentro dos padrões vigentes da sociedade. Essa condição de desvio, relacionada aos sujeitos deste estudo, possui em si duas conotações: aquela atribuída aos usuários de drogas e aquela que reporta a sua origem. Sobre essa condição, Goffman diz:

*“Há membros da classe baixa que, de forma bastante perceptível, trazem a marca de seu status na linguagem, aparência e gestos, e que, em referência às instituições públicas de nossa sociedade, descobrem que são cidadãos de segunda classe.”*¹⁷⁰

Como pode-se notar, os estigmas e os desvios sociais relacionados a essas populações rurais estão carregadas de representações negativas. Primeiro, reportando-se a sua condição de pobreza e cultura, em que o linguajar e o modo de vida lhes são peculiares; e, em segundo, a questão de serem usuários e muitos tornarem-se dependentes de drogas, agravando ainda mais os atributos do estigma. Esses indivíduos acabam se vendo, de forma estigmatizada, inseguros pela recepção que possam ter diante dos padrões vigentes.

As Diferentes Versões do Fenômeno

São várias as versões que circulam sobre a questão do consumo de crack entre os cortadores de cana. Assim, objetivou-se, na presente pesquisa, entrevistar os profissionais que realizaram atendimento aos trabalhadores da cana, como o médico e

¹⁶⁹ Goffman, E., *Estigma*. Ed. Guanabara, 1988, pg. 155.

¹⁷⁰ *Idem*, pg. 155.

a psicóloga do CEATOX de Botucatu e o pastor da Assembléia de Deus e Presidente do *Desafio Jovem*, bem como outros profissionais, como o Coordenador do Sindicato Rural de São Manuel e o Presidente da *FETAESP*, que também procuraram auxiliar esses trabalhadores, relatando o presente fenômeno às autoridades públicas competentes.

Os discursos, as versões sobre o crack, centram-se em maior grau na fala dos próprios cortadores de cana, que se vêem compartilhando essa nova realidade com seus colegas de trabalho, amigos e até familiares que consomem o crack, tanto no canavial como nos arredores de suas moradias.

Foi questionado, nas entrevistas com os profissionais, qual o motivo, na opinião de cada um, que leva os cortadores de cana a consumirem drogas, especialmente o crack. Já aos trabalhadores, foi perguntado se eles sabiam que alguns de seus colegas de trabalho estavam consumindo crack e a razão desse fenômeno.

As respostas abordaram diversas questões a respeito desse fenômeno. Desse modo, pretende-se analisar seus discursos e achar os pontos em comum nas falas dos entrevistados.

Discutir, analisar a fala, a palavra de cada indivíduo ou de cada grupo/segmento, significa um grande passo para entender os porquês dos diferentes fenômenos que ocorrem em nossa sociedade. A fala possibilita revelar ao pesquisador as condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos da comunidade estudada.

Vários estudiosos apontam a fala, a palavra, como a forma mais importante de interação entre os diversos grupos sociais. Sobre a fala, Bakhtin considera:

“A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.”

E continua:

“Existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação da vida cotidiana. O material privilegiado de comunicação na vida cotidiana é a palavra.”¹⁷¹

¹⁷¹ Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec - Abrasco, 1999, pg. 100.

Cada grupo social, em diferentes épocas, possui seu próprio discurso/repertório, e este é determinado pelas “*relações de produção e pela estrutura socio-política*”. Por meio da fala - que não está desvinculada de outras formas de comunicação - os seres humanos refletem e refratam seus conflitos e contradições.

Preocupado com as entrevistas não-estruturadas que são realizadas na prática da pesquisa social, Pierre Bourdieu indaga a seguinte questão: Em que momento ou sentido sabemos que a fala de um pode estar representando a fala de muitos?

Para Bourdieu, “*a identidade de condições de existência tende a reproduzir sistemas de disposições semelhantes, através de uma harmonização objetiva de práticas e obras*”.¹⁷²

E ainda diz que:

“Todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe são produtos de condições objetivas idênticas. Daí a possibilidade de se exercer na análise da prática social, o efeito de universalização e de particularização, na medida em que eles se homogeneizam, distinguindo-se dos outros”.¹⁷³

Esta formulação de Bourdieu está baseada no esquema teórico denominado Habitus, isto é:

“Um sistema de disposições duráveis e transferíveis que integram todas as experiências passadas e funciona a todo momento como matriz de preocupações, apreciações e ações. O ‘habitus’ torna possível o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciais, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas, da mesma forma, graças às correções incessantes dos

¹⁷² Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1999, pg. 111.

¹⁷³ Idem, pg. 111.

resultados obtidos e dialeticamente produzidos por estes resultados".¹⁷⁴

Bourdieu afirma que “*o indivíduo é um portador passivo de tradições*”. Isto não quer dizer que o testemunho, o relato de um entrevistado é precioso em si mesmo, mas este indivíduo, de certa forma, diz sobre costumes e maneiras de sua comunidade, significa uma amostra da continuidade.

Esse aspecto faz sentido a partir do momento em que o “*comportamento social e individual obedece a modelos culturais interiorizados, ainda que de forma conflitante*”.¹⁷⁵

Além disso, Alfred Schütz diz que cada indivíduo “*experimenta e conhece*” as regras sociais de forma particular. O conjunto das diferentes informações individuais que são vivenciadas em comum acaba compondo uma única obra na estrutura das relações sociais. O mais importante nessa questão não é a soma de cada reprodução dos indivíduos, mas o entendimento dos modelos culturais que caracterizam o grupo .

Estas questões apresentadas pelos diferentes teóricos reforçam a importância dos conteúdos da fala de cada entrevistado, pois neles há semelhanças e diversidades, fazendo com que o assunto não se esgote em si mesmo e possa ser trabalhado nas diferentes visões de cada profissional, o que contribui para sanar as dificuldades em relacionar as falas com a questão das drogas, em função da complexidade dessa temática.

A análise das entrevistas com os profissionais mostrou que o consumo do crack tem pontos particulares e comuns. Ressaltam questões sobre a condição social (moradia, educação, saúde, etc.) dessa classe trabalhadora, laços familiares e afetivos, religiosidade, problemas psicológicos (estrutura psicológica de cada indivíduo em lidar com dificuldades, diversidades, auto-estima, etc.)

Na opinião do Prof. Dr. Igor Vassilief, o consumo de crack por esses trabalhadores da cana tem ligações com a exploração do trabalho. Visando ao aumento da produtividade no corte/dia, há, nos canaviais, um forte controle pelos turmeiros em relação a essa questão, ou seja, aqueles trabalhadores que não atingem as metas diárias (acima de 10 toneladas/dia) estão excluídos do trabalho na próxima safra.

¹⁷⁴ Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1999, pg. 111.

¹⁷⁵ Idem, pg. 112.

Há também, em sua explicação, questões referentes aos agravos sociais que essas pessoas enfrentam na vida cotidiana. Sobre suas versões, diz:

*“Então você veja que outros aproveitaram uma situação e nem o garoto sabe disso, pois vem daqueles que contratam a pessoa, porque cana é por tonelada cortada, quer dizer, o pagamento é diferente, o sistema. Não é por dia de trabalho, os dias que cê trabalhou, é **cobrado um controle de produtividade**. E a pessoa produz sobre aquilo lá. Como eu falei pra você, tem uma família aqui de Paraguassú Paulista, se não me falha a memória, o pai viu a reportagem e percebeu que havia algo de errado no filho. Então ele pegou e falou - e eu lembro da frase. Eu cheguei a falar com o próprio pai, lá no corredor...“Desconfiei vendo a reportagem, que... meu filho, esse moleque corta mais do que eu, então não é possível...”, e eu falei “não é possível, alguma coisa tá errada, não dá pra comparar um moleque de 14 anos com um indivíduo de 35 anos.”*
Fisiologicamente, alguma coisa está errada.”

Na entrevista, o Prof. Dr. Igor salientou também acreditar que aqueles que controlam a produtividade no canavial (chamado de turmeiro, ou “gato”), estão agindo na distribuição das drogas para esses trabalhadores. É comum, no trabalho da cana, o “gato” desempenhar a função de intermediário nas relações entre patrões e empregados, visualizando os ganhos que pode vir a obter por meio da força de trabalho dos trabalhadores rurais.

Sobre isso diz:

“O gato, porque ela (a droga) era distribuída dentro do caminhão, isso foi flagrado com a reportagem. A reportagem você vê no caminhão parado, acho que desce velhos e fica aquela molecada lá e dão um jeito lá, mas lá dentro do caminhão, do próprio caminhão que levava o pessoal pra roça, quer dizer, quem vai fazer? Só o gato que contrata os homens”.

Além dessas questões, há o efeito anti-fadiga que o crack proporciona no organismo dos trabalhadores, quando estão exercendo suas atividades profissionais, e o prazer que pode oferecer durante alguns minutos, uma vez que muitos cortadores estão insatisfeitos com seu trabalho e com sua vida, não obtendo o prazer e a realização tão almejada.

“Se ele falar “dá prazer, dá uma coisa gostosa também”, talvez ele acabe procurando, porque ele tá procurando em última análise não é o que eu faço de ficar o dia todo cortando cana lá, porque isso é cansaço, não é prazer, isso é desgaste. Como essa droga, especificamente cocaína, o crack, né, que é cocaína, dá essa estimulação, ele tem um prazer momentâneo, então ele, por causa de 10, 15 minutos, o máximo que dá isso aí, ele trabalha oito horas a troco de nada, produzir, produzir, e fica esperando pelo dia seguinte receber novamente.”

A opinião da psicóloga que também realizou o atendimento a esses usuários sobre o crack versa sobre as dificuldades sociais e familiares em que essas populações se encontram. Não acredita que o consumo do crack tenha relação com a questão do trabalho, pois, argumenta, há diversos profissionais (médicos, psicólogos, enfermeiros, professores, etc.) que também são dependentes de drogas, cada um com aspectos diferentes quanto à construção de suas trajetórias de vida.

Já as rupturas nos vínculos familiares e a desestruturação social são anteriores à questão do trabalho. Ela diz:

*“Esses meninos já vêm vindo de uma relação que...as famílias são muito pobres, é...pessoas que já não têm objetivos na vida, já não **tinham** é...sonhos. Então já viviam ali. A maioria é muito pobre. E o que que restou pra eles? Eles começaram a consumir a droga, desde pequeno... Isso. Já vinha com histórico. Quando vão trabalhar levam consigo o vício. E são pessoas que precisariam daquele dinheiro pra quê? Pra poder tá levando o dinheiro pra casa pra comer, ou...E não*

se sabe o que acontecia, mas todo dinheiro que eles ganhavam ficava...no consumo.”

“O problema é bem embaixo, é social. Pra mim,...tá chegando nesse meio a droga, só que mais importante...é a base social hoje é - valores familiares. Tá aí, você assiste uma novela você chora. O que é isso? Cadê Deus, cadê a religião, cadê o temor, cadê o respeito? Mãe que não respeita filho que não respeita o pai. Que padrasto não respeitou não sei quem, que num sei quem não respeitou a irmã.

Se você pega as histórias, as histórias se repetem com pessoas que estão totalmente com seus egos mal elaborados, com sua vida mal elaborada, com carências profundas.

Acho que agora já misturou. Cultura do meio rural, cultura do meio urbano, misturou.”

“Então, esse trabalhador rural hoje ele não é mais essa pessoa. É outro perfil. Hoje são pessoas desempregadas que querem trabalhar e vão trabalhar nisso. Não é mais aquele perfil de 30 anos atrás, que são os meus avós...”

O que há em comum entre esses usuários de drogas da zona rural perpassa o contexto social, acarretando na ruptura dos laços afetivos. Esses trabalhadores sempre vivenciaram a exclusão. Esse fator já se transformou numa *dada condição histórica*,¹⁷⁶ sentida por todos aqueles que são de origem rural, agravada pelos estigmas sociais que lhes foram atribuídos e confundidos muitas vezes com estigmas de caráter, má formação da personalidade, fazendo com que se conformassem com essa dada condição.

Tais fatores contribuem para que haja mudanças bruscas na estrutura, no cotidiano dessas populações, adotando outras lógicas na tentativa de serem aceitos socialmente pelos padrões determinantes.

¹⁷⁶ Referente ao que chamo de “*dada condição histórica*”, esclareço que tanto as gerações anteriores como as atuais dos pequenos produtores e trabalhadores rurais guardam na memória a vivência dos traumas da exclusão, como também dos estigmas, perpetuando até os dias de hoje essa situação.

A versão do pastor Valter, que também realizou atendimento no *DEJOB* a esses jovens trabalhadores, abordou a ausência tanto dos órgãos públicos como de empresas privadas na assistência social, no sentido de empregar recursos no auxílio a essas famílias de trabalhadores, que hoje encontram-se morando nas periferias das cidades e passando por necessidades em todos os sentidos. Além disso, o relato do pastor Valter salientou um fator muito importante, que é a falta de treinamento, instrução e apoio aos trabalhadores por parte das grandes empresas do setor açucareiro. O objetivo das usinas de açúcar e dos fornecedores centra-se na oferta e procura da mão-de-obra e em sua exploração. Além da falta de treinamento para a qualificação da mão-de-obra, não existe dentro dessas empresas nenhum trabalho social e psicológico direcionado ao atendimento ao trabalhador, caso ele venha a apresentar problemas dessa ordem. A esse respeito, o pastor diz:

“É...agora, o que eu compreendo assim e... quero falar agora também nessa gravação...é a falta assim de uma triagem, né, a falta de uma triagem que... acredito que todas essas empresas de cana-de-açúcar, trabalho rural assim, devem ter assim uma assistente social, uma equipe, né, uma psicóloga, uma...assistente social, né, que deveria, por obrigação fazer uma triagem...uma triagem que aí deveria até das drogas... né, entrar nesse setor e... foi o que eu observei. Porque são... eram jovem assim que não tinham instrução...Entende? Então eu tô achando aí, eu vejo aí, né, que até uma escola, um momento assim de aprendizado, teria que ter...nessas usina, nesses lugares, né, um trabalho feito com uma psicóloga, né, porque geralmente esses rapazes ele...veio trabalhar, mas já veio trabalhar estragado...ele não veio usar droga lá na cana, não, ele já usava lá na periferia da cidade dele, já usava já. Lá ele já era um drogado! Como é que traz um drogado pra ir trabalhar? Então...uma triagem...Não podia ter trazido mesmo e...e conseguido através de uma escola, de um ensinamento ali na usina, ou na firma, de qualquer lugar e preparado aquele...esse jovem, né. No fim...eu não acredito numa boa produção que eles deram... Não acredito numa boa produção, e isso porque eles usavam o crack né, usavam o crack, que trazia uma

conseqüência assim no sistema nervoso, um descontrole, né? Eu não acredito que uma pessoa dessa vai render 70% do trabalho dele, né? Então veja aí... a falta de uma triagem, de um...de um ensinamento, de uma ajuda, né... É... então, a conseqüência foi grave.”

Na opinião do Coordenador do Sindicato Rural de São Manuel, na época da pesquisa, o consumo de crack é um reflexo das dificuldades encontradas na esfera social e de trabalho, agravado pelo vislumbamento no aumento da produtividade que esses trabalhadores possam oferecer às usinas de açúcar e fornecedores. Ele relata:

“Ah...Na minha opinião eu acho que... Eu vejo assim, o pessoal que corta a cana é um pessoal vulnerável, né. Ele tem duas coisas negativas que conta aí: primeiro...que é um povo assim que não tem estudo. Ele não tem chance. Então você não tem oportunidade na vida. E como a bebida é um...um suporte pra você até acabar esquecendo certa circunstância da vida, a droga também leva a isso. Então você não tem muitas opções. Então quando começou a surgir o crack, que era... acredito eu ser mais barato do que a cocaína, o jovem começou a consumir. Uma...que não...de não ter represália, principalmente por ser aberto e não ter uma fiscalização. O cara não vai ser...mandado embora, não vai ter a questão de um chefe, porque tem um chefe de turma, mas ele tá preocupado com a produção, então o cara pela vontade... às vezes ele fuma ele produz mais ainda, e até por isso então ele se cala porque eles vão dá graças a Deus que o cara tá...ali de ingerindo droga, e tá...ele fica alucinado, então ele vai cortar cana no limite e... Então se ele...quanto mais ele cortar mais dinheiro ele vai ter.

Então...na verdade, o primeiro passo é a base de escolaridade, né. É um pessoal assim que é fácil de se levar, fácil de se comprar. Então, quer dizer, os traficante já tão... “expert” em dobrar a pessoa. Se tem uma pessoa que tem uma mente fraca, né, fácil manipulação,...então aí já fica bem mais prático, né? Então o que acontece? Ele pega, ele vê aquela situação...sem perspectiva da vida dele...aí oferece, o cara acaba gostando, aí ele vai consumindo, ele vai consumindo... Então

ele fala: “pôxa, ele não tem estudo, ele não tem condições de conseguir um emprego melhor.” Tem o problema de emprego, né... Não tem tantas indústrias como tem na capital, ou mesmo na grande cidade... Então ele fica naquele negocinho, na expectativa de...querer até uma fuga, né, a droga é uma fuga. E o crack, que é...bem mais barato que a maconha! Então ele vai...só que o problema...”

“O social. É a vida sedentária que o cara leva e...ele pega um padrão de vida...que...ele fica limitado ao bairro, né, e já tem bairros aqui em São Manuel que...nem em São Paulo, o pessoal conhece lá, Buraco Quente, né? Vila Prudente, que tem a favela e...assim vai. Então ele...se limita, ele tem um limite. Então o limite dele é aquele mundo, e aquele mundo...acaba levando pra ele a droga, né...Então eu acho que é a vida que ele leva, né... A perspectiva de vida e tal. A outra...a própria cultura dele que é baixa que deixa levar fácil, e o consumo...que não tem a...a vigilância que na cidade tem. Geralmente numa empresa, que tem os técnicos de segurança, que tem o pessoal que faz averiguação o cara já fica mais esperto, ele não vai arriscar, ele tem um emprego então ele pensa um pouco. Os outros não, ele tá no meio do mato...”

“Às vezes faz frio mas não chove. Então... Não é fácil, né? É difícil. E outra...eu vi um caminhão, eu vim dentro de um caminhão, também...Esse caminhão de bóia-fria tem um monte de gente dentro, tudo amontado, quanto mais couber mais eles vão enfiando. Cê vê tudo molhado, tudo suado... Então é uma situação difícil.

Uma vez eu parei com um colega meu da Casa da Agricultura e nós ficamos comentando, né? “Tem usina aqui que ainda dá alimentação, né. Mas a gente via que eles levam, né...Então quer dizer, cê não tem fogareiro, não tem onde... onde é que você vai...achar madeira pra ficar esquentando, não tem nada. Então o que é que eles fazem? Nove horas da manhã eles comem. Porque quando eu fui eram nove horas da manhã e eles estavam sentados tudo num cantinho, era que nem bicho, a verdade é isso, amontado ali...sem o mínimo de higiene.

Então aquela marmita lá o cara divide ela em três partes, então ele come uma às nove, come mais um pouco meio-dia, uma hora, e come às duas, quer dizer...ele vai comendo as partes, ele não come duma vez aquela marmita..."

"As condições de...trabalho... Que nem de laranja, que tem os espinhos, né, então...do café, os galhos são muito fechados, então eles machucam muito, né. E outra, esse pessoal vem, ainda aqueles que honrosamente conseguem estudar à noite, né, que...conseguem se formar pra ver se consegue uma coisa melhor, ainda vai, mas é que nem eles falam... A maior briga minha pra alfabetização é a disponibilidade do pessoal de tá indo e chega morto...chega morto que nem fala."

A versão do Presidente da FETAESP (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo) sobre o crack salienta a grande miséria e falta de perspectivas quanto ao trabalho e à mudança social que os cortadores de cana vem sofrendo. Além desse aspecto, acredita que o fato de a grande maioria dessas pessoas morarem na periferia das cidades acaba incorporando em seu cotidiano outros aspectos, alterando seus modos e hábitos, e a droga é um desses elementos. Ele diz:

"Eu, particularmente eu não tenho informação aonde tá, agora não descarto a possibilidade de que há miséria e tudo isso faz com que a pessoa use mesmo, porque hoje se você entrar no meio rural, no corte de cana, você vai ver jovens, rapazes, molecada bonita, entendeu...que tem o seu segundo colegial, primeiro colegial...ou na 8ª série...trabalhando no corte de cana e essas pessoas estão metidas na cidade também, e o crack na realidade ele vem da cidade, ele não vem lá na roça, e pra induzir, para fazer amizades, círculos de amizades, isso não é descartável não. Entendeu que existiu isso lá no passado, quer dizer eu soube através da imprensa mesmo, fui atrás, fomos atrás...batemos em cima, acionamos o delegado fizemos um auê...e...fizemos a nossa parte..".

“Porque as pessoas não vão ter outra alternativa...voltam a beber, vão beber...ou vão se meter com droga...Se o cara tem condições ele não vai nisso...o cara pensa também na família...Olha, é humilhante ser hoje cortador de cana...e eles são simples, você mesmo falou agora, eles sentem vergonha até de conversar...e você vê hoje uma rapaziada, ou analfabeto então, com algum estudo mais lá na roça...parece um tapa assim, colocam um tapa nele, só pra ele enxergar aquilo, só aquilo.

Não fez nada, mais e... eu só quero te dizer o seguinte, hoje antes o trabalhador rural, era...dava orgulho falar eu sou um trabalhador rural, porque o que girava no comércio hoje e gira no comércio e o trabalho rural, queira ou não, e o trabalho rural, se acaba isso, acaba o comércio. O comércio em Mineiros, tem o comércio é muito bom, você andava na cidade no final de semana na época lá atrás, antes dessa crise toda aí, você andava na cidade de final de semana parecia domingo no meio da semana, o pessoal comprando, aquela agitação de, sabe de...

Hoje não, é tudo morto. As pessoas hoje, sabe...você vê muito bêbado, entendeu, você vê muitas pessoas caída na rua, você vê pessoas mal vestida, você vê pessoa com semblante, e...triste, preocupado...você, entendeu? Você vê tudo isso hoje.”

Observamos que todas as versões apresentadas pelos profissionais citados nesta pesquisa sobre os porquês do consumo de crack por cortadores de cana têm mais de uma explicação, mas uma delas acredito que foi salientada por todos os entrevistados, que é sobre a carência social que essas populações vêm enfrentando desde o período colonial. São pessoas que sofreram a expulsão e expropriação de suas terras, de seus instrumentos de trabalho e de sua produção, fonte de sobrevivência de suas famílias. Com todo esse cenário histórico do rural brasileiro, assistimos durante dezenas de décadas as conseqüências serem reverberadas em nossa sociedade: o aumento da miséria, a ruptura dos laços afetivos e culturais, o fortalecimento dos estigmas e as representações sociais negativas atribuídas às populações rurais.

A identidade dessas pessoas, com o passar do tempo, é diluída e outras questões são incorporadas em suas práticas cotidianas, como a aquisição de bens de consumo,

drogas em geral, ausência de vínculos culturais e familiares, a falta de afeto pela terra e pelo que dela provém.

Referente as versões dos trabalhadores, acredito ser de grande relevância abrir espaço para suas falas em relação ao uso de drogas.

Dar vez e voz às suas narrativas oferece a nós pesquisadores e leitores uma dimensão mais real do presente fenômeno. Assim, foram selecionados trechos das entrevistas desses cortadores de cana. Alguns eram funcionários das usinas e outros funcionários dos fornecedores de cana. A seguir temos a descrição desses trabalhadores:

Usina:

Você já ouviu alguém dizer que cortador de cana está usando drogas, principalmente o crack?

Vitória:

“Já.

Aqui eu nunca ouvi falar, mas nos fornecedores eu ouvi falar bastante.

Que eles levam até bebida pra toma na roça. Meu vizinho também, ele é turmeiro lá, ele tava perdendo quase a mulher por causa disso, por causa de droga na roça, bebida né, quer dizer, o povo levava bebida. Leva bebida e não trabalha.

Ando vendo muito aqui no meio do canavial.

Não posso definir assim com certeza, mas que tão usando, tão.

Porque o pessoal que trabalha pro fornecedor, eu posso até falar deles, comenta bastante sobre isso.

Aqui eu nunca ouvi falar. Eu não posso falar nada, porque eu nunca ouvi falar.

Tá usando. Ah, tá assim, lá em Mineiros tá dominado.

Na cidade, eu acho que está dominada já, você passa você vê a rapaziada fumando, molecada nova, aliás, tem que ser amigo de todo mundo, porque hoje em dia quem usa isso é perigoso perder a vida.

Então tem que ser colega de todo mundo, tratar todo mundo bem, e lá, atrás da minha casa tem um comboio, tem acho que de tudo de 18, 17, 15, 13, tudo fuma droga, todos.

Trabalham na roça. São, mas aí é mais dos fornecedores, né?”

E porque você acha que eles estão usando drogas?

“Eu não consigo falar.

Eu acho que não é o trabalho, eu acho que o trabalho ocupa a mente da gente, se eu sou uma pessoa, um cidadão honesto, eu não faria isso. Procurar uma meta pra pode fugir desse problema de droga, a não viver, se misturar com essas pessoas, evitar não ter tanto acesso com eles, não é porque é meu amigo, é meu melhor amigo, se ele mexe com isso, eu vou tentar evitar, porque se não eu posso me afundar junto com ele, e quem mexe com isso só que afundá você, não vai te aconselhar a cá fora, não faz isso, eles que que você usa também.

Ele que afundá os amigo dele também. Então eu acho que é desgosto de família, falta de carinho, falta de atenção, de conversar, de um pai sentá assim com o filho, falá se fizé assim, contá como é que é a vida, ensiná pra ele, né, o que ele sabe, né, então, os pais hoje em dia não tão ensinando isso pros filho, os filho estão aprendendo na rua, estão sendo educado na rua, não em casa, os pais não tá tendo tempo, e os filhos de hoje são muito rebelde, enfrenta os pais, domina, que batê, quem mexe com isso então, Deus me livre!!

Eu acho que talvez sim, né, talvez envolve um pouco, né, mas como eu falei procê, tá tudo dominado, porque as polícias são os próprios exemplos, o exemplo que tá dando pro pessoal, isso eu posso falar, porque isso eu já vi na minha cidade, policiais mesmo, trabalhando com pessoas, são da parada de traficantes mesmo, vende mesmo droga, e a gente conversava, as polícias fuma com a gente, compra da gente, então eles mesmos dão mal exemplo, então eles não pode chegá, pegá a gente, espancá a gente, porque se eles fazê isso tão nas nossa mão também, então é eles por eles, né.

Sabe porque que dá pra saber, porque o meu vizinho ele mexe com isso, ele trabalha pro fornecedor, ele foi drogado no trabalho, ele contou pra mim, aí chegou lá o turmeiro mandou ele fazê tal serviço, o turmeiro foi gritá com ele, ele enfrentar o turmeiro e disse se o turmeiro enchesse o saco que dava uma facãozada no turmeiro ali mesmo, acabava com o turmeiro ali, e não tava nem aí cá vida, aí o turmeiro foi lá, começou a agradá ele e tudo, disse ó rapaz, esquece isso pá, aí ele falou assim que o turmeiro pegô ele fumando droga, só que o turmeiro não fez nada com medo, não teve coragem de mandá ele embora, ainda o cara falou assim, você vai pagá o meu dia que eu fiquei parado ainda, aí eu não sei o que aconteceu, se ele pagou ou não, o menino enfrentou ele na roça, e ele tem medo desse moleque. É, tem medo.

E não é só ele, da turma dele que mexe com droga, tem mais gente da turma dele, então ele deve sabê... praticamente é um caminhão de refugio que tá ali, só refugio.

Só ri e não faz nada, então eles que...digamos que eles que, comandar a roça, pra isso tem o fiscal na roça, pra comanda a gente... então se o turmeiro pega e faz o serviço a pessoa não faz, como que o turmeiro pode pegá ela o ano que vem, se ele não passa no primeiro teste, como que ele que se bem atendido se ele não atende o turmeiro, dá desgosto fica com uma pessoa dessa na roça.”

Você já ouviu alguém dizer que cortador de cana está usando drogas, principalmente o crack?

Maria:

“Eu já vi falar, mas eu nunca vi não.

Já ouvi falar.

Eu já ouvi falar, sim, que cortador de cana usa ela né, mas eu nunca vi.

É, eu já ouvi falar que no município aqui por aqui eles, muitos usam mesmo.

Acho que sim, mas eu nunca vi não, mas eu vejo o povo falando”.

E porque você acha que eles estão usando drogas?

“O que que eu posso dizer? Eu como evangélica, eu acho que um pouco é falta de Deus.

Ah, eu acho assim, se as pessoas têm a cabeça boa, não vai partir pra um lado mau pra poder desabafar o que eles sentem. Eu penso assim. As pessoas têm que pensar nas conseqüências, né, no que que adiante você se drogar, tudo porque falta dinheiro, porque falta uma coisa e outra, não adianta, acho que as coisas se torna difícil”.

Você já ouviu alguém dizer que cortador de cana está usando drogas, principalmente o crack?

César:

“Olha, que eu saiba, eu não...,conheço muitos amigos meus que fumam isso, mas eu não mexo com essas coisas, mas não sei se eles mexem com crack, cocaína mais, acho que com maconha eles mexem, maconha eles mexem, porque tem uns que só trabalham se for com drogas, outros só trabalham se beber um pouco, cada um, cada pessoa tem...

São cortadores de cana.

Alguns é da Usina X, alguns não.

No próprio canavial. Antes de começar o serviço. Passou um perto de você assim.

Ah, isso aí eu não tô muito por dentro, mais... Eu acho que...eles fazem alguma coisa, né, pra trabalhá, eu acho eles...”.

E porque você acha que eles estão usando drogas?

“É pra trabalhar... Pra rendê mais. Porque pessoas desse jeito, um amigo meu mesmo, eu já perguntei pra ele, que graça tem ficar assim, falô: “Ah, se dá animação, dá vontade”, se fala assim: “eu vou matar esse cara”, ele pega e mata, não tá nem aí. Só que ele fala: “eu vou trabalhar”, ele vai trabalhar mesmo. Ele arregaça a coisa.

Mas, mesmo assim, até a maconha, ela vai acabando com o corpo da pessoa.

Isso. Em geral, como bebida, tudo... Acaba tudo.

As duas coisa ...

As duas coisas? Pra produzir mais e também por causa do trabalho

Isso.

Fornecedor:

Você já ouviu alguém dizer que cortador de cana está usando drogas, principalmente o crack?

Clara:

“Ah, isso daí pra todo lugar tem, menina, viche. Isso daí se a gente for fala serve até pra briga. Aqui eu não sei porque eu não vou atrás disso daí, mas todo lugar deve tê, né?”

Eu ouvi fala, sim.

Ouvi, acharam na roça, né?”

É, eu ouvi fala, sim.

Ah, Muitas turma assim falam sim, das veis até na rua fala: “Olha naquela turma lá em tal lugar, você viu?” Negócio de droga. A gente escuta falá em todos os lugar, menina. Aqui até agora...”

E porque você acha que eles estão usando drogas?

“Sei lá não. Deve te não. Todo lugar tem, se não tivé eles ficam louco, não.

Porque. Por causa do ganho, né? Eu acho que é por causa do ganho, porque se você tem o dinheiro, a comida pra você come, o seu dinheiro pra você, você tendo a regalia, não digo tudo, você não tendo, pouco pra você ter, ninguém vai mexer com isso, eu acho que ninguém vai.

É lógico. Você tendo um ganho pra você se sustentar, pra você comprá seu sapato, das veis o coitadinho não tem, fala: “poxa vida,

aquela lá não tem sapato, tem isso, porque que eu não tenho? Eu vou roubá”. Eu vou, ele se altera, né?

Fica doido e vai lá rouba, que esse tempo teve roubo, porque, porque ele, veja, o próprio colega tem um aparelho de som e ele não pode ter. Lógico, lógico. Cê vê uma colega sua que tem um carro. Cê baba porque ela tem um carro. “Oh, meu Deus, porque eu não tenho? Tô lutando e não tenho.

Eu vou entrar em droga aí eu roubo um pra mim e cabo.

Ahhhh, eu acho que sim. Eu acho que sim porque eles fumam aquilo lá, eles ficam louco. E diz que dá uma fome, né? Falam que dá fome. Deus me livre.

E não pode falá nada porque se eles, vamos supor, você tá drogada né, e vai chamar você a atenção no serviço, ele vai te dar uma facada no cê.

Porque ele não vai ficá rebaixado perto dum colega seu, ele que vê a coisa corre. Depois que ele fez, que passou em frente, ele vai se achar pequeno. Vai fala: “Poxa, o que que eu fiz? Que que eu fui fazer aquilo lá?” Aí já é tarde demais.

Porque a gente vê muita coisa errada menina. Muita coisa errada. Muita coisa. Porque aqui, vamos supor, você tem uma colega, mas ela não é sua colega. Pode ser sua colega, mas não é”.

Você já ouviu alguém dizer que cortador de cana está usando drogas, principalmente o crack?

Antônio:

“Ah, é.

Ichi. Eu sei qual.

Companheiro de Turma.

Ah, Pode até que usa, pra não ver, eles não deixa ver. Mas eles usa.

Eu acho que sim, viu. Existe.

Ô. Como aqui mesmo, tinha. Trabalhou uma semana saiu, mas usava direto também.

Trabalhou uma semana e saiu.

Usava direto.

Existe sim.

Ah, tem muitos que tá sim, viu?

Viche. Não, eu já vi muitos usa também (falou rápido)”.

E porque você acha que eles estão usando drogas?

“Ah, sabe que nem sei, viu. Acho que acostumou mesmo.

Ah, sei lá. Eu acho que muitos pensam que é trabalho, né?

Ah, pra, sabe, pra ...vai se machucar, não haver dor. Coisa assim.

Se Machucar, não haver dor. Acho que é Coisa assim né? Não sentir dor no corpo, trabalha a vontade, não senti dor.

Bom, eu não sei. Eles falam que é assim, né. Eu mesmo não uso.

É, chega uma hora que dói o corpo. Ah, meio-dia, Ih, não tá agüentando mais.

Não tá. Dá 2h00 mesmo, não agüenta mais fazer nada”.

Todos os cortadores de cana entrevistados na pesquisa tinham receio em responder quando perguntados sobre a questão do consumo de drogas entre seus colegas de trabalho. Alguns se omitiam, ficando claro o temor que tinham em abrir o jogo sobre esta questão, e outros diziam que “*não sabiam de nada*”.

O material que consegui nessas entrevistas foi de cortadores que, por meio de uma maior convivência, confiaram na pesquisadora, repassando informações de interesse.

Vitória foi a entrevistada com que tive maior identificação, por isso o trecho da sua entrevista foi maior. Passado alguns meses da pesquisa de campo, Vitória me telefonou e disse que gostaria de ser entrevistada novamente, pois não havia falado tudo o que sabia sobre o consumo do crack, em função do medo de não me conhecer bem. Sendo assim, viajei novamente para Campos Canavial.

Segue abaixo uma rica narrativa de Vitória sobre as questões do consumo do crack por cortadores de cana.

Vitória:

“Lá, onde eu trabalho mesmo, comecei a desconfiar de um pessoal que trabalha perto de mim, né, ele ia sempre assim passeá (ia no meio da cana, cortava 5, 6 metro e saía), aí eu comecei a analisá aquilo, aí

eu achei estranho, porque nunca uma pessoa consegue tantas vezes assim ao mesmo tempo, né, só que eu percebi que ele nem pegava o fósforo na mochila, quem fuma, assim cigarro, não vai fumá no meio da cana, fuma ali na ...

*Entra na cana verde pra fumá. Aí eu estava conversando com um amigo meu, João, aí eu perguntei: “Francisco, posso te fazer uma pergunta? Ele falou assim: “Pode Vitória”. Aí como a gente era superaberto. “Assim, escuta, o José fuma droga?” Ele quis fala não: “Ai ó **Vitória**, eu não vou mentir procê ele fuma, ele traz na roça aqui, ninguém sabe, pelo amor de Deus ninguém sabe mesmo, ele vai assim de minuto em minuto, vai fumá, ele não consegue, está tão acostumado com aquilo, que sem fazer isso, ele não consegue cortar cana,...perde a força, dá dor de cabeça, ele fica assim irritado, então ele precisa ir lá fumá pra pode cortar cana, você pode ver que ele corta superbem cana, mas não é ele que está cortando a cana, é a droga que está cortando pra ele”. Aí ele, né? Aí ele falou assim pra mim: “Ó Vitória, só que ninguém sabe aqui na Usina X, porque ninguém vê ... todo mundo aqui sabe, todo mundo sabe que tem uns par dele que fuma droga, só que ninguém revela, com medo, é lógico que pode prejudicar o seu serviço, porque a Usina X não aceita isso, na firma deles, droga”. “Não, pode ficar tranqüilo, eu não sou nada dele, eu tô trabalhando na minha aqui. Comigo ele está em paz, ele pode fazer o que ele quiser, só que eu acho errado.” Aí eu cheguei nele e perguntei, né: “O José, posso fazê uma pergunta procê? Você fuma, né?” Ele disse: “não, que isso **Vitória**, eu não fumo”. “Claro que você fuma, porque uma pessoa não sai de três em três minutos pra fazê necessidade”. “Não, eu não vou mentir procê, eu estou superviciado, não consigo largar, eu tô ficando muito violento, eu não era assim, você me conhece desde criança, a gente conviveu junto, brincando junto, estudamos juntos, mas tá difícil, eu não consigo mais me controlar, eu me misturei com o pessoal aí ...você tem que fazê o que eles querem porque senão eles te espancam, e eu tô dando de vender pra fora. Eu cheguei nesse ponto, mas não sou eu, eles me obriga a fazer isso, eu sou casado, tenho duas filha, minha mulher ...*

ela não merece isso, ela não merece isso, mas eu não consigo mais me controlar, eu tô perdendo tudo, amor de pai, de mãe, meus três filhos, os meus colegas assim, que não dependentes da droga se afastaram de mim, os que são tão quanto mais se aproximando de mim, tem muitos, e eles estão me obrigando a vender”. Aí ele pegou um dia foi pra cidade X. Chegô lá na Rodoviária ...foi vende ali, foi pego no flagra. Aí daquele dia pra cá, foi no domingo, nunca mais ele voltou, ficou 5 meses na cadeia, levou uma surra que quase mataram ele na cadeia de X, ninguém sabia, aí começaram a sentí falta dele no trabalho tudo, ninguém sabia explicar ... ninguém sabia, aí passou, eu vim saber depois de três meses, que ele estava preso, ele tem o que, ele tem, 18, 20 anos.”

“Quem fumava crack lá era o Manuel.

Ele era assim. Ele ia a semana inteira ... dinheiro pra comprar aquilo lá, o crack, ia, levava, não tinha assim amizade com ninguém, era ele e Deus, não tinha essa, amigo pra tomar café junto, sentar assim junto, ele sentava bem distante da turma, bem longe, aí ele fumava. Uma vez também fui sair, aí peguei ele fumando do outro lado da quadra, aí não teve como ele mentir. Também fiquei com medo, porque ele é um cara muito assim, estranho, ele ameaça as pessoas. Ele era meu vizinho, ele fumava crack e vendia também.

Vendia na cidade. Ele era dependente daquilo, ele conseguia tudo, tudo o que ele tinha, uma roupa boa, um móvel bão, era através do crack.

Agora já o José usava no canavial? Falô que era maconha.

Esse Manuel já abria o jogo. Fumava o que via na frente. O corpo dele necessitava daquilo...o que vinha na frente, encarava tudo.

Quando ele usava, ele era violento pra cortar cana, não tinha...Era difícil pegar uma pessoa pra trabalhá que nem ele. O rendimento dele era muito grande.

O rendimento dele, a produção dele, era muito grande. Então ele ganhava 700, 800, através da...do crack, quando ele não fumava e ia para o trabalho, ele já cortava bem menos, que o corpo dele

necessitava daquilo, ficava muito fraco, não tinha assim força nos braços pra trabalhar. Aí ele faltava, faltava 3, 4, ficava semana sem ir para o trabalho...encontra o crack. Aí ele passou a vendê pra cidade de Rios Dourados e de Casco Quebrado também.

Olha, a turma saía da cidade, ali de Rios Dourados, Campos Canavial mesmo e ia comprar lá na casa dele.

Eu não posso afirmar que eram cortador de cana, que ele saía da roça, bom, tinha muitos dos fornecedores, não só Usina X, fornecedores, também da usina que trabalhava com a gente e ia comprar deles. Os fornecedores. Gatos da Usina X.

É, compravam crack dele. Então vinha pessoas de fora comprar dele, gente também, cortador de cana de Rios Dourados comprar dele.

Comprando com ele, só que ele até agora nunca foi pego. Vinha gente de fora. Uma vez eu sempre chegava tarde às vezes da rua, aí eu encontrava aqueles carrão chic na porta da casa dele que trazia pra ele revende, e é uma segurança imensa ali, ninguém nunca vê polícia ali, nunca vê nada. Depois, aí entrô outro vizinho ali na rua da minha casa que também é cortador de cana, já era da pesada mesmo, esse já havia espalhado pra todo mundo, tanto mulher como homem, ia lá compra, lotava. Ele ganhava dinheiro assim muito fácil, ele pagava aluguel sem trabalhar. E cortava cana, só que ele faltava mais do que ia.

O Manuel e o José cortavam cana na Usina X. E o outro era do fornecedor.

Vi outras pessoas usando. Só que você vê e não pode fazer nada né. Você não pode denunciar eles e nem ficar contra eles, tem que aceitá tudo.

Nessa turma que eu tô agora, nessa firma que eu tô trabalhando agora, assim, dentro do ônibus mesmo no fundão a gente vindo embora pra casa, tinha gente no fundão fumando, nem respeita o pessoal da frente.

Incendeia o ônibus, ainda...fica exigindo que é pra deixar a janela fechada, o motorista é muito medroso...

Eu não olho pra trás, porque eu tenho medo, porque eles são muito mal...sabe, sei lá, eles são muito estranho, eles olham feio pra você assim...

O Manuel não trabalha mais na Usina, porque ele teve muita falta, né, então não tem mais... cortaram ele, nem sonhando ele entra na Usina X. Mas nunca foi flagrado, nunca.

Ninguém nunca falou nada, porque não tem provas, né? Agora a gente que trabalha igual a ele que trabalha ali, pra gente é normal aquilo, porque se você denuncia você se prejudica, se você fala se prejudica, se for abrir um BO contra eles você é prejudicado. Você não tem saída, você tem que aceitá. Então ele é uma pessoa normal. Hoje ele tá lá, corta cana pra fornecedores, vai quando qué, quando não qué falta, ele depende disso, ele vende isso daí, então...

E porque que você acha que está acontecendo isso, até no próprio canavial eles estão usando droga?

Eu acho porque isso já tomou conta de meio mundo, pra mim isso daí deveria ser liberado já, e os próprios policial tão dando mal exemplo, né?

Os próprio policial, principalmente aqui de Campos Canavial também. Aqui só uns que eu já cheguei a pegar. É policial saindo de noite aqui e indo lá nos canaviais que têm aqui pra cima, em Coqueiros, fumá. Já peguei três vezes. Porque uma vez eu vinha vindo da minha mãe, eu e meu namorado, e a gente veio por dentro, né, acho muito longe dar a volta no trevo lá, então vamos cortar aqui por Coqueiros, sai mais perto, né, e assim que eu tava vindo, os policial tava indo, chegou nas duas entradas do canavial eles pararam o carro, apagaram as luzes, e eles tavam fumando, meu namorado pegou umas 4 vezes. Vamos supor que acontece um acidente, qualquer coisa aqui na cidade, você não acha um policial.

Fica tudo escondido. Então eu acho que isso, quando você está ... isso, é uma maneira fácil de ganhar dinheiro, então uns vendem os cabeças de fora, olha: “você não precisa trabalhar, você precisa fazê

isso, você ganha dinheiro fácil, é só você fazer isso, você tira sua vida numa boa, você não precisa de luxo, não precisa sofrer, né”. Então as pessoas, as cabeças aqui, eles não tem cabeça pra pensar, eles caem fácil por necessidade. Não a maioria, aliás, a maioria tá fumando droga.

Aqui em Campos Canavial tá feio, a violência, as meninas de 13, 14 anos tá terrível. A maioria. Então como isso está tomando conta de tudo, eles não tão sabendo se controlar, não tem assim uma amizade mais boa, que aquele é minha amiga, meu amigo ele fuma, uma pessoa decente é difícil você encontrar mais, tanto filho de papai quanto gente pobre, cortador de cana, tomou conta, espalhou, a escola, tanto a escola...

Ele corta mais...usando crack. Ele fica mais,...mais violenta, mais elétrico?

O Manuel *fica quieto na dele lá. Eles corta uma cana que é coisa de louco. Você fica até assim admirado, você acha bonito ver o pessoal, só que eu comecei a desconfiar assim, porque não é normal a pessoa cortar assim, se for uma cana ruim ele não encontra saída, tá tudo enrolado ali, você fica, como eu vou fazer, eles não, eles acham aquilo uma moleza e vai, sabe, não tem dificuldade nem de um lado nem do outro, eles vão, quanto mais eles vão eles ficam mais distante da turma, eles não que aproximar o pessoal canavieiro perto deles. Quanto mais longe, pra eles fumá, porque aí eles dá uma descansadinha, fuma, dá outra descansadinha, fuma, e vai indo pra frente. Eles não são de perder tempo. Eles não perdem tempo pra nada.*

Eu...uma vez eu perguntei porque pra esse Manuel o que ele acha de droga, né, ele falou pra mim, é super dez, é gostoso, me faz bem, sabe, faz bem pro meu ego, eu gosto disso, eu vivo disso, e não vou largar disso. Acho que desde dos 16 anos. Acho que hoje ele tá com uns 25.

A mulher dele também se envolveu com isso, trabalha na roça também. Usa crack também junto com ele. Ela fica louca. Tem dia que ele chega a quebrar a casa inteira, depois não dá uma semana a casa tá mobiliada inteirinha.

Quem vier na casa dele compra. Vem de fora, da região...É tudo na casa dele. E lá é assim, se comprá e não pagá... Morre. Ainda não aconteceu isto aqui em Mineiros, mas é linchado ou paga...Ele já chegô a tomá de pessoa assim, na rua, bicicleta, televisão, videocassete, por 5 real, chegou a entrar na casa do peão e tomá, sabe, ou paga ou perde. Tem que pagá com objeto ou com dinheiro, ou você apanha.

Meu outro vizinho também, se envolveu com uma turma da pesada, tem um grupo assim na rua da minha casa, se você for lá você fica admirada, tem um bar assim, é assim de maconheiro, ali rola tudo. Ali rola tudo, e quem bobeá apanha ali, fica pertinho da minha casa. Então tem um rapazinho, sabe, que ele vendeu, ele foi pego, foi espancado, ele roubou, e chegou hoje da cadeia e apanhou pra caramba, quase mataram ele. Ele tem o que, 22 anos. Quase mataram, só que ele não entregou os cara, porque ameaçaram ele de morte, se ele falá ele morre, ele apanhou tanto ... Aí desconfiaram de um, parece que uma pessoa que entregou, e hoje ele é ameaçado, ele não sai do portão pra rua. Só que ele fez tudo o que tinha direito, injeta na veia, ele fez tudo, eu sei que o pior de tudo é quando você injeta.

Ele tentou matá a mãe dele umas quinze vezes. A mãe dele...Já chegou bebinho aqui na casa dos vizinhos ...

Tem mais gente que usa. Aquele de Coqueiros, agora eu não lembro o nome dele, ele também usa. Eu acho que é crack. Ele é da minha turma.

Olha, não na Usina X, porque lá, quando você faz a coisa pára, você fumou um cigarro lá, parô. Lá eles não perdoa, não pode passa nada lá. Eles não aceita mesmo, agora fornecedor, eles falam não, mas o pessoal não obedece, os homem manda, né? O não deles é um sim, ali rola pinga, rola tudo.

Eu não sei falá com detalhe procê, que nem como eu falei procê, que é difícil eu se virá pra trás, porque eles pode mandá uma resposta procê que você não vai gostá, às vezes pode chega até a agredir você dentro do caminhão. É perigoso demais.

Tem que aceitá, o cheiro é insuportável ali, tá te fazendo mal, e você tem que aceitá, o turmeiro não toma uma rédea lá dentro, não fala nada, acho que tem medo também.

Olha, o Manuel falou pra mim assim que é assim, o que ele ganha, eu tou falando do Manuel, o que ele ganha assim,...mais é melhor pra ele, mas não é tanto pela pobreza, é a necessidade do crack, pra poder comprá ele. Tinha dias, às vezes, o pagamento dele, às vezes, tinha meses que o pagamento dele inteiro ia só pra isso, pra crack, ele deixava de pagar aluguel, comprá leite da filha dele, mas comprava o crack ...pagava tudo no crack e vendia pros grandão, pros cabeça, e deixava de pagar aluguel, deixava de tudo.

Eu acho que tomou conta do canavial. As únicas pessoas que não sabem são os usineiros.

Só o turmeiro que sabe, porque eles (usineiros) não saem lá do escritório deles pra ir lá. É difícil.

Eu acho que os fornecedores sabem mais do que os usineiros.

A Usina X faz um trabalho muito interessante, eu acho muito bonito, até hoje nunca conheci uma firma que faz trabalho igual eles sobre a droga, eles tanto procuram as escolas da região, né, que nem começou a escola agora, acho que daqui a um mês, quinze dias, eles estão lá na escola dando palestra, explicando, eles trazem pessoas de fora. Eles levam o conhecimento deles nas escola. No trabalho também. Então talvez, o que tá acontecendo no canavieiro eles não sabem.

Já o fornecedor não tem, porque eu trabalhei também, agora em dezembro, não, agora em janeiro, numa firma aí, Santa Gertrudes ...Aí meu Deus do Céu. Eu acho que Santa Gertrudes, eu trabalhei, perto de um pessoal de Mesquita, e a maioria daquela turma fuma crack, a maioria, tudo homem, eles cortavam cana sem camisa, só de calça e facão e luva na mão. Sentava assim, o horário de café é uma hora, pra eles era duas horas, duas horas e meia. E o turmeiro não falava nada, quer dizer, pra mim, o turmeiro e o pessoal de lá têm envolvimento com aquilo. Em Mesquita.

Tavam usando crack sim, porque um chegou pedindo fósforo pra mim e eu não tinha e ele nem falou obrigado nem nada, só você tem ou não tem. Eu fiquei com medo, falei, eu não tenho, fiquei até com medo de tomar café, eu tava deitada eu levantei, sentei. Muito grande a movimentação entre eles.

Eles... em roda no garrafão, jogando baralho, não dá pra se aproximar, porque eles são assim, o olhar deles dá medo. A gente... se pergunta né, nossa!!! O turmeiro aceita isso? Nossa! Nunca conheci um turmeiro assim. Aceitar isso na turma. O horário do café é uma hora, eles estão duas horas e meia sentados aí.

Tanto é que eu só trabalhei, só entrei na firma, só fiquei um dia, não voltei mais. Fiquei com medo porque eu achei muito estranho aquele pessoal.

E a impressão que eu tenho dessa turma aí, eu falei com minha mãe, né, quando chegou a tarde, trouxe o meu facão, a minha ferramenta: “Mesquita, mas não vou voltar mais, aquele ambiente não é pra mim”.

O duro é que eles não cortavam cana, sentava mais do que trabalhava. A gente chegou a acabar o nosso canavial e fomos obrigados a ajudar eles a acabar o deles. Era pesado mesmo.

Falavam muita besteira, né? Entre eles ali. Falava dos rolos, das mulheres, muita besteira entre eles. E o turmeiro na dele, andava, passava, bem normal. Porque na usina, os fiscais acompanha as turmas ali. São os fiscais que acompanha o trabalho da gente, e pra fornecedor, nesse que eu fui, só tinha gato. Não tinha um fiscal. Então ali você fazia tudo o que você tinha direito. Não tinha uma lei rigorosa lá. Você ia cortar sua cana ali, chega lá, corta pra cá, ponta pra lá, não precisava nem cortá.

Perspectivas na Prevenção das Drogas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que estão mais propensos ao uso de drogas pessoas:

- sem informações adequadas sobre os efeitos das drogas;
- com uma saúde deficiente;
- insatisfeitas com sua qualidade de vida;
- com personalidade vulnerável ou com problemas de integração social;
- com fácil acesso às drogas.¹⁷⁷

Esses pontos apresentados pela OMS sobre o perfil das pessoas que estão mais propensas a consumirem drogas encaixam-se de certo modo no que temos hoje em relação aos usuários de drogas no universo das populações rurais do estado de São Paulo. Quer dizer: ausência de esclarecimentos necessários em relação ao uso de drogas por parte das autoridades de saúde pública; a saúde de muitos trabalhadores encontra-se comprometida em função da má alimentação e grande desgaste físico no trabalho, não repondo as vitaminas e sais minerais necessários ao corpo humano; insatisfação com o trabalho em função da exploração da mão-de-obra, sem acesso a terra e a produção que ela provém; problemas de integração nos diferentes grupos sociais, principalmente nas áreas urbanas, provenientes dos estigmas que trazem historicamente; e a grande facilidade de acesso à droga, pois, de acordo com a matéria de jornal que integra esta pesquisa, a rota do tráfico de drogas, denominada “*rota caipira*”, atua nos muitos canaviais, pela falta de fiscalização das autoridades competentes e facilidade na distribuição das drogas para todo o estado de São Paulo. Sabe-se também que o cultivo de drogas como a maconha é realizado em muitas terras de produtores na base da coação. São obrigados, pela rede do tráfico de drogas, em troca de não sofrerem represálias e atentados contra sua vida e de sua família. Diante dessas dificuldades, parece ser impossível trabalhar ações preventivas ao uso de drogas no campo, mas o pouco que podemos fazer muitas vezes pode significar grande diferença na vida dessas populações, esquecidas há muito tempo pelas autoridades públicas.

¹⁷⁷Nappo, S. A., e Noto, A. R., *Cocaína: Crack, Merla e Pó*, 1998.

Em primeiro lugar, é necessário diluir a idéia, nessas comunidades que vivenciam esse problema, de que existem “*receitas ou modelos prontos*” no tratamento da dependência física e psicológica de drogas.

Antes de realizar qualquer tipo de prevenção em qualquer grupo ou comunidade, é necessário conhecer a população, suas necessidades, organização, valores, normas, etc. A partir desse conhecimento, dessa interação, é que se poderá fazer uma avaliação de suas necessidades e problemas mais freqüentes. Esse diagnóstico contribuirá para a escolha do tipo de prevenção (primária, secundária ou terciária) que deve ser trabalhado na comunidade em questão, envolvendo os diversos profissionais que atuam nas áreas da saúde e social, bem como toda a comunidade, estimulando a participação dos vários segmentos que a integram, como associações de bairro, sindicatos, igrejas, escolas, redes de saúde, etc., aproveitando o auxílio dessas estruturas nas estratégias a serem desenvolvidas. É importante, também, desfazer idéias distorcidas que esses próprios segmentos possam ter em relação as drogas, contribuindo na tentativa de livrar os usuários de uma dada comunidade dos estigmas impostos pela sociedade.

Esse procedimento auxilia também para que a família do usuário aproxime-se desses programas, compreenda os vários aspectos que envolvem a dependência das drogas, fazendo com que seus parentes livrem-se o mais rápido possível delas.

Esses procedimentos mencionados vão ao encontro do que os fenomenólogos que atuam na área da saúde consideram a respeito da cura em que a base está nos “*valores, símbolos e sistemas de significados compartilhados nos seus grupos de referência.*”¹⁷⁸ Esses grupos de referência irão proteger os indivíduos contra as “*grandes estruturas impessoais e anônimas*”¹⁷⁹ em que Schutz comenta, *eles se tornam um número. Advogam portanto uma reforma do sistema de saúde que leve em conta os valores culturais dos grupos, seus mediadores (os pequenos grupos) e seus ecossistemas.*”¹⁸⁰

Desse modo, desenvolve-se uma visão holística a respeito da concepção do binômio saúde/doença, alinhada nos seguintes pontos:

¹⁷⁸ Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1999, pg. 61.

¹⁷⁹ Idem, pg.61.

¹⁸⁰ Idem, pg.61.

- a) *“a saúde tem que ser pensada como um bem-estar integral: físico, mental, social e espiritual;*
- b) *os indivíduos devem assumir uma responsabilidade inalienável frente às questões de sua saúde;*
- c) *as práticas da medicina holística devem ajudar as pessoas a desenvolver atitudes, disposições, hábitos e prática que promovam seu bem-estar integral;*
- d) *o sistema de saúde deve ser reorientado para tratar das causas ambientais, comportamentais e sociais que provocam a doença;*
- e) *as pessoas devem se voltar para a harmonia com a natureza, utilizar práticas e meios naturais de tratamento.”*¹⁸¹

Os resultados concretos, a partir das concepções fenomenológicas sobre a área da saúde, têm demonstrado:

- f) *“um questionamento sobre o papel do Estado e das grandes instituições médicas;*
- g) *incremento dos pequenos grupos privados e voluntários referentes à questão da saúde;*
- h) *reconhecimento de modalidades alternativas de expressão e de tratamento de saúde;*
- i) *aparecimento de novas formas institucionalizadas de saúde pública combinadas com associações voluntárias; atenção primária; autocuidado; uso da medicina tradicional; participação comunitária; educação e saúde vinculadas à pesquisa-ação.”*¹⁸²

¹⁸¹ Mynaio, M.C. de Souza, O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde. Ed. Hucitec – Abrasco, 1999, pg. 62.

¹⁸² Idem, pg. 62.

Enfim, as idéias expressas em relação às perspectivas de prevenção ao abuso de drogas, fenômeno que pode ocorrer em diversos grupos e comunidades que integram nossa sociedade, poderão servir de tentativa para abrir a discussão e criar subsídios não apenas para a realização de ações preventivas, mas também alternativas mais sensíveis nos aspectos curativos que envolvem a presente questão.

Considerações Finais

“Ah, eu desejava ter um sítio meu. Né, pra mim acordar cedo e ir trabalhar ali no meu cantinho”

Sra. Aparecida: Desejo pela terra. Terra sagrada de onde provêm seu trabalho e seu sustento.

A partir das questões apresentadas nos capítulos que compõem esta dissertação: a formação histórica da agroindústria canavieira; a crescente miséria e desqualificação profissional dos trabalhadores rurais; os aspectos históricos e culturais do homem do campo, importantes na construção da identidade brasileira, porém não valorizados em função dos conceitos que a modernidade criou no decorrer dos anos, incluindo o aspecto do consumo de drogas como marca da diferença entre as pessoas, temos uma questão aberta na discussão do presente fenômeno (crack), qual seja: O crack é um sintoma ou um problema?

Para tecer considerações a esse respeito, faz-se necessário entendermos o que significa as palavras problema e sintoma no sentido literal.

Problema

“Situação que ameaça certos valores básicos e culturais causados pelos desajustes individuais às normas adotadas ou falhas existentes na própria estrutura social”. (Dicionário Michaelis)

Sintoma

“Fenômeno das funções ou da constituição material dos órgãos, próprio para indicar a existência, a sede e a natureza de uma enfermidade”.

“Indício de um estado ou de mudanças ocultas”. (Dicionário Michaelis)

A partir destas definições, percebemos que *problema* é um fenômeno externo que introduz-se na ordem normal das coisas causando uma desestruturação, uma ruptura das normas e regras vigentes, construídas em uma dada comunidade no decorrer dos anos.

Já o significado de *sintoma* traz-nos um sinal, um vestígio de mudanças numa dada estrutura. O sintoma revela aos seres humanos que algo diferente está acontecendo em seus organismos, fora dos parâmetros da normalidade. A partir de tais sintomas, faz-se um diagnóstico para saber a causa destes sinais, para posteriormente investigar quais os problemas que estão ocasionando tais mudanças no organismo.

Muitas vezes, a partir de um sintoma tem-se revelado o princípio de uma doença a qual quando tratada no início, poderia vir a ser curada.

O *sintoma*, no aspecto social abordado nesta pesquisa, movimenta-se em função de um *problema*, desarranjando os princípios estabelecidos pelos diferentes grupos ou comunidades em questão. A introdução de algo novo (estranho) faz com que as pessoas pertencentes a esse grupo levem um tempo para compreender tais acontecimentos referentes a esse novo elemento.

Seguindo tal linha de raciocínio, poderíamos dizer que o consumo de crack por cortadores de cana, pessoas de origem rural, é um problema na sua ordem social, e o sintoma seria o reflexo dos vários elementos externos incorporados em suas práticas cotidianas.

As conseqüências desses problemas podem decorrer do trabalho na cana-de-açúcar, devido aos índices de produtividade exigidos pelas usinas e fornecedores, situações de insalubridade no ambiente de trabalho, falta de conhecimento da importância de suas atividades profissionais na estrutura da agroindústria canavieira, aos estigmas atribuídos ao homem do campo em função da sua cultura, modo de vida, etc. Depois, à imagem que lhe criaram comparando-o ao homem da cidade, introduzindo em suas mentes os conceitos de bom e ruim, e, a partir disso, o outro, o diferente é belo, inteligente, educado, comparado a esses trabalhadores.

Há também fatores relacionados à freqüente expropriação de suas terras, de seus instrumentos de trabalho, de sua sobrevivência, episódio na história brasileira que gerou muita violência no campo, pois não havia como se opor às idéias determinadas pelo Estado, que iam ao encontro dos interesses dos grandes latifundiários e empresários rurais. Atualmente, muitos não têm casa, terra para plantar, utensílios, passam necessidades trabalhando apenas para se manter em pé.

A ausência dos recursos públicos na assistência às populações rurais faz com que informações e esclarecimentos sobre diversas questões, principalmente a droga, não cheguem ao conhecimento desses indivíduos.

Forçados a mudar para a periferia das cidades, obrigados a adotar lógicas pertencentes ao espaço urbano, em função da mudança de seus cotidianos. Poderíamos dizer que todos esses problemas provocaram um sintoma, e o fato de se tornarem dependentes de drogas já é uma doença. O fato de consumirem drogas pode ser uma forma de serem aceitos e incluídos em qualquer grupo social.

Esta situação pode ser explicada pelo que denominei **princípio liberal negativo**, em que não há restrições para as diversas pessoas incluírem-se nesse novo segmento, pois a droga traz em si o aspecto “democrático”: ninguém sofrerá qualquer tipo de rejeição, como ocorre muitas vezes em outros segmentos sociais que o indivíduo deseja inserir-se. A droga não exclui em função das condições sociais que o indivíduo possui; ao contrário, é bem aceito no comércio de drogas em função do pouco recurso financeiro que obtém do trabalho na cana.

A partir da inserção nesses grupos, inicia-se um estágio diferente, transformando tais sintomas em doenças físicas e psicológicas.

O sintoma não deixa de pertencer a um problema, então, acredito que a presente indagação não se afirma propriamente nem em uma nem em outra, e sim nas duas, ou seja, o problema é a causa e o sintoma é uma consequência.

Muitos dizem que o indivíduo que consome drogas é um indivíduo alienado, que já perdeu o raciocínio lógico, a diferença entre o que é certo e errado, etc. Mas a droga não tornou esse indivíduo num ser alienado, ela só vem a contribuir para que esse processo seja acelerado. A partir do não-reconhecimento de sua função na esfera social, da produção de uma identidade negativa, restrição e acesso a informações, não reconhecimento ou valorização de sua origem, etc., temos um sujeito alienado socialmente, e a droga faz com que o indivíduo se distancie cada vez mais dessas questões, tornando-o realmente em um alienado em todos os sentidos, rejeitando até, muitas vezes, assistência, ajuda para tais problemas, impedindo que haja um salto positivo e sua identidade verdadeira venha a ser revelada.

Enfim, o crack é um sintoma a partir de vários problemas sociais que surgiram entre as populações rurais, e o estágio em que se encontra atualmente já se caracterizou numa doença crônica, que é a dependência física e psicológica desta droga.

Anexo

Roteiro de Entrevistas

1) *PROFISSIONAIS*

Prof. Dr. Igor Vassilieff – CEATOX/UNESP – Botucatu, Dra. Eliete – Psicóloga, Sr. Francisco – Coordenador do Sindicato Rural Patronal de São Manuel, Sr. Valter – Pastor da Igreja Assembléia de Deus e Presidente do DEJOB – Desafio Jovem/Botucatu, Sr. Mauro – Presidente da FETAESP.

- 1) No final de 1997, assisti a uma série de reportagens no Jornal Nacional da emissora de TV Rede Globo, sobre cortadores de cana do município de Igarapu do Tietê, Estado de São Paulo, consumindo uma droga conhecida como crack. O Sr.(a) poderia, antes de iniciar nossa entrevista a esse respeito, situar exatamente o mês e confirmar o ano dessas reportagens?
- 2) O Sr. (a) poderia nos dizer como a mídia tomou conhecimento desse fato, e como foi o contato dessa emissora ?
- 3) O Sr. (a) saberia nos dizer desde quando os cortadores de cana da região vêm usando crack?
- 4) Quantos trabalhadores no corte de cana já passaram pelo CEATOX, para atendimento e encaminhamento? (**Dr. Igor e Dra. Eliete**)
- 5) Além de Igarapu do Tietê, há registro de cortadores de cana dependentes do crack em outros municípios? Quais são esses municípios?
- 6) O Sr. (a) saberia dizer qual o perfil desses trabalhadores, além de trabalhar no corte de cana-de-açúcar?
- 7) São na maioria homens ou mulheres? E qual a faixa etária desses trabalhadores?
- 8) Qual é o tipo de tratamento que o CEATOX oferece a esses trabalhadores? (**Dr. Igor e Dra. Eliete**)

- 9) Existe encaminhamento para outros centros de saúde? Quais são? (**Dr. Igor e Dra. Eleite**)
- 10) Como profissional da área da saúde, e também da área rural, qual a explicação que atribuiria para os cortadores de cana estarem consumindo crack?
- 11) E como um cidadão comum, qual seria a sua interpretação a esse respeito? O Sr.(a) teria outra resposta sem se basear no fato de ser: Médico e especialista na área de toxicologia, Psicóloga, Coordenador do Sindicato Rural Patronal, Presidente da FETAESP e Presidente do DEJOB?
- 12) O Sr. (a) poderia falar quais são os danos causados fisicamente e psicologicamente pelo crack? (**Dr. Igor e Dra. Eliete**)
- 13) E o aspecto social? O (a) Sr. (a) acha que também contribuiu para os cortadores de cana estarem consumindo crack?
- 14) Esse fenômeno foi divulgado em 1997. Hoje o (a) Sr. (a) saberia nos dar um panorama de como está o consumo de crack entre os cortadores de cana?
- 15) Se o índice de usuários aumentou, o Sr. (a) saberia nos dizer, em porcentagem, esse aumento?

2) **CORTADORES DE CANA**

*História de Vida*¹⁸³

- 1) Onde você nasceu? (município)
- 2) Quantos anos você tem?
- 3) Com quantos anos começou a trabalhar na roça?
- 4) Sempre trabalhou na zona rural? (corte de cana)
- 5) Seus pais também eram trabalhadores rurais?
- 6) Onde eles nasceram? (município)
- 7) Quantos irmãos você tem?
- 8) Eles também trabalham no corte de cana?
- 9) Há diferenças em relação ao trabalho no corte de cana na cidade (Estado) em que mora e aqui em Rios Dourados e Campos Canavial (S.P)? – *Migrantes do Norte de Minas e Alagoas*.
- 10) Ainda existem moradores na zona rural no seu Estado? - *Migrantes*
- 11) Como é o ritmo de vida na cidade (Estado) onde você nasceu? – *Migrantes*
- 12) Como vocês estão alojados aqui em São Paulo?
- 13) Você tem registro na carteira profissional ou trabalha aqui como autônomo?
- 14) Como é o seu dia de trabalho? Que horas começa e acaba o trabalho?
- 15) Que horas você almoça e faz o lanche da tarde?
- 16) A sua comida é composta de quais alimentos?

¹⁸³ Buscou-se nas entrevistas obter relatos dos cortadores de cana em relação às suas histórias de vida, utilizando o método de entrevistas semi-estruturadas, ou seja, um questionário mais aberto para aproveitar todos os momentos de suas falas. Já em relação às perguntas sobre o uso de drogas, principalmente o crack, seguiu-se com perguntas mais fechadas, centrando nas respostas que a pesquisadora buscava em seu trabalho.

- 17) Qual o período de trabalho no corte de cana?
- 18) E, quando acaba a safra, o que você faz nos outros meses para sobreviver?
- 19) Quantas toneladas você corta por dia?
- 20) Quanto você ganha por mês em média?
- 21) Existem cortadores de cana que trabalham sem registro em carteira?
- 22) Você já teve algum acidente de trabalho?
- 23) Quais os problemas de saúde que você teve em função de trabalhar no corte de cana?
- 24) Você pode contar um pouco da sua história de vida, da sua família, de seu cotidiano?
- 25) Eu fiquei sabendo que em 97 teve um caso em Igarapu do Tietê em que cortadores de cana estavam usando drogas, principalmente aquela chamada crack. Você tem conhecimento disso ou já ouviu falar?
- 26) Existem realmente cortadores de cana usando drogas, especialmente esta?
- 27) Eles usam no próprio canavial?
- 28) Eles consomem a droga perto de outros cortadores de cana?
- 29) Como eles ficam sob o efeito da droga?
- 30) Porque você acha que alguns cortadores de cana estão consumindo drogas (crack)?
- 31) Você acha que tem relação com o trabalho, para suportar o ritmo e produzir mais no corte de cana, ou com o tipo de vida sacrificado que os trabalhadores rurais levam?
- 32) Você tem algum desejo, sonho que gostaria de realizar?
- 33) Conte-me sobre esse sonho, este desejo?

Bibliografia

Andrade Neto, J. C. X. de, O Estado e a Agroindústria Canavieira no Nordeste Oriental. Tese de Doutorado – USP, 1990.

Andrade, M. C. de, Modernização e Pobreza na Agroindústria Canavieira; Ed. UNESP, 1994.

Araújo Filho, J. R., Santos: O Porto do Café; Fundação IBGE, 1969.

Baptistella, C. da S. L., Francisco, V. L. F. dos S., Vicente, M. C. M., O Trabalho Volante: uma análise do emprego num período de transição no campo paulista. Informações Econômicas, 2000.

Barban, V. A., O Trabalhador Rural na Agroindústria Canavieira Empresarial no Estado de S. Paulo. Dissertação de Mestrado – USP, 1989.

Barbosa, F. C., Mercado de Trabalho de Migrantes Nordestinos: os empregados de edifício no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado - UFF, 1997.

Berger, P., Luckmann, T., A Construção Social da Realidade; Ed. Vozes, 1998.

Bounard, P., O Lugar da Etnografia nas Epistemologias Construtivistas. Revista de Psicologia Volume 1, Número 2, nov. 99. UEL.

Brandão, C. R., Os Caipiras de São Paulo; Ed. Brasiliense, 1983.

Bueno, A. e Goes, F., O Que é Geração Beat; Ed. Brasiliense, 1984.

Cândido, A., Os Parceiros do Rio Bonito; Ed. Duas Cidades, 1987.

Carli, G. de, Gênese e Evolução da Indústria Açucareira de S. Paulo; Ed. Irmãos Pongetti, 1943.

Ciampa, A. da C., A Estória do Severino e a História da Severina; Ed. Brasiliense, 1998.

Codo, W., O que é Alienação; Ed. Brasiliense, 1986.

Comte, A., Os Pensadores; Ed. Abril.

Coulon, A., Etnometodologia; Ed. Vozes, 1995.

Durhan, E. R., A Caminho da Cidade; Ed. Perspectiva, 1973.

Ferrante, V. L. S. B., O Pulsar Desritmado do Coração na Agroindústria Paulista. Encontro Nacional de Encontros Temáticos do PIPSA, 1990.

- Freyre, G.**, Casa Grande e Senzala; Ed. Record, 2000.
- Guareschi, P. e Jovchelovitch, S.**, (orgs.) Textos em Representações Sociais; Ed. Vozes, 1999.
- Goffman, E.**, Estigma; Ed. Guanabara, 1988.
- Goffman, E.**, A Representação do Eu na Vida Cotidiana; Ed. Vozes, 1985.
- Halbwachs, M.**, A Memória Coletiva; Ed. Martins Fontes.
- Hilaire, A. S.**, Viagem a Província de São Paulo; Ed. Livraria Martins, 1945.
- Ianni, O.**, A Classe Operária Vai ao Campo. Cadernos Cebrap; Ed. Brasiliense, 1976.
- Iamamoto, M. V.**, Trabalho e Indivíduo Social; Ed. Cortez, 2001.
- IEA** - Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.
- Kowarick, L.**, Trabalho e Vadiagem; Ed. Brasiliense, 1987.
- Martins, J. de S.**, Os Camponeses e a Política no Brasil; Ed. Vozes, 1995.
- Martins, J. de S.**, A Sociedade Vista do Abismo; Ed. Vozes, 2002.
- Marx, K.; F. Engels**, A Ideologia Alemã; Ed. Martins Fontes.
- Marx, K.**, O Capital; Ed. Civilização Brasileira.
- Masur, J.**, O Que é Alcoolismo; Ed. Brasiliense, 1991.
- Masur, J. e Carlini, E. A.**, Drogas: subsídios para uma discussão; Ed. Brasiliense, 1993.
- Melo, M. da C. D’Incao**, Bóia-Fria: Acumulação e Miséria; Ed. Vozes, 1975.
- Minayo, M. C. de Souza**, Pesquisa Social; Ed. Vozes, 2000.
- Minayo, M. C. de Souza**, O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde; Ed. Hucitec – Abrasco, 1999.
- Moura, M. M.**, Os Camponeses; Ed. Ática, 1986.
- Nappo, S. A. e Notto, A. R.**, Cocaína: Crack, Merla e Pó. Cartilha de prevenção ao uso de drogas desenvolvida pelas pesquisadoras do CEBRID, 1987.
- Negri, B.**, Um Estudo de Caso da Indústria Nacional de Equipamentos. Dissertação de Mestrado – UNICAMP, 1977.

- Pollak, M.**, Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, R. Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992.
- Pollak, M.**, Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, R. Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.
- Queiroz, M. I. P. de**, O Campesinato Brasileiro; Ed. Vozes, 1973.
- Queiroz, M. I. P. de**, Bairros Rurais Paulistas; Ed. Duas Cidades, 1973.
- Ramos, P.** Agroindústria Canavieira e Propriedade Fundiária; Ed. Hucitec, 1999.
- Santiago, T.** A Manufatura e o Engenho de Açúcar no Brasil Colonial; Ed. Vozes, 1980.
- Sass, O.**, Fragmentos Sobre a Vida na Roça – Estudo Psicossocial com Pequenos Proprietários Rurais. Dissertação de Mestrado, PUC/SP 1982.
- Sissa, G.**, O Prazer e o Mal – Filosofia da Droga; Ed. Civilização Brasileira, 1999.
- Schütz, A.**, Fenomenologia e Relações Sociais, Textos Escolhidos; Ed. Zahar, 1979.
- Sigaud, I.** Os Clandestinos e os Direitos; Ed. Duas Cidades, 1979.
- Silva, J. G. da**, A Modernização Dolorosa; Ed. Zahar.
- Silva, M. A. de Moraes**, Errantes do Fim do Século; Ed. UNESP, 1998.
- Spink, K. P.**, Psicologia e Saúde: Repensando Práticas; Ed. Hucitec, 1992.
- Szmrecsányi, T.**, O Planejamento da Agroindústria Canavieira no Brasil; Ed. Hucitec, 1979.
- Vários Autores**; Indivíduo, Trabalho e Sofrimento; Ed. Vozes, 1998.
- Vários Autores**; A Mão-de-Obra Volante na Agricultura; Ed. Polis, 1982.
- Vários Autores**; Interacionismo Simbólico e Teoria de Papéis; Ed. Educ, 1998.
- Velho, G.**, Desvio e Divergência; Ed. Jorge Zahar, 1999.
- Woortmann, E.**, Herdeiros, Parentes e Compadres, Ed. Hucitec/UNICAMP, 1995.
- Williams, R.**, O Campo e a Cidade; Ed. Companhia das Letras, 2000.
- Zaluar, A. (org.)**, Drogas e Cidadania, Ed. Brasiliense, 1994.

Vídeos:

As Andorinhas: Nem Cá e Nem Lá. Projeto de Pesquisa: Maria Aparecida de Moraes Silva, UNESP – Araraquara, 1991.

A Greve de Guariba: Realização – FERAESP, UFSCAR e UFRJ. Imagens de Arquivo: TV Cultura, TV Manchete e CEDIC.

Casa Grande e Senzala: Produção TV Cultura.

Casa Grande e Senzala: Produção GNT. Direção: Nelson Pereira dos Santos. 2001.

Cortadores de Cana e o Consumo do Crack: Reportagem – Jornal Nacional, TV Globo, outubro 1997.

Brasil Caipira: Realização TV Cultura.